

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: AVALIAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO DE VÍTIMAS E AGRESSORES**

DIANA CAROLINA MORA GUERRERO

VITÓRIA

2016

DIANA CAROLINA MORA GUERRERO

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: AVALIAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO DE VÍTIMAS E AGRESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo
como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dra. Edinete Maria Rosa

Coorientadora: Prof^a Dra. Andrea dos Santos Nascimento

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G934v Guerrero, Diana Carolina Mora, 1988-
Violência no namoro : avaliação e estratégias de
enfrentamento de vítimas e agressores / Diana Carolina Mora
Guerrero. – 2016.
103 f. : il.

Orientador: Edinete Maria Rosa.
Coorientador: Andrea dos Santos Nascimento.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Jovens. 2. Violência no namoro. 3. Violência - Aspectos
psicológicos. I. Rosa, Edinete Maria. II. Nascimento, Andréa dos
Santos, 1974-. III. Universidade Federal do Espírito Santo.
Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

VIOLÊNCIA NO NAMORO: AVALIAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE VÍTIMAS E AGRESSORES

DIANA CAROLINA MORA GUERRERO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Aprovada em 15 de abril de 2016, por:

Prof^a. Dra. Edinete Maria Rosa - Orientadora, UFES

Prof^a. Dra. Andrea dos Santos Nascimento – Coorientadora, UFES

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro, UFES

Prof. Dr. Alexandre Cardoso Aranzedo, Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me permitir viver esta experiência tão gratificante em nível profissional e pessoal.

Ao meu pai e minha mãe, por todo o sacrifício feito por mim. Este sonho é por e para vocês. Eu só quero ser digna de seu orgulho e admiração.

À minha filha Camila, por toda essa força que sempre gera em mim. Eu a amo muito. Por você é que procuro ser uma pessoa melhor todos os dias.

A minhas orientadoras Edinete Maria Rosa e Andrea dos Santos Nascimento, por toda a paciência e o aprendizado conquistado. Obrigada por me ajudar com meu português, na minha gravidez e a adquirir todo este conhecimento de vida.

Às amig@s do mestrado que sempre me ajudaram, tanto no estudo quanto na parte pessoal. Nunca vou me esquecer do meu chá de bebê que fizeram com muito carinho. São atitudes que ficarão no meu coração e nas lembranças da Camila, minha filha. A minhas amigas Suzy e Larissa por me receberem em suas casas com tanto amor para comigo e com a Camila. Vocês são demais!

Aos meus amig@s estrangeiros que fizeram o período no Brasil tão agradável e divertido. Conhecer pessoas no exterior que se tornam sua família é o mais lindo desta experiência. Especialmente a minha amiga Ixchel, que se tornou uma irmã para mim.

Às pessoas que Deus colocou em meu caminho para me ajudar a resolver qualquer problema ou dúvida que tive em meu caminho neste *hermoso* país. Meus amig@s de corrida e a dona da casa em que morei a maior parte de minha estadia no Brasil (nossa vovó).

À OEA e ao CNPq por me dar esta oportunidade de estudo fora das fronteiras do meu país, foi incrível. Incentivo todos a fazerem o mesmo, não se irão se arrepender.

SUMÁRIO

RESUMO	7
RESUMEN	8
ABSTRACT	9
APRESENTAÇÃO	10
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Aproximações ao conceito de gênero	13
1.2 Violência de gênero	14
1.3 Juventude	18
1.4 Relacionamentos juvenis.....	22
1.5 Violência Física e Psicológica.....	24
1.6 Violência no namoro.....	26
1.7 Rede de apoio e estratégias de enfrentamento	35
2 OBJETIVOS	39
3 MÉTODO	39
3.1 Participantes.....	40
3.2 Instrumentos.....	40
3.3 Procedimento de coleta de dados.....	41
3.4 Procedimento de análise e interpretação de dados	42
3.5 Categorias de Análise.....	42
3.6 Avaliação ética de riscos e benefícios.....	43
4 RESULTADOS	44
4.1 Conceito e avaliação da violência	45
4.2 Avaliação da violência que agressores e vítimas sofreram em seu relacionamento	50
4.3 Relações afetivas na atualidade e perspectiva para novas relações	57
4.4 Enfrentamento da violência e rede de apoio	60
5 DISCUSSÃO	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
7 REFERÊNCIAS	82
Apêndice A- Instrumento I	99
Apêndice B- Instrumento II	100
Apêndice C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participantes (TCLE)	103

Mora-Guerrero, D. (2016). **Violência no namoro: avaliação e estratégias de enfrentamento de vítimas e agressores**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO

A presente pesquisa se propôs a investigar como os jovens agressores e/ou vítimas de violência física e/ou psicológica no namoro avaliam esses tipos de violência. Trata-se de um estudo exploratório, de caráter qualitativo, baseado em uma amostra composta por 10 jovens, 5 mulheres e 5 homens, com idades entre 18 e 30 anos, que vivenciaram violência física e/ou psicológica em seu relacionamento afetivo/sexual no passado. A coleta de dados foi realizada em três momentos: no primeiro, por meio de um questionário aplicado em diversas salas de aulas da Universidade Federal do Espírito Santo, sendo que os acadêmicos que concordaram em participar do segundo momento foram contactados por e-mail e por telefone. No terceiro momento utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado com questões sobre: violência física e/ou psicológica no namoro, características pessoais dos participantes e seus parceiros (as), conhecimento sobre a temática violência, a avaliação da violência e as formas de enfrentamento utilizadas em sua ocorrência e a rede de apoio procurada. As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade do participante, em horário definido e nas dependências do Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA) no prédio da graduação de Psicologia da UFES. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram analisadas conforme a Análise de Conteúdo, por meio da análise temática. Os resultados demonstram que os jovens compreendem muito bem o significado de violência física e psicológica. Evidencia-se uma bidirecionalidade das duas formas de violência, sendo que tanto os homens quanto as mulheres participantes foram vítimas e/ou agressores em suas relações. As estratégias de enfrentamento apresentadas ante os conflitos entre o casal, foram por meio de agressões físicas e verbais. Quando a violência ocorrer, os jovens fogem da situação, tentam acalmar seu parceiro ou revidam com violência também. A maioria dos jovens, em especial as mulheres, não procuraram ajuda especializada, nem mesmo da sua rede de apoio diante da situação. A análise dos relatos mostra que os episódios de violência não são suficientes para reconhecê-la como tal, uma vez que as crenças de um “amor romântico” persistem na sociedade, bem como ainda subsistem os padrões de identidade de gênero desiguais, que motivam e legitimam a reprodução da violência no namoro. Portanto, encontramos jovens universitários vivendo relações afetivo-sexuais violentas, em que tanto homens como mulheres são vítimas e agressores. Esses jovens possuem ferramentas de resolução de conflito abusivas e, por medo ou vergonha, preferem não conversar sobre a situação com amigos, familiares ou profissionais.

Palavras-chave: jovens, namoro, violência física, violência psicológica.

Mora-Guerrero, D. (2016). **Violencia en el noviazgo: evaluación e estrategias de enfrentamiento de víctimas e agresores.** Tesis de maestría. Programa de Pos-graduación en Psicología de la Universidad Federal del Espíritu Santo.

RESUMEN

La siguiente investigación se propuso investigar como los jóvenes víctimas y agresores de violencia física e/o psicológica en el noviazgo evalúan este tipo de violencia. Se trata de un estudio exploratorio, de carácter cualitativo, a partir de una muestra compuesta por 10 jóvenes, 05 mujeres e 05 hombres, con edades entre 18 y 30 años que vivieron violencia física e/o psicológica en sus relaciones afectivas/sexuales. Para recolectar los datos, varios estudiantes universitarios respondieron un cuestionario que fue aplicado en aulas de la Universidad Federal de Espíritu Santo, los jóvenes que aceptaron participar, fueron contactados por medio de correo electrónico o por teléfono. Seguidamente, fue utilizado una guía de entrevista semiestructurada con cuestiones sobre: violencia física e/o psicológica en el noviazgo, características personales de los participantes y sus compañeros (as), conocimiento sobre la temática de violencia, evaluación de la violencia y las formas de enfrentamiento utilizadas cuando ocurrió y la red de apoyo procurada. Las entrevistas fueron marcadas a partir de la disponibilidad del participante, en horario agendado, en las dependencias del Núcleo de Psicología Aplicada (NPA) en el edificio de graduación de Psicología de la UFES. Los jóvenes firmaron un Consentimiento Libre y Esclarecido. Las entrevistas fueron analizadas conforme al Análisis de Contenido, por medio del análisis temático. Los resultados demostraron que los jóvenes poseen una idea bastante clara sobre el significado de la violencia física e psicológica. Se evidencia una bidireccionalidad de ambas violencias, tanto los hombres como las mujeres que participaron fueron víctimas e/o agresores en sus relaciones. Ninguno de los sexos presentaron alguna estrategia de enfrentamiento ante la violencia, resolviendo los conflictos vividos por medio de agresiones físicas e verbales. Los jóvenes entrevistados no procuraron ayuda especializada, ni en su propia red de apoyo ante su situación. El análisis de los relatos evidencia que en el momento de la violencia, la misma no fue reconocida como tal, una vez que las creencias de un “amor romántico” persisten en nuestra sociedad, así como todavía subsisten los patrones de identidad de género desiguales, que motivan y legitiman la reproducción de violencia en el noviazgo. Por tanto, encontramos jóvenes universitarios teniendo relaciones afectivas-sexuales violentas, donde tanto hombres como mujeres son víctimas y agresores. Estos jóvenes no poseen herramientas de resolución de conflicto y por miedo o vergüenza prefieren no conversar sobre su situación con amigos, familiares o profesionales.

Palabras-clave: jóvenes, noviazgo, violencia física, violencia psicológica.

Mora-Guerrero, D. (2016). **Dating violence: evaluation and coping strategies in victims and aggressors.** Master's dissertation. Psychology Post Graduation Program of Federal University of Espirito Santo, Brazil.

Abstract

The next research had the purpose of researching how young victims and aggressors of physical and/or psychological violence in relationships evaluate this type of violence. This is an exploratory, qualitative study, with a sample of 10 young people, 5 women and 5 men, with ages between 18 and 30 years that suffered physical and/or psychological violence in their affective/sexual relationships. To collect the data, several college students answered a questionnaire that was applied in the classrooms of the Universidad Federal de Espirito Santo. The young people that agreed on participating were contacted via email or telephone. Then, a semi-structured interview guide was used on topics such as: physical and/or psychological violence in relationships, personal characteristics of the participants and their partners, knowledge about the violence subject, evaluation of the violence and coping strategies used when it happened, and the support network they reached out to. The interviews were marked based on the availability of the participant, in scheduled hours, in the offices of the Núcleo de Psicología Aplicada (NPA) in the building of Psychology graduation of the UFES. These young people signed a Free and Informed Consent. The interviews were analyzed based on Content Analysis, through thematic analysis. The results showed that these young people have a very clear idea about the meaning of physical and psychological violence. A bidirectionality of both types of violence was evident, both women and men were victims and/or aggressors in their relationships. None of the sexes showed a coping strategy to violence, solving their conflicts through physical and verbal aggression. The young people interviewed didn't seek any specialized help, not even in their own support network in their situation. The analysis of their stories shows that in the moment where the violence occurred, it was not recognized as such, given that the beliefs of a "romantic love" persist, as well as there are still some unequal gender identity patterns, that motivate and legitimate the reproduction of the violence in the relationships. We found young people from college having violent affective-sexual relationships, where both men and women were victims as well as aggressors. These young people don't have the tools for conflict resolution and due to fear and shame, they prefer not to talk about their situation with friends, family members or professionals.

Keywords: young people, relationships, psychological violence, physical violence

APRESENTAÇÃO

Eu penso, que nós, os (as) psicólogos(as), precisamos incrementar nosso conhecimento constantemente, pesquisando e adquirindo informações e experiências nos temas de interesse. Pois todos os dias surgem novos dados e você pode aprender algo diferente. Por isso, como psicóloga, desejei fazer o mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para aprender mais e obter uma maior qualificação em metodologia de pesquisa na área de pesquisa acadêmica. Lamentavelmente, não é uma área de estudo relevante na Costa Rica, mas espero que haja mais incentivos às investigações de diversos temas de interesse público, em nível regional e no país, pois muitas vezes, para trabalhar no campo clínico ou de pesquisa, não existe o conhecimento nem a informação necessária para abarcar os problemas que surgem diariamente. Na Costa Rica, sempre adorei trabalhar com pessoas em vulnerabilidade, ficando concentrada em temas sobre violência, violência intrafamiliar, drogas, deserção escolar, entre outros. Desde o início, o interesse foi trabalhar com mulheres que sofreram violência de gênero ou violência doméstica. Mas, como é um fenômeno muito pesquisado, com muito material escrito, resolvi ir mais além, ou neste caso, estudar o problema na raiz, pois muitos estudos de violência de gênero mencionavam que nem sempre a violência acontece apenas entre as pessoas casadas, mas é um problema que também ocorre antes do casamento. Assim, a principal motivação para realizar esta dissertação foi conhecer e entender melhor o porquê das situações de violência nas relações afetivo/sexuais na juventude.

Para aperfeiçoar meus conhecimentos, estudar no Brasil se tornou uma opção viável. O Brasil é um país maravilhoso e Vitória, a capital do Espírito Santo, é uma cidade linda demais. E, após ter estudado português na Costa Rica por dois anos, me sentia preparada para esse novo momento.

Contudo, embora tivesse imaginado que não seria fácil estudar e fazer mestrado em outro país, falando uma língua diferente e em uma área que não dominava, trabalhar com investigação (metodologia qualitativa) algumas vezes foi muito mais difícil. Não era tão complicado entender as explicações dos(as) professores(as) ou fazer amizades, mas na hora de falar e escrever de forma acadêmica foi complexo demais. Essas dificuldades reforçaram a decisão tomada e me conduziram para realizar este trabalho com base nos estudos realizados e com a colaboração dos docentes do curso.

Para isso, minha orientadora e eu decidimos trabalhar violência no namoro com pessoas jovens e universitárias. Adorei a ideia, em primeiro lugar porque aprecio muito trabalhar com adolescentes e jovens e, em segundo lugar, porque assim poderia comprovar a hipótese de que os problemas de violência no casal começam antes do casamento. Outro desafio seria investigar se sofrer violência no namoro era algo exclusivo da mulher ou que acontecia em ambos os sexos.

Tive uns dias mais difíceis do que outros, mas apesar dos obstáculos, finalizei o mestrado com sucesso. O mérito não é só meu, tive muita ajuda, especialmente de minhas orientadoras. Elas tiveram muita paciência e sempre conversavam comigo com carinho e consideração. Também tive apoio de meus colegas do mestrado e outros (as) professores(as). Graças a Deus, um trabalho em equipe, que finaliza de forma bem-sucedida com muitos aprendizados ao longo do caminho.

1 Introdução

O Informe Mundial sobre Violência e Saúde, segundo a Organização Mundial da Saúde, descreve como violência juvenil (10 a 29 anos), atos agressivos que abrangem desde a intimidação, até formas mais graves, como os homicídios. O documento menciona que a violência entre casais acontece em todos os países, culturas e níveis socioeconômicos e abrange tanto agressões físicas, sexuais e psicológicas como o controle sobre a outra pessoa e ocorrências de humilhação (Dahlberg & Krug, 2006).

No documento “Mapa da Violência Brasil 2014, Os Jovens do Brasil”, Waiselfisz (2014) apresenta as causas de mortalidade entre os jovens, sendo que 71,1% ocorrem por causas externas e, dessa porcentagem, 38,7% são por homicídios. No que se refere ao objeto deste estudo, a partir da década de 1980 começaram os estudos sobre violência nas relações de intimidade juvenil, pois anteriormente a violência estava associada estritamente às relações conjugais. Dessa forma, pesquisadores brasileiros têm enfatizado a inter-relação entre namoro, violência e juventude na dinâmica de diferentes casais de namorados (Ataíde, 2015; Caridade & Machado, 2008).

Segundo Gomes (2011), o período da juventude se amplia cada vez mais, abrange uma larga faixa etária que vai dos 15 aos 30 anos e se constitui na etapa da vida sobre a qual existe maior expectativa social. Percebe-se que não mudou somente o período que compreende a juventude, mas também os tipos de relacionamentos existentes entre os jovens. O namoro não é o único tipo de relacionamento afetivo/sexual que os jovens costumam ter antes do noivado e do casamento. Relações de curta duração como o “ficar” são uma prática muito comum nas relações juvenis. Contudo, elas apresentam diferenças quanto ao compromisso, intimidade e afetividade estabelecidos entre os pares (Mourão, 2014; Smeha & Oliveira, 2013).

Os estudos revelam que muitas mulheres que são agredidas durante o matrimônio vivenciaram violência no namoro, porém não a identificaram previamente como tal (Ataíde, 2015; de Prevención & Ciudadana, 2012). Fato que poderia explicar a demora em nível científico de realizar estudos sobre a violência na intimidade juvenil. Atualmente, a violência no namoro é um problema social reconhecido mundialmente pela alta prevalência de casos, pela crescente banalização e legitimação das práticas violentas, pelas consequências físicas e psicológicas decorrentes e pelas diferenças de gênero subjacentes ao fenômeno (Ataíde, 2015; Mourão, 2014; Flake et al., 2013; Lamoglia & Minayo 2009; Póo & Vizcarra, 2008; Medina & Barberet, 2003; Vives, Álvarez-Dardet & Caballero, 2003).

Diversos estudos nacionais e internacionais sobre a violência no namoro apresentam aspectos importantes do estudo desse fenômeno (Gómez, Vicario & García, 2015; Saavedra & Machado, 2012; Nascimento & Cordeiro, 2011; Castro, 2009; Póo & Vizcarra, 2008). Por exemplo, há um debate científico em torno da questão da simetria de gênero, mais especificamente sobre a

reciprocidade da violência, uma vez que nas relações amorosas juvenis tanto homens como mulheres são vítimas e agressores de diferentes tipos de violência (física e psicológica) (Alfonso & Teixeira, 2015; Gómez, Vicario & García, 2015; Mourão, 2014; Caridade & Machado, 2006). Não há, contudo, estudos em números equivalentes sobre a rede de apoio e as estratégias de enfrentamento dos jovens que sofreram ou praticaram algum tipo de violência em suas relações afetivo-sexuais (Soares, Marques & Njaine, 2013; Freedener et al., 2002, citado por Castro, 2009). Nesse sentido, a presente investigação propõe-se a explorar em quatro eixos temáticos o fenômeno da violência no namoro por meio de dez entrevistas com jovens estudantes universitários e evidenciar as diferenças referentes aos gêneros.

O primeiro eixo temático apresenta os conceitos de violência no namoro, violência física e psicológica para os jovens. O segundo eixo temático trata da análise que os jovens fazem da violência em geral, causas e consequências, e a violência que eles sofreram e praticaram em seus relacionamentos. O terceiro eixo abrange os conceitos e as práticas dos tipos de relacionamentos “ficar” e “namorar”, assim como as perspectivas para novos relacionamentos depois de ter vivenciado alguma forma de violência. Por último, o quarto eixo temático descreve as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos jovens ante a violência no namoro, sofrida e/ou praticada, a rede de apoio encontrada, e o papel que cumpre a família, os pares, os profissionais e as instituições de ajuda às vítimas.

Da mesma forma, o presente trabalho é composto por seis seções: Na primeira, realiza-se um recorte teórico referente à violência no namoro. Reserva-se à explicação o conceito e as definições da violência no namoro, tanto física como psicológica; os diferentes tipos de relacionamentos atuais, a saber: namorar e ficar, e uma aproximação ao conceito de gênero e violência de gênero, estratégias de enfrentamento, rede de apoio, evidências empíricas, fatores de risco, as consequências e as diferenças de gênero.

Na segunda e terceira seções, encontram-se o objetivo geral e os específicos do presente estudo, o método utilizado, a caracterização dos participantes, os instrumentos e as técnicas de coleta de dados, os procedimentos, e a técnica de análise e tratamento dos dados. Na quarta e quinta seções estão os resultados e as discussões dos mesmos. A sexta e última seção apresenta as considerações finais sobre o estudo.

1.1 Aproximações ao conceito de gênero

O conceito de gênero surgiu nas Ciências Sociais para se compreender o que é homem e o que é mulher no contexto social. Refere-se aos fatores psicológicos, sociais e culturais que são determinados historicamente para cada sexo (Gomes et al., 2007; Deaux 1984; citado por Dias & Machado, 2008).

Simone de Beauvoir (1980, citado por Ataíde, 2015), afirmava que não se nasce mulher. E essa afirmação pode ser entendida tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. O significado de gênero vem muitas vezes sendo confundido com a ideia do sexo feminino, quando, na realidade, surgiu para destacar a distinção existente entre essas duas categorias. Sexo indica apenas uma parte anatômica no corpo humano, enquanto gênero significa uma construção social, por meio das relações sociais, que diferencia as pessoas conforme o sexo biológico.

Simone de Beauvoir (1998, citada por Moraes, 2013) também explicou que o que a sociedade chama de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder. Da mesma forma, afirmou que não se deve esquecer que o gênero refere-se tanto aos homens quanto às mulheres, embora a maioria dos estudos de gênero seja dedicada exclusivamente à mulher.

Os modos como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que ensina a agir conforme cada gênero. Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem se comportar e pensar. Também há modos específicos de trabalhar, ensinar, dirigir o carro, ingerir bebidas e outras atividades (Ataíde, 2015).

Segundo Saffioti (2004), gênero não é um conceito neutro, e deve ser compreendido com base em uma ideologia patriarcal, que perpetua uma desigualdade (de poder) entre mulheres e homens. Da mesma forma, para Scott (1995), gênero é um elemento formado de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é uma forma de explicar as relações de poder. É nesse contexto que o estudo sobre violência de gênero se insere.

1.2. Violência de gênero

A violência de gênero é definida por Lisboa, Barroso, Patrício e Leandro (2009) como:

[...] uma violência estreitamente associada à reprodução dos estereótipos e papéis de gênero e aos complexos e dinâmicos processos de construção das identidades, que não se confina às relações íntimas, heterossexuais e/ou homossexuais, mas que atravessa toda uma dimensão interpessoal, e institucional (família, escola, trabalho), intergêneros, intrafeminina e intramasculina (p. 26).

Para Heise e Garcia (2002) a violência de gênero é qualquer comportamento violento de caráter sexista que cause danos em nível físico, sexual ou psicológico, tais como ameaças, privação de liberdade, coação, e ocorra em qualquer contexto. Portanto, embora a violência de gênero seja majoritariamente praticada contra as mulheres, os homens também podem ser vítimas desse tipo de violência, a qual é efetivada por meio de relações de poder desproporcionais (Alvim & Souza, 2005).

A violência de gênero é praticada por homens e mulheres de todas as idades, começa na puberdade, na fase da vida em que as pessoas começam a se relacionar em nível íntimo com o (a) outro (a). Moreno, Sastre e Hernández (2003) apresentaram, por meio de sua investigação com 118 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 16 anos, como os processos de socialização podem gerar representações mentais que contêm a gênese da tolerância ou intolerância e a aceitação ou negação da violência de gênero. Os adolescentes entrevistados apresentaram pensamentos conservadores como, por exemplo, a ideia tradicional de amor romântico, que acarreta a entrega total ao ser amado e a busca da felicidade do outro, acima da própria. Portanto, muitos comportamentos violentos estão relacionados à crença e à desigualdade dos modelos sexistas ainda vigentes na atualidade, não apenas na população adulta, mas também nas gerações mais novas, para as quais se transmitem esses modelos por meio da cultura.

Schleiniger (2013) constatou em seu estudo sobre a violência e as relações de gênero nos relacionamentos afetivos e sexuais entre adolescentes que os discursos de gênero estiveram presentes nas opiniões, crenças e atitudes dos (as) adolescentes, assim como nas expectativas familiares, sendo que os papéis tradicionais de gênero criam situações favoráveis para a produção e/ou a invisibilidade da violência.

Gomes (2011) ressalta a importância de pesquisar as características tidas como universais de “ser homem” e “ser mulher”, e assim combater a violência simbólica procurando sua desnaturalização, uma vez que essas características acabam por desqualificar um gênero para beneficiar o outro. Na América Latina existem valores próprios da identidade masculina como “força”, “poder” e “domínio”, e para a identidade feminina os valores de “debilidade”, “controle” e “necessidade de proteção” (Citado por Gómez, Vicario & García, 2015). Estas características próprias outorgadas a cada gênero colocam a mulher em desvantagem em relação ao homem e dificultam a luta por uma igualdade de gênero, embora a sociedade atual não seja a mesma de algumas décadas atrás, como na sociedade patriarcal.

Assim, a Teoria dos Papéis de Gênero remete para a observação do papel que uma pessoa desempenha em um determinado contexto social, considerando as expectativas da sociedade sobre a pessoa. O comportamento das pessoas, certamente, não é o único fator a ser observado para se considerar uma sociedade sexista ou não, é necessário analisar ainda as crenças e as atitudes daquela sociedade (Michener, Delamater & Myers, 2005, citado por Torres, 2014). Em muitas culturas patriarcais os papéis de gênero valorizam o homem e colocam a mulher em um plano inferior, existindo papéis socialmente impostos a cada uma das partes. Esta assimetria nos papéis pode constituir um modelo familiar violento, com tendência a ser reproduzido entre jovens e adolescentes e nas relações destes grupos (Gomes, Diniz, Araújo & Coelho, 2007).

Por outro lado, esta crença de que os homens são mais fortes e dominantes e as mulheres mais frágeis e submissas, tem originado, pelo menos nas sociedades ocidentais, atitudes mais desfavoráveis à violência praticada por eles do que à violência praticada por elas, que é considerada menos grave e mais justificável (Archer, 2000; Dutton & Nicholls, 2005). Essa crença tem como consequência a discriminação dos homens vítimas de violência no namoro que, quando procuram ajuda junto às instituições de apoio, acabam muitas vezes sendo ridicularizados ou acusados de serem eles os agressores (Douglas & Hines, 2011).

Por conseguinte, Minayo, Assis e Njaine (2011) mencionaram que a violência nas relações de namoro ou na prática do “ficar” deve ser compreendida em um contexto de violência social, referentes às relações sociais através da história. Portanto, a violência entre jovens namorados vem sendo influenciada por fatores e modelos culturais que geram a reprodução de formas de agir e comportar-se no mundo. Entre esses fatores, pode-se destacar a influência dos fatores socioculturais ou individuais sobre outras variáveis, tais como: a falta de autocontrole, perturbações mentais, violência na infância e características de agressividade. Também se pode elencar as crenças e as atitudes que legitimam o uso de violência na resolução de conflitos ou que a banalizam, levando à sua desvalorização e ao não reconhecimento do comportamento violento como tal, particularmente em comportamentos violentos menos severos e na violência sexual (Filipe, 2013).

Da mesma forma, destaca-se a violência simbólica de gênero presente nos fatores culturais de condutas adequadas para homens e mulheres no namoro, no “ficar” e na relação sexual. Tais papéis de gênero são comuns entre os jovens e os familiares e controlam os comportamentos de homens e mulheres por meio dos discursos hegemônicos de gênero. No estudo de Scheiniger (2013) identificou-se que a banalização da violência, os ideários românticos e as expectativas sociais quanto aos papéis de gênero estão relacionados com a violência presente nas relações dos jovens.

Dentro dos indicadores sociais encontra-se a violência de gênero como um fenômeno que afeta todas as classes sociais. A discussão está centrada na violência de gênero que envolve a juventude, aquela que ocorre no âmbito das relações amorosas entre jovens. No Brasil, ao final dos anos 1990, a violência de gênero surgiu como categoria de estudos para evidenciar as grandes desigualdades entre homens e mulheres (Gomes, 2011).

Por outro lado, Santos (2009) mencionou alguns fatores de risco que podem influenciar uma pessoa a ter graus diferenciados de tolerância frente à violência de gênero. Esses fatores são: gênero, atitudes sexistas, educação e modelos observados, educação desigual entre irmãos—sobre violência de gênero, crenças sobre o amor romântico e mitos da violência de gênero, tendência a culpar a mulher e a desculpar o homem das situações de violência entre os casais.

Existem estudos que investigam a prática da violência de gênero segundo o sexo. Dixe, Rodrigues, Freire, Rodriguez, Fernandes e Dias (2010) em um estudo para determinar a prevalência

de comportamentos violentos na relação de namoro, de acordo com o gênero, em estudantes de ensino superior encontraram uma maior quantidade de comportamentos de violência de gênero no sexo masculino do que no sexo feminino. Assim como Cantera e Blanch (2010), em um estudo sobre o grau de estereótipos de gênero e sobre violência de gênero em si, concluíram que o homem pratica mais violência física e psicológica contra a mulher.

Da mesma forma, estudos internacionais realizados com jovens também evidenciaram a existência de condutas de violência de gênero desde a pré-adolescência, apresentando diferenças segundo o sexo. Em pesquisa recente, Gómez, Vicario e García (2015) entrevistaram 156 adolescentes, 77 mulheres e 79 homens do Chile. O estudo identificou a existência de comportamentos associados à violência de gênero nesse grupo de jovens. Foram encontradas ainda, pensamentos e comportamentos de desigualdade entre os diferentes sexos; as mulheres mostraram mais comportamentos de gênero tradicionais do que os homens, especialmente na violência psicológica.

No estudo de Alvim e Souza (2005), homens e mulheres que mantinham uma relação íntima (casados e namorados) e que se apresentaram como vítimas e agressores da violência física e/ou psicológica na relação foram argumentados a respeito das causas que eles atribuíam à violência entre eles. Os participantes consideraram a intolerância e a falta de alteridade como as principais causas dos conflitos geradores dos episódios de violência física e psicológica entre o casal, atribuindo a si (e não às características do contexto social) a responsabilidade pela violência sofrida ou praticada. Assim, respostas do tipo “algo de meu interior”, “uma energia negativa que vem dentro de mim”, compuseram as respostas dos participantes quando questionados a respeito dos motivos da violência.

Por último, considera-se importante explicar de forma simplificada os conceitos de crenças e atitudes para uma maior compreensão da pesquisa. Beck (1979) citado por Couto (2013) menciona que as crenças são um sistema de regras pessoais, formadas por princípios estipulados por cada indivíduo, quase sempre com base em valores morais. As crenças têm um forte componente cognitivo, pois é por meio da informação assimilada ao longo dos anos, da experiência adquirida e da racionalização dos dados que são apreendidos, que o ser humano adota um sistema de crenças e por meio dos quais guia comportamentos e pensamentos.

Por outro lado, as atitudes também são um constructo importante para se compreender as práticas da violência e se constituem como objeto primordial de estudo da Psicologia Social. Segundo a pesquisa de Aveiro Colares et al., (2002), as atitudes são disposições pessoais, as quais impulsionam o indivíduo a reagir e sentir em relação à pessoas, objetos, situações e questões sociais. Essas podem ser utilizadas como elementos na explicação do comportamento humano. Desse modo, são as atitudes que determinam como as pessoas se posicionam frente aos outros e aos acontecimentos e é

em função delas que se avaliam sentimentos, comportamentos e escolhas, podendo ser fortes preditores de comportamentos. Portanto, para poder analisar a violência de gênero presente na sociedade e nas relações íntimas juvenis é fundamental compreender e pesquisar sobre as crenças e atitudes (pensamentos arraigados e rígidos desde a infância que podem gerar certos tipos de comportamentos diante de determinadas situações) dos jovens, de sua família e de seu entorno (grupos e pares). Isso permitirá identificar e entender os comportamentos violentos entre um casal. Nesse aspecto, é importante compreender o que é juventude e como ela vem sendo retratada.

Na literatura e na investigação desenvolvida na área da violência no namoro fica evidente que as atitudes perante a violência influenciam a ocorrência de violência nas relações afetivo-sexuais. Segundo Lima (2006), cada indivíduo, com base nos seus valores, sentimentos, crenças e experiências, adota diferentes atitudes e comportamentos. As atitudes representam um “constructo hipotético referente à tendência psicológica que se expressa numa avaliação favorável ou desfavorável de uma entidade específica” (Lima, 2006, p.188.). Especificamente, um conteúdo hipotético sugere que as atitudes não são diretamente observáveis, ou seja, caracterizam-se por um processo psicológico interno do indivíduo, em que a inferência explica a relação entre a situação e o comportamento do indivíduo, em uma determinada situação. Por sua vez, o julgamento avaliativo/resposta refere-se à forma de expressão das atitudes (favorável/desfavorável) (Lima, 2006).

Nesse sentido, as atitudes pressupõem três características, especificamente, a direção (favorável/desfavorável), a intensidade (fraca ou extrema) e a acessibilidade (quando ocorre uma ativação na memória). Observa-se também três modalidades de resposta avaliativa: cognitiva (relação entre o objeto e as consequências, dão uma avaliação favorável ou desfavorável, pensamentos, ideias e crenças), afetiva (emoções e sentimentos provocados pelo objeto de atitude) e comportamental (comportamentos ou intenções comportamentais) (Lima, 2006).

1.3. Juventude

Segundo Minayo, Assis e Njaine (2011), a juventude constitui a etapa da vida sobre a qual existe maior expectativa social; é um estágio do desenvolvimento de construção para a vida adulta que pode ir dos 15 aos 30 anos, mesmo que haja alguma variação entre os autores da área. As autoras definem a condição juvenil como a etapa em que o ser humano completa sua formação física, intelectual, psíquica, social e cultural, passando da condição de dependência à autonomia em relação ao núcleo familiar.

Abramo (1997) conceitua a juventude baseado na corrente sociológica, como um momento de transição no ciclo da vida, da infância para a maturidade, e como um momento específico e dramático de socialização, em que os jovens se tornam membros com potencial de produção e, por isso, se tornam mais “visíveis” socialmente. Esse processo ocorre por meio da aquisição de mais

possibilidades de interagir com aspectos culturais na sociedade e de desenvolvimento dos papéis sociais esperados.

No documento Juventude e Adolescência no Brasil (Abramo & León, 2005, p. 12) encontra-se a definição de adolescência construída pela UNICEF, a qual menciona ser esta uma “fase específica do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto”; acrescenta, logo em seguida, que é “muito mais que uma etapa de transição, contemplando uma população que apresenta especificidades, das quais decorrem uma riqueza e potencial únicos” (UNICEF, 2002, citado por Abramo & León, 2005, p. 29).

O texto assinala como a adolescência não pode ser compreendida como uma condição de igualdade para todos, pois abarca grandes diversidades e desigualdades. Da mesma forma, assinala que as palavras “desenvolvimento” e “preparação” são termos-chave para compreender o ser adolescente, já que contêm fortemente a ideia de preparação para inserção futura (trabalho), em uma dimensão de participação e cidadania ativa.

No estudo realizado por Bock (2004) a autora debate as concepções de adolescência presentes em livros de psicologia destinados a orientar pais e professores. O estudo faz uma leitura crítica dessas concepções, pois para Bock, na psicologia, as definições de adolescência têm sido tomadas como uma fase natural do desenvolvimento, apresentando que todos os seres humanos passam por essa fase antes de iniciar a adultez.

Bock, assinala como vários autores da psicologia apresentam a adolescência como uma fase difícil, carregada de conflitos internos e externos, na qual os adolescentes encontram muitas dificuldades, sendo considerada como uma fase problemática na vida do ser humano.

Tanto em uma versão quanto em outra, a adolescência fica concebida como uma fase difícil, como uma fase problemática da vida, que deve ser superada. As características específicas da adolescência (se é que existem) são tomadas como negativas ou como bobagens da idade. O adolescente como parceiro social é visto com desconfiança e suas ações são tomadas como imaturas. O jovem fica desvalorizado na sociedade e o mundo adulto, em seu conservadorismo, reforçado. (Bock, 2004, p. 10)

Na literatura pesquisada no estudo de Bock (2004), a adolescência em geral apresenta-se com características negativas e os adolescentes são mostrados como imaturos e incompletos. A relação com os adultos é apresentada como uma relação difícil e conflituosa, configurando uma luta em que os jovens querem se libertar dos pais e estes não querem perder o controle dos filhos.

Bock (2004) menciona ainda como a cultura tende a valorizar o adulto produtivo e a desvalorizar todas as outras fases improdutivas (infância, velhice). Na análise realizada pela autora, o adolescente é apresentado como um ser universal, ainda que sejam evidentes as diferenças entre os grupos das diferentes classes sociais, em razão de diferentes formas de inserção social. Nas próprias palavras da autora, “pensar a juventude como uma manifestação da natureza humana é desvalorizá-la e condená-la à identificação com modelos vazios em termos de inserção na sociedade. É preciso superar estas concepções” (Bock, 2004, p.14).

Portanto, Bock (2004) apresenta ao leitor a perspectiva sócio-histórica de Leontiev sobre o significado da adolescência. Nela, a adolescência não é apresentada como uma fase natural do desenvolvimento nem como uma etapa que se encontra entre a infância e a vida adulta.

Leontiev, segundo Bock (2004), apresenta a adolescência como uma construção social, um momento elaborado e construído no seio da nossa estrutura econômica e social. Portanto, Bock assinala como a adolescência é construída como fato social e como significado, convertendo-se em uma possibilidade para os jovens, uma forma de identidade social. No estudo de Bock (2004) retoma-se o processo social da adolescência, o qual é referido como um período de latência social constituído com base na sociedade capitalista, e explica como questões sociais e históricos como são, o ingresso no mercado de trabalho e a extensão do preparo escolar, vão formando uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta.

Bock (2004) acrescenta que a moratória, na qual se encontram os jovens, não é uma etapa do desenvolvimento e sim um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para que os adultos pudessem permanecer mais tempo no mercado de trabalho. Desse modo, dariam oportunidade aos jovens (por meio da escola, por exemplo) de se prepararem melhor para responder às exigências do novo mundo do trabalho.

Para Bock (2004), a adolescência instala-se de forma inequívoca na sociedade, pois não existe nada de patológico nem nada de natural em seu significado. Para a pesquisadora, a adolescência é uma construção social e histórica e pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social. Da mesma forma, pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade e não tão clara em outros grupos humanos.

Por outro lado, uma definição mais recente de juventude, e que complementa a apresentada pela autora anterior, é a do Projeto Juventude, da Fundação Perseu Abramo, a qual realiza pesquisas com jovens em todo o território nacional com o objetivo de apresentar um perfil da juventude brasileira:

[...] trata-se de uma fase marcada centralmente por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida. Essa fase do ciclo de vida não pode mais ser considerada, como em outros tempos, uma breve

passagem da infância para a maturidade, de isolamento e suspensão da vida social, com a “tarefa” quase exclusiva de preparação para a vida adulta. Esse período se alongou e se transformou, ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas. (Abramo & León, 2005, p. 31)

Tal prolongamento se deve, em parte, à necessidade de estender o tempo de formação, de escolaridade e de capacitação profissional, mas também em decorrência das dificuldades de inserção na vida adulta que caracterizam, hoje, o tornar-se adulto. Além disso, as experiências das gerações juvenis anteriores ampliaram a vivência dos jovens em dimensões mais participativas, experimentais e autônomas no campo do lazer, da cultura, da sexualidade e da sociabilidade.

Talvez resida aqui a diferença desse período em relação ao precedente, o da adolescência: representa um momento distinto do processo de transição para a vida adulta, mais próximo dos âmbitos de circulação e atuação dos adultos, em que a inserção em diversas esferas da vida social toma um relevo maior, embora vivenciada de um modo singular.

O tema trabalho possivelmente é um dos mais evidentes para diferenciar os níveis entre as duas fases da condição juvenil: se para os adolescentes o trabalho aparece como dano ao processo de desenvolvimento e deve ser combatido, ou postergado, para os jovens de mais de 20 anos é fundamental uma abordagem diferenciada.

Abramo e León (2005) destacam alguns pontos relevantes:

1. Será que as mudanças no conceito de juventude significam um retardamento da entrada na vida adulta (do término da formação escolar, da entrada no mercado de trabalho, da saída da casa dos pais, da independência financeira, da maternidade e paternidade)? Abramo destaca que os dados analisados no Brasil permitem constatar que hoje, embora aumente gradativamente a importância da formação e os jovens estudem mais e por mais tempo, crescem também, em termos de práticas e significação social, outras dimensões de vivência e participação, como a sexualidade, a cultura, o trabalho, a interferência na comunidade etc.
2. O abandono da ideia de um padrão único de trajetória de transição para a vida adulta e de vivência da condição juvenil faz aumentar a percepção da heterogeneidade das situações e das desigualdades.

Portanto, há uma tendência a considerar que, além dos direitos relativos à formação e ao preparo para a vida adulta futura, é necessário afirmar os direitos dos jovens à participação (na vida social, produtiva, cultural). O tema do trabalho é um deles, trata-se de ir além do direito à formação e qualificação profissional. Implica em pensar de que forma se deve falar em direito a um trabalho decente, utilizando-se do controle das condições de trabalho dos jovens (Abramo e León, 2005).

Dado o entendimento que a juventude é uma fase relacionada ao desenvolvimento humano diferente em todas as culturas, exploraremos os relacionamentos afetivos juvenis e os estudos que discutem as práticas do “ficar” e “namorar” na atualidade.

1.4. Relacionamentos na juventude

Para Smeha e Oliviera (2013), os jovens adultos estão se envolvendo cada vez mais em relações amorosas de curta duração. Essas relações podem durar horas, dias, semanas ou meses. De acordo com Wolfe (2000), esse tipo de relação envolve experiências sexuais, mas os comportamentos podem variar. Marcos (2014) afirma que são relações sem exigência de compromisso emocional e, mesmo com algumas contradições, permite perceber que a marca do “ficar” reside exatamente no descompromisso emocional existente em outras relações como de namoro, noivado ou casamento. Socialmente, o par não se assume como par permanente, apenas como casal temporário.

Por meio do estudo de Smeha e Oliveira (2013) sobre relacionamentos amorosos, nota-se que os jovens, na atualidade, procuram relações que satisfaçam alguma carência, proporcionem momentos de diversão e sejam companhia por uma noite. No referido estudo, as relações foram descritas pelos participantes com predomínio da individualidade, superficialidade, pouco investimento e instabilidade.

Em um estudo com oito adolescentes, Erlandsson, Nordvall, Ohman e Haggstrom (2012) concluíram que a diferença entre o “ficar” e o “namorar” consiste em que na primeira situação não parece haver laços afetivos, nem exigências entre os parceiros, caracterizando maior independência. Os participantes mencionaram que a intimidade é muito maior na relação romântica do que na relação esporádica ou “no ficar”.

Como visto, o contexto dos relacionamentos amorosos entre os adolescentes não é só caracterizado pelo namoro, havendo também espaço para o ficar. O ficar é definido por Justo (2005) como:

Um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com duração de apenas algumas horas (...) Outra característica importante é que o ficar não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento fortuito e sem maiores consequências ou envolvimento futuros (Justo, 2005, p. 74).

Por outro lado, observa-se que o ficar pode estabelecer uma relação análoga entre aquela existente entre o namoro e o casamento. O ficar pode ser a forma de conhecer melhor uma pessoa, com fins de namoro, ou pode ser um fim em si mesmo, sem pretensões de relacionamentos futuros. Segundo Justo (2005), o “ficar” não implica necessariamente em compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores consequências ou envolvimento profundos. Para Justo (2005), o “ficar” seria um relacionamento modelo da pós-modernidade, caracterizado pela sensorialidade, pela brevidade dos contatos, pela ausência de

exclusividade e de compromisso, marcado pela descartabilidade do outro e pela não obrigatoriedade da presença de sentimentos.

Os adolescentes no estudo de Castro (2009) mencionaram que o “ficar” pode ser entendido tanto de maneira ocasional e sem compromissos e também como um relacionamento que culmina em namoro. Segundo os/as adolescentes participantes do estudo, o ficar teria duas motivações principais: ou se encerraria em um relacionamento em si mesmo, marcado pela liberdade e pela falta de compromisso, ou seria uma ponte para um relacionamento futuro de namoro. Segundo o estudo de Castro (2009), a opção pelo relacionamento “ficar” deve-se ao medo de traição por parte dos parceiros e parceiras, bem como de ter seus sentimentos desvalorizados pela outra pessoa.

Durante a adolescência, um dos principais vínculos estabelecidos entre os casais caracteriza-se pela atração física, a necessidade de companhia e as experiências românticas, e se denomina namoro. No namoro são satisfeitas as necessidades afetivas e sociais e são desenvolvidas as habilidades empáticas e as competências sociais. O namoro pode ser definido como uma experiência romântica, de vinculação, compromisso e apoio social entre duas pessoas (Rodríguez & Barajas, 2013).

Couto (2013) afirma que o namoro pode ser entendido como uma relação amorosa entre duas pessoas que ainda não estão casados ou em noivado, e compartilham uma ligação emocional, romântica, e/ou sexual, que vai além da amizade. Esta definição também inclui as relações entre casais homossexuais.

De modo geral, o namoro pode ser compreendido como uma relação que envolve a interação social e a realização de atividades em conjunto com uma intenção explícita ou não de continuar a relação até que uma das partes termine ou até que seja estabelecida uma relação de maior compromisso como casamento ou coabitação (Oliveira, 2011, p.3).

Segundo Coelho e Machado (2010), o namoro pode ser tanto uma relação saudável como pode ser uma relação prejudicial (com presença de violência). Uma relação de namoro saudável possui fatores determinantes, como a existência de crenças, valores e interesses em comum, o investimento emocional, proximidade física e emocional, respeito e comunicação, honestidade, confiança, entre outros. Por outro lado, uma relação não saudável possui elementos negativos, por parte de uma ou ambas as partes, como, por exemplo: controle, possessividade, ciúmes, dependência, infidelidade, problemas familiares, abuso de drogas lícitas e ilícitas. Esses fatores podem influenciar a relação e resultar em situações de violência entre o casal.

Ainda assim, somente com a experiência do namoro um casal pode realmente se conhecer, estabelecer vínculos afetivos mais sólidos, frequentar a casa do/a namorado/a. Observa-se como a característica antes positiva de liberdade do ficar, agora seria valorada de forma negativa, já que os relacionamentos envolveriam maior proximidade, e a pessoa poderia se revelar em maiores

detalhes.

No estudo de Castro (2009), um elemento que emergiu na fala dos adolescentes sobre o namoro (e que não apareceu em nenhum outro tipo de relacionamento) foi o envolvimento das famílias nas relações de namoro. O ato de apresentar o/a parceiro(a) à família ainda funcionaria para muitos como o “elemento de transição” entre o ficar que se encerra e o namoro que se inicia, ao colocar “o outro” como parte do cotidiano e diante dos olhos atentos dos familiares. Outro aspecto presente no estudo de Castro (2009) refere-se o impacto do fim dos relacionamentos nas vidas dos namorados, marcado por sentimentos de tristeza e manifestações de sofrimento.

Outro sentido dado ao fim de um relacionamento seria a possibilidade de vivenciar outros relacionamentos em consequência do fim de uma relação que perdeu o “encanto” por causa da rotina. Para Castro (2009), a visão romântica do amor pode contribuir para relações asfixiantes entre adolescentes, pois o amor aparece como uma justificativa para o controle pelo parceiro. Em situações mais graves, o “amor” pode ser usado como estratégia para coagir a outra pessoa a fazer algo que ele (a) realmente não quer, como ter relações sexuais.

Ainda no estudo de Castro (2009) detectou-se a presença da agressividade como um dos motivadores da violência. Falas do tipo: “o namorado é agressivo” e os “caras só querem bater” foram registradas no grupo focal feminino do referido estudo. Por outro lado, no grupo focal masculino, os participantes relataram que as mulheres provocavam os homens para que cometessem violência e fossem “enquadrados” na Lei Maria da Penha. Segundo eles, isso “favoreceria” as mulheres que denunciam situações irreais com o propósito de processar os homens.

No estudo de Rodríguez e Baraja (2013) sobre a atribuição afetiva que tem o namoro (relação amorosa) para os adolescentes desde a pré-adolescência (9 a 11 anos) até a pós-adolescência (22 a 25 anos) destaca-se que em todas as etapas da adolescência o amor é um constructo essencial, o elemento mais poderoso de uma relação íntima. Para os adolescentes, o namoro é descrito com palavras como respeito e confiança. Nina (2011, citada por Rodríguez e Baraja 2013) menciona que os adolescentes intercambiam sentimentos e atos afetivos como amor, confiança, intimidade, compromisso e segurança nas relações amorosas. Na adolescência tardia e na pós-adolescência surgem outras palavras importantes como apoio, comunicação e fidelidade na compreensão do que é namorar. O namoro surge como uma condição recíproca, que outorga benefícios emocionais para ambos.

1.5 Violência física e psicológica

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (Krug, Dahlberg, Mercy & Lozano; 2002, p.5). Em geral, estima-se que a violência

seja uma das principais causas de morte entre pessoas de 15 a 44 anos em todo o mundo, portanto, é um problema relevante de saúde pública em nível mundial (OMS, 2013). Neste estudo, ante a complexidade acerca do conceito de violência, a discussão ficará restrita a sua faceta mais visível, a física e, menos à psicológica.

A violência física é definida por Coelho e Machado (2010) como o uso de ameaça e/ou força física sobre o outro por meio de comportamentos que lhe infligem danos físicos, sexuais ou psicológicos. Entre os comportamentos mais referidos pela literatura encontram-se o agarrar, bater, dar pontapés, empurrar, esbofetear, beliscar, morder, esmurrar, puxar, estrangular, atirar objetos e agredir com arma.

Mais especificamente, a violência física pode ser definida como toda ação que cause ou tente causar dano, por meio de força física, algum tipo de arma ou instrumento, e lesões internas ou externas. É usualmente exemplificada com ações como empurrar, puxar o cabelo, dar pontapés e murros, queimar, apertar os braços, entre outras (Manita et al., 2009; Araújo, 2013).

Da mesma forma, os relacionamentos juvenis são atualmente caracterizados por dinâmicas de chantagem emocional, isolamento e/ou ameaças, situando-se assim dentro da modalidade de violência psicológica, que embora seja pouco reconhecida pelos jovens, é o mais frequente tipo de violência entre casais jovens de namorados (Coelho & Machado, 2010).

A violência psicológica também é denominada de violência emocional ou verbal, caracterizada por comportamentos (verbais ou não verbais) que prejudicam o outro sem que para isso seja usada a força física. Rohrbaugh (2006) a define como o uso de palavras ou ações para “isolar, humilhar, rebaixar, intimidar ou controlar” o outro. Entre os comportamentos mais citados estão: ignorar, rejeitar, insultar, gritar, intimidar, desvalorizar, controlar, manipular, humilhar, chantagear e ridicularizar.

A violência psicológica/emocional é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, tais como humilhar e desprezar a vítima por meio de palavras e/ou comportamento, ato de rejeitar, isolar, aterrorizar, ignorar e corromper (por exemplo: intimidação, ameaças, desvalorização, destruição e/ou retenção de objetos) (Oliveira et al., 2014; Araújo, 2013; Manita et al., 2009).

No trabalho proposto não será abordada a violência sexual no namoro, mas é importante mencionar que parece ser um campo que precisa de estudos mais aprofundados, pois, de acordo com o Relatório da Prevenção da Violência no Namoro no México relatado pela Subsecretaría de Prevención y Participación Ciudadana (2012), a violência sexual é uma modalidade de violência também muito frequente nos casais que vivem situações de violência entre si.

1.6 Violência no namoro

Mesmo que ainda seja um problema pouco revelado por quem sofre, o que cotidianamente se vê na televisão, está nos jornais, e se escuta em conversas entre amigos são fatos concretos de violência física, psicológica e até morte, perpetrada por um (a) jovem contra seu (ou sua) parceiro (a) amoroso (a). Para citar apenas alguns desses casos, destaca-se, em 2011, o de Elizabeth Cristina Pereira de 25 anos, que agredida por golpes, asfixiada e morta pelo namorado em uma casa de luxo no bairro Cajuru em Curitiba. O rapaz cometeu suicídio após assassiná-la (Gazeta do Povo, 2011). Mais recentemente, em 2014, o caso de Bárbara Richardelle de 18 anos, que morreu estrangulada pelo ex-namorado após uma discussão devido a umas fotos da jovem seminua divulgadas na Internet (Globo, 2014).

Cornelius e Resegue (2007) conceituam a violência no namoro como “qualquer comportamento para controlar ou dominar o (a) parceiro (a) por meios físicos, psicológicos ou sexuais, gerando sofrimento e danos para a saúde e o desenvolvimento. A violência no namoro pode ocorrer em relações de curta (como o ficar) ou longa duração (como o noivado)” (Murta et al., 2013, p.264). Considerando-se que esta pode ocorrer entre casais hetero ou homossexuais, em certos casos a violência em relações íntimas surge muitas vezes associada às questões de gênero (Couto, 2013). Walker (1994) define a violência no namoro como comportamentos de agressão física, psicológica e/ou sexual entre um casal de namorados, que tem como finalidade dominar o (a) parceiro (a) e fazê-lo (a) sentir-se subordinado (a), incompetente, desvalorizado (a) e com medo (citado por Couto, 2013).

Coelho e Machado (2010) sugerem que a violência nas relações íntimas se caracteriza por pessoas que intentam assumir o poder na relação para magoar e/ou controlar o (a) parceiro (a), podendo adquirir forma de violência física, psicológica e/ou sexual. Estas formas de agressão podem ser classificadas em termos de gravidade como “menores” ou “severas”. As formas de agressão “menores” incluem os insultos, gritos, ou fazer algo para enfurecer o companheiro (a), empurrar, agarrar, dar um tapa na cara; enquanto as formas de agressão “severas” incluem queimar, asfixiar, chutar, entre outras formas (Couto, 2013).

Muitos estudos demonstraram que atualmente a violência nas relações românticas consiste em um fenômeno recíproco, no qual o sexo feminino não é mais colocado como o único na posição de vítima. Muitas vezes a mulher surge como a principal praticante de atos violentos, sendo os homens, nesses casos, as vítimas (Afonso & Texeira, 2015; Fernandes, 2014; Nascimento & Cordeiro, 2011).

No estudo de Alvim e Souza (2005) se apresentam dez casos de violência física e psicológica, nos quais tanto homens como mulheres, casados ou namorados, são vítimas e agressores em suas relações amorosas. O estudo demonstrou que os homens não são os únicos agressores em uma

relação, e como eles também são vitimizados de forma física e psicológica por suas parceiras.

A partir dos anos 1980, no século XX, a violência nas relações de intimidade juvenil começou a ser pesquisada por diversos estudiosos em todo mundo. Ao estudar essa temática, foi possível perceber que muitos estudos revelam que a violência não ocorre apenas em contexto de casamento, mas também nas relações entre adolescentes e jovens. Os estudos relativos à violência amorosa informam valores relevantes nos dados de violência cometida e sofrida com tanto para homens quanto para mulheres (Mourão, 2014).

O estudo de Castro (2009) analisou os significados da violência no namoro entre adolescentes (15 a 19 anos) de ambos os sexos, estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Recife. Os participantes conceituaram a violência psicológica como comportamentos de controle, perseguições e ameaças. Também mencionaram que esse tipo de violência faz mal, irrita, marca, dói, inferioriza e tortura a vítima. Da mesma forma, a violência psicológica foi considerada pelos (as) participantes a mais presente nos relacionamentos íntimos. Ciúmes, insegurança e desejo de controlar o/a parceiro (a) apareceram na descrição das formas de relacionamento comum entre meninas e meninos. Estas situações decorrem da noção de amor romântico, do medo do término da relação e da frustração que essas vivências podem acarretar. Desde as primeiras relações íntimas dos adolescentes há menção a um grande número de referências a experiências negativas e a comportamentos de violência de gênero, sobretudo a violência psicológica.

Por outro lado, Nascimento e Cordeiro (2011) explicam que jovens e adolescentes de ambos os sexos podem ser vítimas e/ou agressores da violência porque geralmente têm dificuldades em reconhecer a violência como tal. Observa-se que adolescentes e jovens fornecem definições compatíveis com a literatura quando são questionados a respeito do que é a violência, mas apresentam dificuldade de reconhecê-la quando enfrentam momentos de violência dentro da própria relação.

Silva, Medrado e de Melo (2013) debateram com adolescentes de ambos os sexos a respeito das conexões que parecem existir entre o ciúme, o mito do amor romântico e a violência de gênero. Os adolescentes entrevistados em sua pesquisa relataram experiências sobre seus relacionamentos afetivo-sexuais, e o ciúme apareceu como um dos elementos mais importantes nesse tipo de relação, tendo sido considerado um sentimento de cuidado e de amor pela pessoa desejada. Entretanto, houve contradições por parte deles ao expressarem também que o ciúme é uma ferramenta de controle e poder sobre a outra pessoa, uma forma de violência que reflete desigualdades entre casais.

No estudo de Nascimento e Cordeiro (2008) foram realizadas quatro entrevistas, com dois homens e duas mulheres, todos moradores da cidade do Recife, todos estavam namorando no período em que foram contatados pelos pesquisadores. As concepções de amor para os entrevistados

apresentaram influência dos ideais de amor romântico, a ideia de sacrifício, superação, conquista, e transformação do outro por via do amor. O foco dos entrevistados estava direcionado para a busca da pessoa especial, que o completará e o fará feliz em sua plenitude.

Essas concepções de amor vão facilitar ou não o reconhecimento da violência na relação. Para alguns entrevistados, a violência, em alguns momentos, faz parte do amor. Percebe-se que a violência tem funções diferentes para cada relação, e usualmente é compreendida como uma demonstração de sentimento ou uma forma de conexão entre namorados, até mesmo para que seja dado um fim a uma discussão, ou até mesmo como controle do comportamento do outro.

Outro ponto que merece destaque é que a violência no namoro é exercida tanto pelo homem como pela mulher, quebrando assim a dicotomia vítima-mulher e agressor-homem, o que permite refletir sobre a violência para além dessa dicotomia homem-mulher.

Nascimento e Cordeiro (2011) descreveram que os jovens entrevistados na pesquisa compreendem a violência como algo além do embate físico como golpes, chutes ou empurrões. Eles consideraram que a violência também é um ato com características psicológicas, sexuais e verbais, embora não a reconheçam em suas relações. Por outro lado, eles não reconheceram como violência as proibições, tais como sair de casa “sozinho” e de usar “certas roupas”, e o controle e o cerceamento da liberdade do outro, como “olhar as chamadas e mensagens” do celular do (a) parceiro (a).

Nascimento e Cordeiro (2011) destacam na fala dos jovens sobre o amor e namoro que o amor é sinônimo de sacrifício, de superação de qualquer obstáculo e que tudo deve ser suportado para alcançar a felicidade, o que invisibiliza a violência no namoro. Assim, a desconfiança e o ciúme são vistos como formas de cuidado e amor, e os insultos e desrespeitos como sacrifícios inerentes ao amor. Os jovens que restringem a violência só aos atos físicos, invisibilizam as outras formas de violência como a psicológica.

Por outro lado, Souza et al. (2011) evidenciam em sua pesquisa que as meninas expõem mais os sentimentos, enquanto os meninos têm uma posição “mais dura” em relação aos relacionamentos amorosos, uma vez que sentem maior dificuldade em expor seus sentimentos, por pressão de hábitos culturais que ainda prevalecem até hoje. Outro elemento relevante é a relação entre as atitudes de minimização ou legitimação da violência e os comportamentos de vitimização e de agressão, tal como apontado por Prather et al. (2012). Crenças acerca da violência parecem promover a culpabilização da vítima, a desresponsabilização do agressor, e são importantes preditores do envolvimento em relacionamentos violentos.

Saavedra e Machado (2012) assinalaram que o homem mostra maior tolerância a diferentes tipos de violência do que a mulher, fenômeno cuja explicação, mesmo que superficial, muitas vezes se encontra na socialização, uma vez que meninos usam com naturalidade a agressividade em suas

relações interpessoais. Para González (2008); Muñoz et al. (2011); Medeiros e Strauss (2006) existe uma crença, especialmente entre os homens, de que usar certo tipo de violência como ameaças verbais é aceitável na hora de resolver conflitos interpessoais.

No estudo de Couto (2013) analisou-se as distorções cognitivas e as crenças sustentadoras de violência como fatores de risco para a presença de violência em relações de namoro. Foram entrevistados 180 casais de jovens estudantes universitários de 21 a 24 anos de idade que tinham experimentado uma ou várias relações amorosas. Os resultados obtidos evidenciaram uma correlação moderada entre as distorções cognitivas e a presença de violência em relações de namoro, sendo que o sexo feminino possui uma quantidade maior de distorções cognitivas ao nível autocrítico e autoculpabilizador face ao sexo masculino. Da mesma forma, apresentou uma correlação significativa entre as crenças sustentadoras de violência e a presença da violência nas relações íntimas, confirmando certo caráter de risco ao apresentar essas crenças. Nesse estudo, a violência mais constante nos relacionamentos foi a violência psicológica. O sexo feminino foi o que mais cometeu a violência psicológica na relação, assim também como o mais vitimizado.

Por outro lado, Saavedra e Machado (2012); e Machado, Matos, e Moreira (2003) mencionam que as mulheres adolescentes tendem a responder de forma mais agressiva, mas com atos aparentemente de menor gravidade, no momento do conflito. Uma das causas pode ser o fato de haver menos sanções sociais à mulher quando a mesma reage com violência. Enquanto que para os adolescentes homens, reagir com atos violentos com a parceira é completamente inaceitável em nível social. Observa-se aqui uma contradição: o homem, devido ao seu processo de socialização, tende a reagir de forma mais agressiva do que a mulher, pois foi criado assim (forte, “bom para briga”, sem direito a chorar), mas na hora de reagir agressivamente com a parceira, é castigado socialmente pela lei e pela moralidade.

Segundo Dobash e Dobash (2004; citado por Mourão 2014), os homens relatam ser vítimas de comportamentos percebidos como mais superficiais como empurrões e danos materiais, enquanto as mulheres são vítimas de violências mais severas, que resultam em consequências físicas visíveis, tais como olhos pretos e contusões. Assim, quando se analisa o contexto e as consequências da violência cometida, as mulheres experimentam níveis mais elevados de violência severa e reações emocionais mais fortes, comparadas com os homens (Hamby, Finkelhor & Turner, 2012; Straus, 2011, citado por Mourão 2014).

De uma forma global, esses estudos contradizem a visão convencional de que o homem é o agressor e a mulher a vítima. Pelo analisado, ambos são capazes de praticar atos abusivos para com o (a) parceiro (a) (Caridade & Machado, 2008).

Prather, Dahlen, Nicholson, e Bullock-Yowell, (2012) mencionaram como os papéis sociais tradicionais do homem (trabalhar para alimentar sua família, pôr as regras em sua casa) e da mulher

(ficar em casa cuidando dos filhos e faxinando a casa, não decidir ou dar a palavra final) estão associados à maior aceitação da agressão nas relações de casais. A Lei Maria da Penha, um marco importante no contexto brasileiro, é vista como um dispositivo que favorece as mulheres, desequilibra as relações e se “intromete” no cotidiano dos casais, além do fato das mulheres utilizarem a lei para incriminar injustamente os homens.

Contudo, o não reconhecimento dos homens de que os atos praticados pelas mulheres sejam violentos também é um fato grave e cabe uma interpretação baseada no gênero. O fato dos meninos afirmarem que não consideram os atos de violência cometidos pelas meninas como algo natural, já que todas as relações entre os homens já são normalmente violentas, é um fato de extrema gravidade. Primeiro, porque camufla que os homens realmente estejam sofrendo violência por parte das parceiras, e segundo porque vivenciam calados um tipo de sofrimento que não pode ser revelado, ou sequer percebido.

Além disso, confirma um tipo de masculinidade que torna os meninos vulneráveis, já que a violência é naturalizada como se fizesse parte da maioria de seus relacionamentos. No estudo de Castro (2009) observou-se nos discursos dos participantes que a questão da violência no namoro remete para posicionamentos orientados e atualizados pelas relações de gênero. De igual forma, a traição foi percebida como diferente para meninos e meninas participantes dos grupos focais no estudo e geralmente remete a estereótipos tradicionais de gênero referentes ao tema. Para os meninos, a traição estaria relacionada às necessidades sexuais do homem, favorecendo um sexo pulsional e sendo favorecido pela grande quantidade de mulheres “disponíveis” em sua rede de relação, o que tornaria esperado e natural a possibilidade de traição masculina. Já a traição feminina seria encarada como um ato de “vontade” das meninas, muitas vezes tida como uma reação às traições esperadas dos meninos, mas isso acarretaria “um preço” na forma de estigmatização e possibilidade de serem desrespeitadas pelos meninos, que só teriam relacionamentos mais estáveis com meninas mais “recatadas”.

Corral (2009) menciona que os estudos sobre violência no namoro abordam predominantemente a violência física e sexual, talvez por produzirem efeitos mais visíveis e de forte apelo midiático. Por outro lado, a violência psicológica se torna visível em comportamentos apresentados somente ao longo do tempo, o que dificulta sua identificação enquanto a relação ainda persistir. Sears et al. (2007) afirmam que a violência psicológica é a forma mais presente de violência no namoro, e quanto mais ela ocorrer, maior é a possibilidade de atos de violência física ocorrer também.

Barreira, Lima, e Avanci, (2013) pesquisaram a prevalência de violência física e psicológica entre os adolescentes-jovens no namoro e a coocorrência de ambos os tipos de violência. A prevalência de violência física foi de 19,9% e de violência psicológica foi de 82,8%, sendo a violência psicológica muito mais predominante do que a violência física entre namorados

adolescentes-jovens. Entretanto, a porcentagem na coocorrência de violência física e psicológica foi de 18,9%, o que evidencia que a violência física raramente ocorre na ausência da psicológica.

Flake, Barros, Schraiber e Menezes (2013) utilizaram um questionário com 362 alunos de ambos os sexos, com idade mediana de 20 anos, provenientes de duas universidades, uma pública e outra privada, e que estiveram em um relacionamento fixo (namoro) com uma pessoa. No estudo, foram descritas as violências sofridas nos últimos 12 meses em suas relações afetivo-sexuais e especificada a prevalência da violência sofrida ou praticada para os tipos de violência física, psicológica e sexual, descrevendo as sobreposições entre eles. Dos 362 jovens que responderam ao questionário, 75,9% sofreram e 76,4% praticaram algum tipo de violência nos últimos 12 meses. O tipo de violência mais prevalente, tanto sofrida como praticada, foi a psicológica (36,6%), seguida da sexual (8,4%). A grande sobreposição entre as violências sofridas e praticadas (83,9%) reflete a reciprocidade das agressões, sem diferença entre homens e mulheres.

Os resultados do estudo de Flake et al. (2013) estão em consonância com a literatura que analisa a violência no namoro, com alta prevalência de violências sofridas e praticadas, além da reciprocidade tanto para homens como para mulheres. O estudo destaca como principal conclusão que as ações de intervenção, nessa fase dos relacionamentos íntimos, podem repercutir positivamente para diminuir ou mesmo evitar situações posteriores de violência conjugal.

Mesmo não sendo objeto de análise desta pesquisa, estudos com mulheres envolvidas em casos de violência conjugal contêm os relatos das experiências anteriores de violência no namoro. Estudos que acompanharam a transição namoro-casamento com casais que possuíam experiências de abuso físico nas relações de namoro demonstraram que cerca da metade deram continuidade a essas experiências após o casamento (Saavedra, & Machado, 2012; Cleveland, Herrera, & Stuewig, 2003; Herrera, Wiersma, & Cleveland, 2008). Destaca-se que, se o namoro é a fase na qual as relações íntimas são construídas e podem ser consolidadas em relações maritais futuras, ele deve ser uma fase determinante para a prevenção da violência também na conjugalidade (Póo & Vizcarra, 2008).

Estudos de Rubio-Garay et al. (2012); Lozano et al., (2007); Gray e Foshee (1997) mostraram que existe violência bidirecional, em comportamentos agressivos no namoro por parte de homens e mulheres, especialmente na violência psicológica e verbal. A bidirecionalidade da violência ou prática recíproca entre jovens-adolescentes foi também mencionada por Minayo et al. (2011) em um estudo com 3.200 adolescentes de várias regiões do Brasil. O estudo apresentou uma porcentagem maior das pessoas do sexo feminino (63%) em relação às pessoas do sexo masculino (58%) como autoras da violência em todas suas modalidades, com exceção da violência sexual que, no caso, é mais praticada pelas pessoas do sexo masculino (17% contra 8% das adolescentes).

Nascimento e Cordeiro (2011) discutiram e analisaram a violência no namoro de jovens de grupos populares e da classe média, moradores de Recife. Na pesquisa realizaram vinte e duas

entrevistas semiestruturadas, com jovens entre 18 e 29 anos, que declararam estar se relacionando com um parceiro. O estudo revelou que tanto homens como mulheres eram autores de violência contra seus parceiros, destacando uma participação maior das mulheres como autoras em episódios de violência psicológica e os homens em episódios de violência física e sexual.

Oliveira, Assis, Njaine, e Pires (2014) avaliaram a execução da violência psicológica no relacionamento afetivo-sexual e a relação existente em outros contextos de vida: famílias e relacionamento com amigos. Nesse estudo, foram entrevistados 3.225 adolescentes entre 15 a 19 anos do sexo masculino e feminino de escolas públicas e particulares das capitais de dez estados brasileiros. Os resultados destacam que o aumento do número de situações de violência psicológica cometida pelos adolescentes em seus relacionamentos relaciona-se à agressão verbal da mãe e do pai; e à frequente vivência de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e àquela presente nos namoros anteriores. Reforçam o ciclo de violência psicológica nos diversos contextos de socialização do adolescente e destacam a continuidade do comportamento agressivo em outras relações de namoro, entre irmãos, na família e amigos.

No estudo de Filipe (2013) foram entrevistados três especialistas portugueses, que se destacaram por realizarem investigações na área da violência no namoro, e cinco leigos recrutados por meio da rede social Facebook, para saber o que pensavam acerca das relações de causalidade entre fatores de risco e ocorrência da violência íntima. A análise das entrevistas revelou que, para os pesquisadores, a violência íntima é encarada como um exercício de poder e controle de um parceiro sobre o outro. Apesar de esclarecer que a violência no namoro pode ser cometida também por mulheres sobre os seus parceiros e também acontece nas relações homossexuais, de forma implícita percebe-se uma tendência para distinguir as vítimas dos agressores e para se referir às primeiras no feminino.

Contrário à maioria dos estudos sobre violência no namoro nos jovens, os especialistas do estudo de Filipe (2013) mostraram dificuldade para identificar a noção de reciprocidade do comportamento violento nas relações amorosas. Uma possível explicação pode estar no fato de que, na sua prática, esses profissionais lidam com pessoas que recorrem a estruturas de apoio, como as forças policiais e as instituições que desenvolvem o trabalho junto às vítimas, as quais são majoritariamente do sexo feminino. Os dados recolhidos junto a elas referem-se apenas aos comportamentos violentos dos seus parceiros, questionar as vítimas acerca dos seus próprios comportamentos é considerado uma forma de vitimização secundária sendo, por isso, evitado (Filipe, 2013).

Conforme Filipe (2013), os fatores de risco da violência no namoro, considerados pelos pesquisadores portugueses entrevistados são: por um lado, as crenças socialmente definidas, as diferenças nos papéis de gênero e das desigualdades de poder, por outro lado, uma maior fragilidade emocional do agressor, ao qual se atribuem características consideradas típicas de pessoas com estilos de vinculação inseguros (dependência emocional, baixa autoestima, ciúme e medo da

traição).

Da mesma forma, os pesquisadores portugueses (Filipe, 2013) elencaram características associadas a uma maior agressividade e impulsividade por parte do agressor, bem como as experiências de violência durante a infância (experiências de vitimização ou testemunho da violência entre os pais). Os consumos de substâncias e presença de perturbações psicológicas foram mencionados com menor frequência. Já os leigos (Filipe, 2013) reconheceram ainda como fatores de risco da violência no namoro as experiências de violência na infância, a agressividade como característica da personalidade do agressor e as desigualdades de poder na relação. É interessante notar que as desigualdades de poder não alcançaram um caráter de gênero tão marcante como se verificou nas falas dos especialistas.

Machado e Caridade (2006) mencionaram possíveis fatores que potencializam a violência e a execução prática reiterada dela nas relações amorosas, como a duração e a estabilidade, experiências relacionais passadas violentas, o funcionamento familiar (violência intrafamiliar), ausência de práticas educativas, isolamento social e a falta de competências na resolução de problemas e de comunicação interpessoal. Alguns estudos encontraram também associação entre o abuso de álcool, drogas e comportamentos violentos nas relações íntimas (Yedra, Flores & Zárate, 2013).

Da mesma forma, existem estudos sugerindo que crianças que testemunharam ou foram vítimas de abuso na infância apresentam risco maior de vitimização e praticar violência em um relacionamento íntimo quando adultos. Assim, ser vítima de abuso ou negligência na infância é um fator de risco para praticar violência nas relações íntimas quando adultos (Machado e Caridade, 2008; Barbosa, 2014).

Barbosa (2014) procurou analisar a existência de uma associação entre as experiências adversas na infância e os comportamentos violentos na relação de intimidade. Sua amostra, obtida em instituições de ensino superior, foi constituída por 551 jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, sendo que 62% era constituída por mulheres. Os resultados desse estudo sugerem que pessoas expostas à violência durante a infância tendem a adotar níveis superiores de violência verbal, emocional e física, bem como de comportamentos ameaçadores e de coerção sexual. Em relação ao abuso físico, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de violência verbal e emocional, comportamentos ameaçadores, violência física e coerção sexual.

O estudo de Couto (2013), realizado com 180 casais de jovens universitários com idades entre os 21 e os 24 anos de idade, que tinham experimentado uma ou várias relações amorosas, teve como objetivo verificar as distorções cognitivas (definido pelo autor como pensamentos ou conteúdo cognitivo não racional, não real) e as crenças sustentadoras da violência como fatores de risco para a presença de violência em relações de namoro. Nele constatou-se a existência de uma correlação

entre as crenças legitimadoras de violência no namoro, como fator de risco para o cometimento de atos violentos em relações íntimas, com as distorções cognitivas.

No estudo de Ataíde (2015), duas jovens de 19 e 21 anos de idade que sofreram violência no namoro foram entrevistadas para narrar suas experiências e sentimentos. Nota-se que os argumentos das jovens são bastante semelhantes uma vez que o receio em denunciar a violência sofrida, devido ao medo do agressor ou da família, apareceu nos relatos das duas. Da mesma forma, existia uma forte crença de que os ex-namorados poderiam mudar a forma como as tratavam, e isso as fez com que elas continuassem no relacionamento por um longo tempo. Portanto, fica evidente que o processo violento envolve uma violência psicológica que impossibilita a denúncia. A dinâmica da violência leva ao sentimento de desvalorização e diminuição da confiança nas próprias percepções e consequentemente a sentimentos de impotência, na crença de poder mudar o outro ou de superar, de alguma forma, o momento pelo qual está passando.

No estudo de Torres (2014) com jovens oriundos de Cabo Verde e residentes em Portugal analisou-se a caracterização das relações de intimidade juvenil e as representações sociais sobre as relações de gênero. Investigou como as relações interpessoais desses jovens são marcadas por assimetrias sociais de gênero, que são transportadas para as suas relações íntimas e que derivam de representações sociais vigentes. Quanto à violência na intimidade, esta adquire níveis preocupantes, atendendo a mutualidade na execução e na vitimização, bem como à legitimação e a banalização da violência. Da mesma forma, o estudo verificou uma forte ligação entre a população juvenil e o uso das novas tecnologias como uma via de violência nas relações de intimidade.

Santos (2014) analisou se as crenças relacionadas com a violência conjugal podem estar associadas à legitimação e à prática da violência nos relacionamentos amorosos dos jovens. Participaram do estudo um total de 59 jovens, entre 18 e 26 anos e que se encontrava em uma relação íntima no momento da pesquisa. Os participantes reportaram a atos violentos enquanto vítimas e agressores, entretanto o estudo não verificou diferença significativa entre gêneros. Comprova-se a presença da violência emocional em ambos os sexos, e que a prática de atos violentos está relacionada com as crenças acerca da violência conjugal.

A dissertação de Manuel (2014) teve como objetivo caracterizar a violência no namoro em jovens de 21 anos e determinar sua relação com as características socioeconômicas. Foram avaliados 1.258 participantes (652 do sexo feminino) que estavam em uma relação de namoro durante o ano anterior à avaliação. Os resultados mostraram que 61,2% dos participantes relataram ter sido vítimas de violência psicológica. A proporção de participantes que indicaram ter sido vítimas de coerção sexual e violência física foi respectivamente 30,3% e 18,6%. Relativo à agressão no namoro, 63,1% dos participantes relataram ter agredido o (a) parceiro (a) por meio do uso de violência psicológica. A proporção de participantes que mencionaram ter usado a coerção sexual e

atos de violência física foi respectivamente 28,5% e 17,7%. A maioria dos jovens que mencionaram relações com violência também reportaram comportamentos violentos como agressores e como vítimas. No entanto, os participantes do sexo masculino mencionaram agredir as namoradas recorrendo mais frequentemente a atos de coerção sexual e os participantes do sexo feminino a atos de violência física. Verificou ainda que os participantes do sexo feminino provenientes de uma classe socioeconômica mais favorecida envolveram-se regularmente em atos de violência psicológica, enquanto os participantes do sexo masculino provenientes de uma classe socioeconômica menos favorecida em violência do tipo psicológica e física.

Nesse estudo, Manuel (2014) concluiu que a violência também ocorre no contexto do namoro. Embora esse comportamento seja geralmente bidirecional, na coerção sexual são as pessoas do sexo masculino as que utilizam comportamentos de agressão, enquanto que na violência física as pessoas do sexo feminino são o agressor. Na violência psicológica, a prevalência do envolvimento bidirecional é semelhante no sexo masculino e no sexo feminino, no entanto, as mulheres são mais frequentemente apenas agressoras desse tipo de violência, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas.

Frutuoso (2014), em um estudo sobre a experiência pessoal de violência em relacionamentos passados de namoro, realizado com 308 estudantes de medicina, descobriu que 42% de toda a amostra revelaram ter sido vítimas de violência no namoro, sendo mais frequente a ocorrência entre participantes do sexo feminino. Em relação à idade das vítimas, o autor observou que a violência ocorreu quando eles tinham entre 15 e 23 anos. Apenas 15,4% disseram ter procurado ajuda. Relativo ao tipo de violência, 7,7% descreveram ter vivenciado violência física; 61,5% psicológica e 30,8% as duas formas de violência. Quanto à situação dos participantes no momento da pesquisa, 68,5% dos estudantes informaram estar em uma relação de namoro, sendo que destes, apenas dois assumiram ser vítimas de violência na atualidade: uma estudante do sexo feminino informou que pretendia terminar a relação o mais rapidamente possível, enquanto um estudante do sexo masculino informou que aceitava a situação por medo de “perder” a pessoa, embora pretendesse mudar a própria atitude face aos comportamentos que vivenciava. Importante ressaltar que cinco estudantes não sabiam identificar se os tipos de comportamentos a que eram sujeitos constituíam formas de violência. Nenhum estudante respondeu que iria procurar ajuda profissional, de amigos ou de familiares, para resolver a situação.

1.7 Rede de apoio e estratégias de enfrentamento

O estudo de Garcia, Wlodarczyk, Reyes, Morales e Osadey (2014) debate sobre a importância do apoio social frente a situações estressoras. O apoio social refere-se à valoração feita por uma pessoa sobre sua rede social e os recursos obtidos desta. Menciona-se que a rede de apoio social é um

componente fundamental para o desenvolvimento do bem-estar individual e familiar. Portanto, as pessoas com melhores condições psicológicas e físicas tem um maior número de interações sociais. A existência de relações positivas permite possuir um bem-estar psicológico e superar acontecimentos estressantes durante a vida.

Pesquisadores (Garcia et al, 2014) encontraram uma relação entre apoio social e bem-estar na superação dos problemas e rompimentos nos casais jovens. O apoio social funciona como um suporte emocional, um fator que promove o bem-estar psicológico apesar do estresse pela situação vivenciada.

Zimmerman e Arunkumur (1994) citados por Mayer e Koller (2012) discutiram sobre o papel da rede de apoio social nos casos em que os sujeitos deram uma resposta positiva ante as situações de stress. Mayer e Koller (2012) conceituam a rede de apoio social como relações recíprocas e estáveis que geram satisfação mútua entre os que a integram, seja a família, os amigos, a comunidade ou a escola. A rede de apoio social pode funcionar como um fator de proteção à violência no namoro entre os jovens.

Mayer e Koller (2012) mencionaram que um alto nível de rede de apoio social pode proteger as pessoas dos efeitos negativos causados pelas adversidades ou pelo estresse. O efeito protetivo oferecido pelo apoio social está relacionado ao desenvolvimento da capacidade dos sujeitos de enfrentar adversidades. Para esses autores, a rede de apoio promove bem-estar por meio da manutenção da autoestima e dos vínculos afetivos, enquanto a sua ausência pode produzir sentimentos de tristeza e de falta de sentido à vida.

Araújo (2012), Minayo et al. (2011) e Nascimento e Cordeiro (2011) mostraram que os jovens brasileiros, independente do estrato social e da região onde moravam, raramente procuram ajuda para resolver situações de violência no namoro ou no “ficar”. Soares (2013) menciona que dos 283 jovens entrevistados em seu estudo, só 5% mencionou ter procurado ajuda ou ter compartilhado experiências e escutado opiniões sobre problemas vivenciados durante o relacionamento afetivo-sexual e os que o fizeram procuraram especialmente os amigos. O autor explica ainda que esta preferência pelos amigos deve-se ao fato de que jovens acreditam viver as mesmas situações de sua geração ou de seu círculo de amizades e sentem-se mais à vontade para falar de seu namoro com os amigos do que com seus pais. Dos 5% dos participantes que mencionaram ter procurado ajuda, 51,5% procuraram amigos, 36,7% os pais e um 12,1 % profissionais de saúde.

Apesar de os jovens indicarem que os amigos são as pessoas mais procuradas como rede de apoio, caso haja alguma ocorrência considerada como violenta em seu relacionamento, assumem, ainda assim, que os familiares são as pessoas mais indicadas para ajudá-los em caso de violência, seguido pelos amigos e os profissionais de saúde. Mesmo que na prática os amigos sejam mais procurados, eles não negam a importância do suporte familiar. Tal fato pode ser compreendido, com

base na afirmação desses jovens, devido às dificuldades de comunicação com seus pais (Soares, 2013).

Sobre as pessoas mais indicadas para ajudar em caso de violência no namoro, Soares (2013) observou que as jovens do sexo feminino lembraram-se dos profissionais de saúde (13,4%) em quantidade maior do que os jovens do sexo masculino (6,5%). Já os participantes do sexo masculino (39,8%) citaram “os amigos” como as pessoas mais indicadas para dar apoio nos casos de violência, mais do que as participantes do sexo feminino (20,9%). Na pesquisa realizada em 10 capitais nacionais sobre violência no namoro dos jovens, os/as adolescentes que buscaram ajuda diante de situações de violência procuraram os/as amigos/as em primeiro lugar e os familiares em segundo (Minayo et al., 2011).

A investigação de Black e Weisy (2003, citado por Caridade & Machado, 2006) indica que os adolescentes que experienciam violência nas suas relações raramente se envolvem em comportamentos de ajuda, sendo que apenas 9% das vítimas jovens recorreram ao aparelho judicial para denunciar a situação que viviam. A negação em procurar ajuda parece estar relacionada com múltiplos motivos: o medo de serem culpabilizados e de que a informação não permanecesse em segredo; temor da pressão dos adultos para terminar a relação; crença de que não seriam ajudados; ou temor de punições parentais, especialmente quando os abusos aconteciam no contexto de condutas como o consumo de álcool ou relações proibidas pelos pais.

No Chile, os pesquisadores García, Włodarczyk, Reyes, Morales e Osadey (2014) realizaram uma investigação sobre a violência nas relações íntimas com 148 estudantes do ensino superior com idades entre 18 e 37 anos. A porcentagem dos participantes que admitiram ser vítimas de violência foi de 47%, a qual pode indicar um maior reconhecimento, na atualidade, de certos comportamentos que antes não eram considerados como atos violentos nas relações amorosas. No estudo, as correlações entre violência no namoro e bem-estar psicológico apresentaram correlações significativas em humilhação, violência de gênero, violência física e psicológica, sendo possível concluir que esses tipos de violência são os que mais afetam o bem-estar das pessoas. Com relação à violência psicológica, é muito provável que o apoio afetivo recebido auxilie a vítima a evitar novos episódios de violência em relações futuras.

As mulheres com uma história de violência íntima são mais propensas a recuperar sua saúde psicológica e emocional se contarem com uma rede de apoio social presente (Mitchell & Hodson, 1983, citado por García et al., 2014). Isso pode indicar que o apoio social pode servir como amortecedor ou moderador dos efeitos da violência amorosa.

O isolamento das vítimas das fontes de apoio social tem sido associado a um aumento da severidade do abuso no casal. Esse isolamento pode ocorrer por parte da restrição do agressor ou

por uma autoexclusão social da própria vítima (Salazar, Winwod, DiClemente, Lang y Harrington, 2004, citados por García, 2014).

Portanto, é fundamental avaliar o impacto da violência no namoro no bem-estar psicológico dos jovens em função da fase de desenvolvimento pela qual estão passando e que pode colocá-los em risco de sofrer danos físicos e psicológicos ainda maiores do que os adultos (Callaham et al., 2003). Nesse sentido, avaliar o impacto da violência íntima no bem-estar psicológico e o papel que cumpre o apoio social nessa relação adquire bastante relevância.

É fundamental analisar como os jovens lidam e reagem frente às formas de violência que ocorrem em seus relacionamentos. Lazarus e Folkman (1984) definem as estratégias de enfrentamento como esforços cognitivos e comportamentais que estão em constante mudança, para administrar (tolerar, aceitar, tentar controlar) as situações que o organismo avalia como sobrecarga ou que excedam a capacidade emocional da pessoa (Antoniazzi et al., 1998). Nesta pesquisa, debateremos como os jovens enfrentam os problemas que ocorrem em seus relacionamentos e o porquê da violência acontecer como forma de solucionar as dificuldades encontradas na relação.

Na pesquisa de Bascóni, Saavedra, Arias (2013) participaram 42 adolescentes espanhóis da cidade de Sevilla, com idades compreendidas entre 14 e 17 anos. Os autores analisaram porque homens e mulheres deram uma resposta agressiva perante a possibilidade de perder o (a) seu (sua) parceiro (a) diante de uma traição, término do relacionamento, entre outras. Os resultados indicaram que apesar de homens e mulheres apresentarem formas de enfrentamento diferenciados diante da violência, duas estratégias de enfrentamento foram mencionadas igualmente por homens e mulheres como justificativa para permanecer em uma relação de violência. A primeira refere-se a pensar que tudo o que acontece na relação deve ficar no âmbito privado sem intervenção de outras pessoas, e a segunda refere-se a nutrir a imagem do “amor romântico”. Também, a presença de intensos sentimentos de amor da mulher para com o homem parece ser um elemento que se repete, sendo especialmente as mulheres que manifestam dependência emocional.

O estudo de Gonçalves (2013) realizado com 267 alunos em ambiente escolar pretendeu conhecer o fenômeno da violência nas relações amorosas e as estratégias de resolução de conflitos para lidar com a violência. A maioria dos participantes pareceu não legitimar o uso da violência nas relações amorosas, também não utilizaram estratégias de resolução de conflitos abusivas. Mas, na discussão do estudo o autor pondera que os participantes procuraram dar as respostas que consideraram ser socialmente mais desejáveis. Ainda assim, os participantes do sexo masculino legitimaram mais o uso da violência do que as participantes do sexo feminino. As diferenças entre os grupos foram significativas e podem ser interpretadas com base em estereótipos de gênero ainda persistentes em termos de práticas de socialização.

Para finalizar o tópico sobre estratégias de enfrentamento à violência de gênero (no caso, violência doméstica), no ano de 2013 foi criado na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo, o *botão do pânico*. Espírito Santo é o estado com o maior índice de violência contra a mulher no Brasil, por isso a importância de criar um mecanismo para auxiliar as mulheres que sofrem de violência por parte de seus parceiros. O botão de pânico é um dispositivo eletrônico, idealizado pelo Tribunal de Justiça do Estado do ES (TJ), em parceria com a prefeitura de Vitória, cujo objetivo é evitar a violência no momento em que ela ocorre. O aparelho é distribuído para mulheres em medida protetiva e é acionado sempre que o parceiro desobedecer a ordem judicial de manter distância física da vítima. Além de acionar a polícia, o equipamento é capaz de gravar uma conversa entre duas pessoas com alcance de até cinco metros de distância que, dependendo do conteúdo, pode ser utilizada ainda como prova judicial. Nesse contexto, além da rede de apoio pessoal ou familiar, está sendo desenvolvida e testada no ES uma política integrada para enfrentar a violência e atender ao que preconiza a Lei Maria da Penha.

2. Objetivos

Objetivo Geral

Investigar como os jovens praticantes e/ou vítimas de violência física e/ou psicológica no namoro avaliam esses tipos de violência.

Objetivos Específicos

A-Conhecer como os jovens conceituam a violência física e/ou psicológica sofrida e/ou cometida no namoro;

B- Compreender quais são as estratégias de enfrentamento dos jovens diante de situações de violência no namoro;

C- Pesquisar a rede de apoio dos jovens que sofrem e/ou praticam violência no namoro.

3. Método

Este estudo foi realizado por meio da abordagem qualitativa, um método interativo e humanístico, o qual envolve uma participação ativa e gera sensibilidade nos participantes do estudo. Neste estudo, os participantes foram envolvidos na coleta de dados por meio das entrevistas. A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa, ou seja, o pesquisador faz uma interpretação dos dados, para identificar categorias e finalmente tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente (Creswell, 2007).

Denzin e Lincoln (2005) apresentam a seguinte definição da pesquisa qualitativa:

(...) é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.

3.1 Participantes

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 10 jovens, cinco mulheres e cinco homens, com idades entre 18 e 30 anos, considerando que a faixa etária da juventude é cada vez mais ampla (Minayo et al., 2011). O tamanho da amostra foi definido após a experiência da pesquisadora no projeto piloto, pois o acesso aos participantes foi dificultado pela temática do projeto. A amostra foi definida por acessibilidade e pela conveniência. Já que, ao final do primeiro questionário, só esses 10 jovens aceitaram colaborar na segunda entrevista, outros três aceitaram também, mas não chegaram o dia da segunda entrevista e não foi possível contatá-los novamente.

3.2 Instrumentos

A coleta utilizou dois instrumentos diferentes, porém complementares entre si.

Instrumento I

Consistiu em um questionário (Apêndice A), no qual os jovens preencheram seus dados sociodemográficos e responderam cinco perguntas fechadas (com respostas do tipo sim ou não) sobre violência física ou psicológica sofrida ou cometida, sendo a última pergunta sobre conhecimento de alguém que tivesse sofrido ou praticado alguma dessas modalidades de violência no namoro. No final, se a resposta fosse “sim” em alguma das questões, era solicitado, por escrito, o e-mail e o telefone para que a pesquisadora fizesse contato posterior.

O principal objetivo do questionário foi divulgar a pesquisa e seus objetivos, para posteriormente proceder ao convite, e assim obter 10 jovens para a fase de entrevistas. Os objetivos foram explanados antes de responderem o questionário, para sensibilizá-los a responderem com sinceridade as questões propostas.

Foram preenchidos 243 questionários, 148 mulheres e 95 homens. Apesar de que 6 homens e 6 mulheres mencionaram ter sofrido violência física no namoro, 13 homens e 25 mulheres indicaram

ter sofrido violência psicológica, 5 homens e 6 mulheres assinalaram ter praticado violência física, 11 homens e 15 mulheres mencionaram ter praticado violência psicológica e 50 homens e 68 mulheres colocaram que conhecem alguém que sofreu e/ou praticou alguma ou ambas violências, somente 10 desses jovens aceitaram passar à segunda fase do projeto, a entrevista semi-estruturada.

Instrumento II

Corresponde a um roteiro base para a entrevista semiestruturada (Apêndice B), que contém seis eixos principais, a saber: 1 – dados gerais de identificação dos participantes; 2 – a visão geral dos participantes sobre a violência nos relacionamentos; 3 – experiências pessoais de violência no relacionamento atual ou anterior; 4 - redes de apoio e estratégias de enfrentamento; 5 - experiências de violência familiar; e por último 6 – conhecimento sobre programas de atendimento às pessoas vítimas de violência.

Conforme ressaltam Alves e Silva (1992), ao realizar uma entrevista o pesquisador estabelece uma relação de confiança e empatia com os entrevistados:

(...) é que das atitudes de aproximação, respeito e empatia trazidas pelo pesquisador, virá a disponibilidade dos sujeitos e o seu envolvimento com a tarefa de informantes (o que amplia a possibilidade de validade dos dados obtidos), fazendo dela um momento de reflexão, retomada de fatos, valores e ideias do passado (quando este é o caso) e a gratificação com sua transmissão ao entrevistador. (Alves e Silva, 1992, p.64).

3.3 Procedimento de Coleta de Dados

Para encontrar os jovens que cumpriam os critérios de participação na pesquisa (faixa etária de 18 a 30 anos e que tinham participado como vítimas ou agressores em episódios de violência no namoro), aplicou-se o questionário (Apêndice A) em salas de aula da Universidade Federal do Espírito Santo após pedido de autorização aos professores. Autorizada pelos professores, a pesquisadora explicava a pesquisa para os jovens e aplicava o questionário. Também se enfatizava que a participação era voluntária e que o questionário somente tinha a função de localizar possíveis participantes para a nova etapa da pesquisa. Foi esclarecido também que, caso algum contato fosse deixado no questionário, isso não significaria o aceite imediato para participar na nova etapa da pesquisa e que a pessoa indicada seria contatada para, a partir daí, confirmar ou não a sua disponibilidade para participar. Esse esclarecimento pretendeu tranquilizar o jovem para indicar a si mesmo ou a amigos e conhecidos que tivessem sofrido ou praticado violência no namoro. Posteriormente, houve o contato com os estudantes que indicaram situações de violência em seus

relacionamentos de namoro e a realização das entrevistas com os que se prontificaram em participar.

O segundo instrumento, a entrevista pessoal (Apêndice B), foi realizada em horário combinado previamente com os participantes, nas dependências do Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA), no prédio do Curso de Graduação em Psicologia da UFES. Os jovens assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual expressaram seu aceite em participar da pesquisa (Apêndice C).

3.4 Procedimento de Análise e Interpretação dos dados

As informações das entrevistas foram registradas por meio de notas manuscritas e gravação em áudio. Os dados foram transcritos na íntegra em documento do Word, corrigindo possíveis vícios de linguagem, de forma a preservar as gírias e os sentidos das expressões ditas pelos jovens. Cada participante recebeu um nome fictício a fim de garantir o anonimato. As questões foram tratadas segundo a Análise de Conteúdo Temático, técnica descrita por Bardin (2011), e o procedimento de análise consistiu da interpretação dos dados comparando-os com a literatura existente a respeito da temática.

Bardin (1994) apresenta as três fases fundamentais da análise de conteúdo:

(...) pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na primeira fase é estabelecido um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. A segunda fase consiste no cumprimento das decisões tomadas anteriormente, e finalmente na terceira etapa, o pesquisador apoiado nos resultados brutos procura torná-los significativos e válidos. (Godoy, 1995, p. 25)

Entretanto Silva et al. (2004) mencionam que a categorização final se refere a uma análise de reconsideração da alocação dos conteúdos e sua categorização, assim, permite-se uma análise mais profunda dos recortes com base em critérios considerados pertinentes à pesquisa e que atendam aos objetivos propostos. A categorização final foi obtida ao extrair os tópicos mais relevantes da entrevista, com a finalidade de responder o objetivo geral e os específicos, e possibilitar uma maior análise do objeto de estudo.

3.5 Categorias de análise

Com base na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), as respostas dos participantes foram agrupadas em quatro categorias: 1) Conceito e avaliação da violência em geral; 2) avaliação da violência sofrida; 3) relações afetivas na atualidade e perspectivas para novas relações e 4) enfrentamento da situação de violência e rede de apoio. A categoria “avaliação da

violência sofrida” foi dividida em duas subcategorias: 2.1) violência familiar e 2.2) violência no relacionamento. Cada uma dessas categorias possui uma descrição, tal como pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 1: Categorias e subcategorias

Categoria	Nome	Descrição
Categoria 1	Conceito e avaliação da violência geral	Opiniões dos jovens a respeito do que é violência no namoro e como a classificam, assim como, as causas e suas consequências para as vítimas e agressores.
Categoria 2	Avaliação da violência que sofreram 2.1: Violência familiar 2.2: Violência no relacionamento	2.1. Avaliação da violência que sofreram no âmbito familiar, seja por experiência própria ou de seu parceiro; 2.2. Avaliação da violência que sofreram em seus relacionamentos afetivos com as narrativas de sua própria vivência. Procurou-se observar possíveis relações entre as subcategorias 2.1 e 2.2
Categoria 3	Relações afetivas na atualidade e perspectivas para novas relações	Similaridades ou diferenças para os participantes entre namorar e ficar. Expectativas para um novo relacionamento, após ter vivenciado violência física ou psicológica em outro relacionamento.
Categoria 4	Enfrentamento e rede de apoio	Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos jovens diante da violência no namoro, sofrida e/ou cometida, incluindo as pessoas procuradas para auxiliar nesse período.

3.6 Avaliação ética de riscos e benefícios

Esta pesquisa foi elaborada com base na Resolução nº 466/2012 (Conselho Nacional de Saúde-CNS, 2012), respeitando-se todos os critérios éticos. Após a aprovação da banca de qualificação, a pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo para aprovação. Aprovada pelo comitê, iniciaram-se as entrevistas com os participantes.

Cada participante entrevistado corroborou seu aceite em participar da pesquisa ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em consonância com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, que orienta pesquisas envolvendo seres humanos. Foram tomados todos os cuidados para garantir que os participantes não fossem identificados, adotando nomes fictícios para os mesmos. Garantiu-se também a possibilidade de interromper ou mesmo não continuar a entrevista a qualquer momento, caso desejassem. Foi esclarecido que o conteúdo das entrevistas serviria para futuras publicações em formato de dissertação e artigos sempre mantendo o anonimato dos participantes, e que todo o conteúdo seria analisado e discutido posteriormente pela pesquisadora com o objetivo de, no futuro, auxiliar os jovens em suas relações afetivo/sexuais.

Como riscos, previu-se que a discussão proposta pela pesquisa poderia causar sentimentos desconfortáveis ao abordar aspectos pessoais, revelando conflitos intra e interpessoais. Caso isso ocorresse, foi garantido aos mesmos o encaminhamento para um serviço de apoio psicológico nas

redes de assistência à saúde ou em clínicas escolas, como a da UFES. Apesar de prevista a possibilidade de haver algum desconforto durante a entrevista, nenhum dos participantes manifestou incômodo ou necessidade de atendimento psicológico.

4. RESULTADOS

Categorização dos participantes

As tabelas 2 e 3 mostram a categorização das mulheres e dos homens entrevistados. Apresenta-se a idade dos participantes, bem como a idade em que vivenciaram situações de violência com seus parceiros, escolaridade e sexo do parceiro.

Tabela 2: Categorização das participantes do sexo feminino

Participante	Idade atual	Idade em que a violência aconteceu	Escolaridade	Sexo parceiro	Idade atual	Idade em que a violência aconteceu	Escolaridade
Carol	19	15	Superior cursando	Masc.	19	15	Superior cursando
Larissa	27	22	Superior completo	Masc.	29	24	Superior completo
Lívia	21	17	Superior cursando	Masc.	23	19	Superior cursando
Mariana	20	16	Superior cursando	Masc.	21	17	Não conhece
Júlia	21	15	Superior cursando	Masc.	21	15	Superior cursando

Em relação à categorização das participantes à época dos episódios de violência, observa-se na tabela 2 que das cinco mulheres, quatro tinham idade inferior a 18 anos. Dessas quatro, três possuíam parceiros também menores de idade. Em um caso, ambos eram maiores de idade e em outro caso, o parceiro era maior de idade.

Na época em que foram entrevistadas, quatro mulheres estavam cursando ensino superior, e uma delas se encontrava finalizando a pós-graduação. A respeito da escolaridade de seus parceiros, três estavam cursando ensino superior, e um tinha o ensino superior completo. Uma das participantes não soube dar esse tipo de informação. Todas as participantes mantinham relacionamentos heterossexuais.

Tabela 3: Categorização dos participantes do sexo masculino

Participante	Idade atual	Idade em que a violência aconteceu	Escolaridade	Sexo parceiro	Idade atual	Idade em que a violência aconteceu	Escolaridade
Lucas	22	18	Superior cursando	Masc.	36	32	Superior completo
Thiago	20	18	Superior cursando	Fem.	18	16	Ensino Médio Incompleto

Roberto	29	25	Superior completo	Fem.	29	25	Superior completo
Pedro	20	16	Superior cursando	Fem.	21	17	Superior cursando
Vitor	30	20	Superior completo	Fem.	26	16	Superior completo

Diferente do grupo das mulheres, um dos jovens entrevistados envolveu-se em um relacionamento homoafetivo com uma pessoa 14 anos mais velha e os demais em relacionamentos heteroafetivos com diferença de idade pouco significativa. Observa-se ainda que três jovens estavam cursando o ensino superior e dois eram mestrandos. Em relação aos ex-parceiros, três possuíam ensino superior completo, um estava cursando o ensino superior e um possuía o ensino médio incompleto.

4.1 Conceito e avaliação da violência

Nesta primeira categoria descrevem-se as opiniões dos jovens sobre violência no namoro (física e psicológica), suas causas e consequências.

Independente do sexo, o conceito de violência presente na visão dos jovens entrevistados foi a de que a violência no namoro refere-se a qualquer prática de agressão física, psicológica, patrimonial ou moral, contra a parceira ou parceiro. De maneira geral (seis dos dez), mencionaram que muitas vezes os jovens não percebem que estão passando por uma situação de violência.

Qualquer prática de agressão seja física, psicológica, moral, com um parceiro ou com a mesma família do parceiro seria uma violência. (Lucas, 22a)

As mulheres adoram carros, porque sabem que os homens são apaixonados por carro, eu já vi diversas formas as namoradas arranhando o carro, apedrejando, o que não deixa de ser uma violência. (Roberto, 29a)

Eu acho que seria qualquer coisa que te deixasse incomodado, como posso explicar, na psicológica tipo chantagem e até física, que eu acho que seria empurrar, segurar a pessoa. (Carol, 19a)

Para mim, é quando uma das partes ou duas encerram ao outro, uma imposição do outro e essa imposição sempre é violenta, no momento que você se sobrepõe à outra. (Mariana, 21a)

Não foram observadas diferenças significativas em relação ao conceito de violência para os jovens entrevistados. Para eles, tanto homens quanto mulheres são autores de violência física ou psicológica, com prevalência das mulheres na modalidade de violência psicológica.

Os homens entrevistados avaliam que a violência no namoro é frequente entre os jovens atualmente, pois todos relataram que possuem conhecidos que também já vivenciaram violência no relacionamento. No caso das mulheres, a maioria (três) mencionou que a violência no namoro é frequente entre os jovens; as demais mencionaram que “acreditam que acontece”, pois conhecem pessoas que vivenciaram violência em suas relações, mas não a consideram como um fenômeno

vivenciado com frequência. Dois jovens defenderam que as mulheres utilizam a violência psicológica por não terem a mesma força física que os homens.

Eu acho que sim, porque eu tenho conhecidos, tenho um amigo que está sofrendo violência psicológica com ela, ela controla tudo o que ele faz. (Vitor, 20a)

A mulher principalmente, ela não procura devolver a violência de forma física, procura uma forma psicológica. É como se ela fosse bem melhor em fazer chantagem psicológica, como se ela tivesse mais noção de como afetar emocionalmente a outra pessoa. (Thiago, 20a)

Conceito e avaliação de Violência Física e Psicológica

Para os homens e as mulheres entrevistadas, a violência física é compreendida por agressões que requer contato físico entre as pessoas, objetivando a subjugação de uma pela outra.

Seria de agressão mesmo, tapa, chute, puxar o cabelo (Thiago, 20a)

O ato de puxar o cabelo, te sacudir, te dar um tapa, um soco muitas vezes. (Larissa, 27a)

Nos casos que eu conheço, a violência física é o extremo de uma violência psicológica que já vem sendo perpetrada ao longo de um tempo. (Vitor, 30a)

Já a violência psicológica, tanto para os homens quanto para as mulheres entrevistadas, é caracterizada por agressões verbais, compreendendo a ofensa ao outro, de forma a também subjugarlo. Como consequência da violência psicológica, os entrevistados mencionaram a diminuição da autoestima da pessoa. Essa forma de violência, para todos os entrevistados, foi considerada a mais difícil de ser identificada.

Uma coisa mais verbal, uma agressão que violentasse em um sentido de botar aquela pessoa para baixo, destruir a autoestima dela. (Lucas, 22a)

Uma chantagem, palavras ofensivas para diminuir a pessoa, tocar no ponto que você sabe que é delicado para a pessoa e você mexer naquilo. É abalar a pessoa naquilo que você sabe que ela é fraca. (Vitor, 30a)

Existe aquela violência psicológica que a pessoa te xinga, fala coisas muito pejorativas para você. É um tipo de violência à liberdade, começa com ciúminho, alguma coisa assim. (Larissa, 27a)

Quando questionados sobre qual tipo de violência acreditam que seja a mais praticada, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas disseram ser a violência psicológica. Seis deles mencionaram que muitas vezes ela não é reconhecida enquanto violência, já que os comportamentos que a qualificam (insultos verbais) são geralmente aceitos como naturais. Três jovens mencionaram ainda que a violência psicológica, na maioria das vezes, ocorre antes da

violência física, compreendendo que a segunda já envolve algum tipo de dano psicológico. Acreditam que, por ser difícil de ser identificada, a violência psicológica também se torna difícil de ser mensurada, o que enfraquece a constituição de provas em boletins policiais e em processos judiciais.

Acho que existe tanto a psicológica, encubada, escondida nas relações dos jovens, mas eles não a entendem como violência psicológica e a física que existe, mas também maquiada de alguma forma. (Lucas, 22a)

Eu acho que a psicológica [que seja a violência mais praticada], porque muita gente acha que violência é só quando você chega a bater e às vezes fala coisas que desrespeita, magoa e acha que isso não é violência, mas não deixa de ser uma violência. (Carol, 19a)

Eu acredito que seja a violência psicológica [a mais praticada], porque geralmente a pessoa que comete a violência, a pessoa que abusa, ela cresce, essas pessoas se acostumam a fazer isso e fica uma coisa cotidiana e por ser uma coisa velada, não existe queixa contra a violência psicológica, uma queixa formalizada. É muito subjetivo, eu acho que muita gente sofre violência psicológica e demora a entender, por isso eu acho que é tão comum, na verdade. (Larissa, 27a)

Os jovens avaliaram que essa forma de violência é identificada apenas quando o parceiro ou a parceira já está prestes a terminar a relação ou após seu término. Os entrevistados mencionaram que é comum os sentimentos de “medo” para as vítimas, e “sentir-se no direito de fazê-lo” para o agressor.

Todos os participantes concordaram que a violência psicológica é a violência mais prejudicial no namoro, já que as sequelas desta são mais intensas e duradouras, podendo perdurar por toda a vida. Um dos homens entrevistados mencionou que a violência psicológica tem mais consequências negativas para a mulher do que para o homem.

Ambas são prejudiciais, eu acredito, mas em longo prazo a violência psicológica seja a mais prejudicial. (Lucas, M, 22a)

Psicológica, porque tem mais consequências para a pessoa, especialmente para a mulher. (Pedro, 20a)

A psicológica, porque como eu te falei, é uma coisa velada, uma coisa subjetiva, mais fora de controle; a violência física se o cara pega e te dá um tapa pronto, nada vai mudar o que aconteceu. Existe um hematoma também e você precisa usar como prova; a violência psicológica vai corroendo a pessoa por dentro que chega a um ponto que machuca muito mais, machuca a autoestima, machuca o que a pessoa pensa sobre ela mesma. O dano que a violência psicológica causa a uma pessoa pode ser muito pior e maior do que o dano que causa a violência física, claro que estou falando de uma violência física como tapa, nada bizarro. (Larissa, 27a)

Diferenças de gênero da violência física e psicológica sofrida e praticada

Quando perguntados sobre quem pratica ou sofre mais violência, quatro dos cinco homens entrevistados mencionaram que o “homem pratica mais violência física do que a mulher”, enquanto todas as mulheres acreditam que “o homem pratica mais violência física do que a mulher”. Ambos as respostas foram muito similares, tendo em vista que apenas um homem não defendeu esse argumento. Todos mencionaram que acreditavam que a mulher também comete violência física, só que em um grau menor, devido à força física masculina ser superior à dela.

Não tem um gênero, quanto mais o homem pratica violência física, com certeza é mais violento, mas quando uma mulher pratica violência física são pequenas coisas que vão acumulando e vão deixando o homem com mais raiva e aí ele explode e devolve tudo de uma vez só. Mas eu acredito que seria o homem, até porque a mulher tem menos tendência de devolver fisicamente o que ela sofre psicologicamente. (Thiago, 20a)

Eu acredito que seja o homem pela questão da força física. (Larissa, 27a)

Eu acho que há violência física mais forte no homem, mas mulher também faz violência física, mas pequena. (Lívia, 21a)

A maioria dos homens e mulheres entrevistados mencionou que tanto o homem quanto a mulher praticam violência psicológica na mesma intensidade, entretanto um homem e uma mulher mencionaram que a mulher pratica mais violência psicológica do que o homem.

Eu acho que está emparelhado, a violência feminina e o que elas têm nas mãos, 95% dos casos elas não têm condição física de agredir fisicamente, porque se ela dá um murro nele, ela vai receber outro e entra em desvantagem. A violência [psicológica] é mais acessível para elas, mas o homem também a pratica. (Roberto, 29a)

Três dos cinco homens entrevistados mencionaram que a mulher sofre mais violência psicológica do que o homem. Um dos participantes mencionou que o homem sofre mais do que a mulher e outro defendeu que os dois sofrem violência psicológica na mesma intensidade. Em relação às mulheres, observou-se que as respostas também estavam divididas. Duas participantes acreditam que a mulher sofre mais do que o homem, duas que os dois sofrem na mesma intensidade e uma mencionou que o homem sofre mais violência psicológica no namoro do que a mulher. O que se pode destacar, é que ambos pensam que tanto homens como mulheres sofrem violência psicológica.

As mulheres, os homens talvez tenham mais resistência à violência psicológica. (Lucas, 22a)

Eu acho que está bem emparelhado, bem igual, porque o homem por si só ele é mais violento, ele é mais forte. A violência feminina e o que elas têm nas mãos, 95% dos casos elas não têm condição física de agredir fisicamente porque se ela dá um murro nele, ela vai receber outro e entra em desvantagem, a violência psicológica é mais acessível para elas, mas o homem também a pratica. (Roberto, 29a)

Mulher vai ficar mais magoada, tem mais sentimentos, o homem tem mais orgulho, mas eu acho que ambos. (Vitor, 20a)

Causas e consequência da violência no namoro

Os homens e as mulheres entrevistados elencaram várias causas para a ocorrência de violências no namoro. Podem ser observados, pelos extratos das falas expostos a seguir, uma grão quantidade de fatores que eles elencaram como causas: Tais como ciúmes, insegurança, o uso de substâncias ilícitas ou lícitas, influência de outras pessoas (fofoca), valores inculcados na infância, a classe socioeconômica entre outras. Importante destacar, que os entrevistados ao longo da entrevista, mencionaram outros fatores de risco para a violência no namoro. Os quais serão apresentados posteriormente.

Ciúmes, geralmente acontece com base nos ciúmes, uso de substâncias ilícitas ou lícitas como drogas. Insegurança por parte dos parceiros, influência de outras pessoas como fofoca, ciúmes que podem causar violência, acho que o principal seria isso. (Lucas, 22a)

Eu acho que às vezes as pessoas são duas pessoas totalmente diferentes e uma não vai aceitar o jeito da outra e vai querer mudar a pessoa, e ao não consegui-lo vai tentar fazê-lo com força. Também a questão da possessão: “você não pode sair”, “você não pode fazer isso”, “vou terminar com você”, violência psicológica ou física. Acho que fatores como ciúmes, ciúmes que não são normais, que a pessoa é dona da outra. (Carol, 19a)

Eu acho que por várias coisas: nível pessoal, a forma como cada pessoa lida com o outro ser humano; tem um nível social, vivemos em uma sociedade muito violenta, somos muito violentos uns com outros em nossas relações, e nas relações afetivas se manifesta também. Um relacionamento onde não há diálogo. (Mariana, 21a)

Mesmo que uma das entrevistadas tenha aventado a possibilidade de influência da classe social (tal como pode ser percebido na fala de Mariana descrita anteriormente), apenas um entrevistado relatou que esse problema é pertencente às classes sociais mais baixas, mesmo tendo ele sido praticante de agressões. Cabe destacar que tanto ele quanto sua namorada eram advogados à época dos fatos e provenientes da classe média.

Ao princípio, devido às personalidades da pessoa, o modo de criação, eu percebo que a violência é maior quando não tem informação, quando são menos esclarecidos, quando é de classe social mais baixa, ocorre em classes mais baixas e aí tem que analisar porque, que é precisamente isso falta de informação, falta de preparo, de cultura, então são pessoas que são mais despreparadas, não é que uma pessoa de classe alta vai deixar de fazer aquilo não, mas se ela tiver um conhecimento, noção de tudo aquilo que ela está fazendo a probabilidade seria menor, nada justifica, também tem o lado da relação, quando começa a ficar desgastada, os parceiros não se gostam mais como no início ou o amor vai acabando, quando acaba o respeito, aí eu acho que pode acontecer tudo, traição, violência. (Roberto, 29a)

Quanto às consequências para a vítima, ao ter sofrido (e/ou cometido, uma vez que houve reação em maior ou menor grau em sete relatos) violência no namoro, os participantes mencionaram consequências imediatas e em longo prazo para suas vidas. Entre as consequências imediatas eles citaram os hematomas, a baixa da autoestima, a diminuição do investimento na relação com o (a) namorado (a) e o sentimento de culpa, dado o fato de que muitos ficaram se questionando o que fizeram de errado com seus parceiros. As consequências em longo prazo citadas por eles envolveram o aparecimento de problemas psicológicos, a dificuldade de manter novos relacionamentos e o isolamento social.

Também foi solicitado que os participantes pudessem relatar as possíveis consequências da violência para o (a) agressor (a). Cabe frisar que se seguiu a essa pergunta uma expressão de surpresa, uma vez que todos tiveram mais facilidade para destacar as consequências para as vítimas do que para os (as) agressores (as). As consequências mais citadas foram “sentir-se mal pelo ocorrido” ou “arrependimento”, ao mesmo tempo em que foi mencionada a questão da “indiferença diante do problema”, - respostas antagônicas e mais intrínsecas ao sujeito-, além das consequências legais e sociais, tal como sofrer segregação pelo seu grupo, que pode ser considerada externa ao sujeito.

Para a vítima, a perda de interesse na pessoa que lhe agride, sentimentos de obsessão pela pessoa. Para o agressor, ele vai perdendo ou perde a pessoa que gosta dele, consequências sociais como ser segregado por um determinado grupo ou responder criminalmente. (Vitor, 30a)

Pode não querer sair mais desse relacionamento, nem querer mais se relacionar com ninguém, perder a confiança nas pessoas; “vão fazer isso comigo novamente”. Para o agressor, eu acho que ele pode continuar fazendo isso nos próximos relacionamentos ou pode até se arrepender, mais quem faz duas vezes faz mais. (Carol, 19a)

Para a vítima, eu acho que destrói a autoestima dela, a primeira grande consequência é a autoestima que sofreu a violência, quebrar, abaixar bem a autoestima dela. Para o agressor, acho que nenhuma, talvez assim, mais depende muito da pessoa, porque pode ter algum arrependimento, mas eu acho que pessoa que faz esse tipo de coisas não tem consciência do que esta fazendo, então, poderia ser arrependimento. (Larissa, 27a)

4.2 Avaliação da violência que agressores e vítimas sofreram no relacionamento.

A segunda categoria está relacionada à avaliação da violência que agressores e vítimas sofreram no relacionamento. Duas subcategorias surgiram: na primeira encontram-se as respostas relativas à história pregressa do sujeito, seja a vítima ou seja o agressor, a uma possível vivência de violência

intrafamiliar; enquanto na segunda subcategoria estão as respostas relativas às violências sofridas, e praticadas, no relacionamento propriamente dito.

Em relação à primeira subcategoria, violência familiar e seu reflexo nos relacionamentos afetivos, observou-se que todos os homens entrevistados mencionaram ter sofrido violência física e psicológica no âmbito familiar quando crianças. Mencionaram ainda ter sofrido violência por parte da mãe e do pai, especialmente por parte da mãe. Foram apontados diversos motivos, desde a inabilidade em lidar com situações específicas da infância até enfatizar que os pais valiam-se de agressões físicas e psicológicas para educá-los. Dois respondentes relataram que sabiam que suas parceiras vivenciaram violência física e psicológica no âmbito familiar, os demais afirmaram que suas parceiras não sofreram violência na família.

Quando criança sim, foi ruim, eu sou do interior, então, as famílias têm o costume de bater, brigar, dar uma palmada nas crianças. Eu até os 10 anos sempre sofri violência física, do meu pai especialmente, mas depois da minha mãe quando eles se separaram. (Lucas, 22a)

Já, quando era criado pela minha mãe, até os 12 eu sofria muito violência física e psicológica, todos os dias. (Roberto, 29a)

Sofreu porque os pais dela se separaram, eu acho que o pai batia na mãe, e a mãe dela meio que ficou com raiva, e transmitia a violência para ela. O pai dela se meteu com droga também, depois que eles se separaram. No namoro eu não sabia isso, foi depois. A mãe dela batia nela. (Pedro, 20a)

Acredito que sim [sofreu violência familiar], porque como os pais dela eram separados e durante a infância ela também foi um instrumento de troca, de chantagem entre os pais, era o que eu ouvia, isso acabou se refletindo na personalidade dela e de acreditar que um relacionamento podia se basear em trocas, em chantagens e de utilizar as pessoas como objetos. (Vitor, 30a)

Ao serem questionados se a violência no âmbito familiar que experimentaram teve algum reflexo em seus relacionamentos, três dos homens entrevistados responderam que sim e os outros dois disseram que não. Os que disseram que não houve reflexo consideram que a violência sofrida foi benéfica para eles por ter sido uma forma de disciplina recebida na infância. Por outro lado, nenhuma das mulheres entrevistadas identificou ter sofrido violência no âmbito familiar, apesar de uma delas justificar a violência do seu ex-companheiro devido à violência sofrida na infância.

Sempre tem [reflexos na vida da pessoa] qualquer violência sofrida, fica envolvendo aquele trauma na personalidade da pessoa para ela lidar com aquele problema querendo ou não, colocando aquele problema no jogo. (Thiago, 20a)

Não, foi algo muito benéfico [a violência sofrida na infância], eu sou a favor de uma boa palmada, eu merecia apanhar, eu dei muito problema. (Roberto, 29a)

Existe um contexto familiar dele que era muito diferente do meu. A forma como ele se relacionava com a família, eu vi que era uma forma muito violenta, o pai dele era uma pessoa muito violenta, tinha problemas com álcool, era muito violento na forma de falar e de lidar com outras pessoas, o pai dele tinha uma relação extraconjugal. Então, assim, eu acho que ele vivia em um contexto familiar que foi muito complicado para ele, durante toda a vida dele, ele sempre me falou muito sobre isso, o pai era violento com ele e com a mãe, xingava eles. Para mim, ele aprendeu isso do pai para lidar com outros seres humanos e em relação a mim, ele fazia isso comigo. (Júlia, 21a)

Em relação à segunda subcategoria, sobre a violência no relacionamento amoroso, observa-se nas Tabelas 4 e 5 quatro conjuntos de respostas: 1) identificação do tipo de violência, se física e/ou psicológica; 2) se sofreu e/ou praticou violência; 3) tempo total de duração do relacionamento, e 4) o momento em que as agressões começaram.

Tabela 4: Categorização da violência que os homens entrevistados vivenciaram

Participante	Violência vivenciada	Violência sofrida e/ou cometida	Tempo do relacionamento	Momento em que começaram as situações de violência
Lucas	Física	Sofreu e agrediu fisicamente	1 ano e 3 meses	Depois de 1 ano
Thiago	Psicológica	Sofreu e agrediu psicologicamente	4 meses	Desde o início
Roberto	Física e psicológica	Sofreu e agrediu física e psicologicamente	1 ano e 6 meses	Depois de 3 meses
Pedro	Física e psicológica	Sofreu violência física, ao mesmo tempo em que sofreu e agrediu psicologicamente	1 ano	Depois de 9 meses
Vitor	Física e psicológica	Sofreu violência física e praticou violência psicológica	1 ano e 6 meses	Após 1 ano

Como se pode visualizar na tabela 4, todos os homens praticaram e sofreram algum tipo de violência, o que indica a bidirecionalidade da mesma entre pares de namorados dos participantes masculinos. Observa-se também que a violência física e a violência psicológica estiveram presentes com a mesma frequência nesse grupo; a violência sexual não foi relatada. O tempo do relacionamento foi de 1 (um) ano ou mais em quatro casos, sendo que em nenhum dos casos a violência foi o motivo imediato da separação, visto que eles permaneceram juntos algum tempo depois do início da violência (no mínimo por 3 meses e no máximo por 15 meses).

Tabela 5: Categorização da violência que as mulheres entrevistadas vivenciaram

Participante	Violência vivenciada	Violência sofrida e/ou cometida	Tempo do relacionamento	Momento em que começaram as situações de violência
Carol	Física e Psicológica	Sofreu física e psicológica e agrediu psicológica.	1 ano e 8 meses	Depois de 5 meses
Larissa	Física e Psicológica	Sofreu física e psicológica.	1 ano e 8 meses	Depois de 3 meses
Lívia	Psicológica e sexual	Sofreu psicológica e sexual.	3 meses	Desde o início
Mariana	Física, psicológica e sexual	Sofreu física, psicológica e sexual.	1 ano e 8 meses	Desde o início
Júlia	Física, psicológica e sexual	Sofreu física, psicológica e sexual e agrediu física e psicológica.	2 anos	Desde o início

No caso das mulheres, observa-se que todas as respondentes sofreram violência psicológica, sendo que quatro sofreram também violência física e três violência sexual, e que somente duas também praticaram violência com seus parceiros. O tempo do relacionamento foi de 1 (um) ano ou mais em quatro casos, sendo que em nenhum dos casos ele foi o motivo imediato da separação, visto que permaneceram juntos algum tempo depois do início da violência (no mínimo por 3 meses e no máximo por 24 meses).

Quando questionados a respeito da primeira vez que vivenciaram a violência em seus relacionamentos, os homens afirmaram que a experimentaram nas duas modalidades. Já as mulheres começaram a identificar atos violentos praticados por seus parceiros primeiramente na forma de violência psicológica. Uma delas relatou ter sofrido violência física e psicológica na primeira experiência.

As mulheres relataram não compreender imediatamente o que estava ocorrendo, seja por ter sido o primeiro relacionamento, seja por dificuldade de identificar uma ocorrência de violência. Quando perguntados se recordavam a primeira vez que sofreram violência, assim relataram os entrevistados:

Foi no momento que eu queria sair e a pessoa não podia sair comigo, porque tinha outro compromisso e não queria que eu saísse e segurou a porta do quarto, eu estava na casa da menina e ela não me deixava sair, eu tentei puxar e ela me arranhou meu braço e eu saí correndo, fugindo, engraçado (risos). (Vitor, 30a)

Foi muito sutil, na verdade, só entendi que tinha sido uma violência um tempo depois, a gente estava num café e aí tinha um amigo de meu namorado e esse amigo me fez um elogio, mas foi totalmente respeitoso, na frente de meu namorado, e desde então ele começou a me tratar muito mal, a ser totalmente grosseiro “vou te levar para casa agora” “não quero ficar mais com você aqui” e coisas pejorativas mesmo. (Larissa, 27a)

Foi uma vez que ele queria fazer sexo e eu não queria, e ele ficou fazendo chantagem emocional, falando que eu não gostava dele, era tipo isso. (Lívia, 21a)

Ele começou controlando o que eu estava vestindo e com quem estava saindo, “ah, você não vai sair comigo vestida assim”, “você não vai sair sozinha com essa pessoa”. (Mariana, 20a)

Os homens, quando relataram sobre as violências sofridas durante a fase do namoro, evidenciaram as relacionadas ao âmbito verbal, de forma que foram comuns os relatos de ameaças constantes, seja de traição, seja de uma necessidade de controle sobre suas vidas por parte da parceira. O ato de “chorar” foi apresentado por dois dos participantes como uma forma da parceira se vitimizar para conseguir seus intentos. Em um dos relatos, o participante explica como a violência foi evoluindo no decorrer do relacionamento.

Essa promessa constante de que se eu não fizesse o que ela queria eu seria trocado; às vezes, quando a gente estava junto ela me tratava com extrema frieza, não falava comigo. E um dia eu falei isso com ela, “que quando me ignora, isso me agride muito”, aí depois ela começou a usar isso contra mim e eu falei “poxa, eu falei para você não fazer isso” e ela fazia mesmo, e a maioria das vezes ela se fazia de vítima de coisas desnecessárias que utilizava de uma forma tão traumática e isso me agredia, porque me fazia sentir a coisa pior do mundo. (Thiago, 20a)

Ela tinha um ciúme, era uma coisa muito grande, ela era tão ciumenta. Meu telefone, eu tive que pedir para a operadora discriminar todas as ligações que eu fazia, então, todo mês a operadora do meu celular enviava minha conta com todas as ligações efetuadas no mês e eu não podia abrir, eu tinha que entregar para ela que conferia número por número e todo número que não estivesse salvo em minha agenda, ela esperava completar a ligação para perguntar quem era, senão ia terminar comigo, ela ameaçava com isso, tudo eu tinha que fazer o que ela queria, senão a gente terminava. (Roberto, 29a)

Então, eu sempre saí com meus amigos e isso chateava muito ela, então, ela ligava, ela chorava, ela fazia muito chantagem comigo. Ameaçava em terminar e eu tentava lidar com a situação de uma forma bem tranquila “ah, você quer terminar, então termina”. Então, tinha muitos rompimentos durante as brigas, logo tinha um pedido de desculpa, uma reconciliação até um novo rompimento, e em alguns momentos tinha violência física, arranhar, morder, empurrar e eu nunca revidei, eu já cheguei a ficar trancado uma vez na casa dela, ela trancou a porta e escondeu a chave e eu não tinha como sair. (Vitor, 30a)

Já as mulheres quando relataram sobre as violências que sofreram durante a fase do namoro evidenciaram as relacionadas à violência psicológica, seguida da violência física ou sexual ao longo do relacionamento. Uma das entrevistadas relatou ter se afastado da família e dos amigos, pois seu círculo familiar e social rejeitou o parceiro.

Toda briga tinha essa questão da violência psicológica, “ah, mas você”, a questão de criticar, “você faz isso, aquilo, é tudo culpa sua” etc., questão de chantagem “aí, vou terminar”, “você vai ficar sozinha e eu vou procurar outra”, essas coisas, isso era mais por telefone e frente a frente era a questão de eu querer ir embora e ele não deixar, me empurrando. A física, quando eu

não queria ficar, me empurrava, me forçava a ficar e me machucava ou eu não concordava com ele e ele me empurrava. (Carol, 19a)

Ele [namorado] tinha costume de procurar em meu celular, invadir minha privacidade. Aí ele viu a mensagem [ex-namorado] e falou “arruma suas coisas e vai embora, que vou te levar para casa agora” e começou a me xingar de tudo quanto é nome e eu perguntei o que estava acontecendo. Ele começou a perguntar o que era aquilo [a mensagem do ex] e começou a me xingar, a me chamar de vadia para baixo. Palavras pejorativas e perguntar por que eu tinha feito isso com ele e eu falei que não tinha feito nada e que ele abriu uma mensagem e que não estava entendendo nada e ele se recusou a entender e eu falei “então, você pode me levar para casa” e aí ele segurou meu braço, apertando, sacudindo até o carro. E aí ele ficou em silêncio no carro e do nada começou a socar minha perna e começou a gritar e a xingar. Eu senti muita vergonha de quem estava nos carros ao lado que estavam ouvindo, porque ele estava insanamente gritando e eu falava: “Para! não é nada disso”. A psicológica, por exemplo, ele “hacqueou” meu computador e chegou a um ponto que ele começou olhar todas minhas conversas, inclusive as que eu tinha tido antes de começar a namorar com ele e isso era suficiente para inventar histórias e ligar para mim, “conheci fulano e ele me falou que vocês ficaram” e eu falava que não era verdade, falava para me dar o telefone, que eu ia falar com ele, perguntava por que ele mentiu e aí ele parava. (Larissa, 27a)

Começávamos a ver um filme e ele começava a me abraçar e queria fazer sexo comigo. Eu não queria e eu falava “vamos ver o filme”, o filme que me estava interessando nesse momento, e aí ele começava a se colocar como coitadinho, que eu não gostava dele, que eu só pensava em mim e ao final das contas eu me sentia culpada e aí a gente tinha sexo, todas às vezes era assim, ele me ignorava e depois ele queria ter sexo, e eu não queria, e depois eu deixava isso para lá, “ah, tá vamos”, mas não queria. (Lívia, 21a)

Nós éramos muito novos, era nosso primeiro relacionamento, mas desde o início a gente teve uma questão muito séria com ciúmes, mas de ambas as partes. Me afastei muito, tanto de meus amigos, como de minha família, porque desde o início, eles tiveram muita resistência em aceitar esse namoro e não achavam saudável para mim. Eu também fui privada de falar com rapazes, com pessoas que já tinha ficado, a gente discutia muito por isso. Teve uma vez que a gente discutiu e comecei a gritar. A agressão foi mútua, eu tentei bater nele e ele tentou me bater, até que a gente se acalmou. Teve outra situação de violência física, nós estávamos discutindo e ele pegou no meu pescoço, ele apertou com uma das mãos no momento que estávamos discutindo, ele não gostou de alguma coisa que eu falei e ele fez isso. A questão de nossa relação sexual, muitas vezes eu fazia coisas que eu não gostava, muitas vezes eu não estava a fim de fazer aquele dia, mas por pressão dele eu fazia. (Júlia, 21a)

Quando questionados sobre o que poderia ter motivado a violência no namoro, os homens entrevistados atribuíram à violência que eles experimentaram por parte de suas parceiras a diferentes causas. Como causas externas indicaram o uso de bebidas alcoólicas e os relacionamentos violentos anteriores e, como causas internas, destacaram o temperamento e a

imaturidade da parceira. Três homens não acreditavam que a violência poderia ter sido evitada, pois mencionaram que foram situações que ocorreram devido à imaturidade da parceira ou por questões próprias da personalidade delas.

Eu acho que já vem dela, ela nasceu com esse gênio. As pessoas, elas se escondem por dentro de si mesmas e vão vestindo uma carapuça, uma armadura e vai se adequando a certas ocasiões da vida, porque elas simplesmente não podem ser quem são. Por isso, existe aquela frase: “quer conhecer o homem, dê poder a ele”. Quando a pessoa tem poder, fica com vantagem sobre a outra, aí que você vai conhecer quem realmente é. (Roberto, 29a)

Depois das conversas, eu entendi o porquê dela fazer isso, [...] porque ela sofreu uma violência física no relacionamento passado e ela devolvia isso que marcou em todos os seus relacionamentos. (Thiago, 20a)

Eu acho por causa do meu irmão, porque ela meio que não gostava dele. Ele era solteiro e ficava com muita gente e eu gostava de sair com ele. Ela via como ele era e achava que eu ia fazer o mesmo. Ela repreendia isso um pouco, ela falava muito mal dele. A desconfiança também. (Pedro, 20a)

Quando questionadas sobre o que poderia ter motivado a violência no namoro, as mulheres entrevistadas atribuíram a violência vivenciada com seus parceiros a diferentes causas. Duas disseram que seus parceiros foram “mimados” por seus familiares, não receberam limites durante a infância e adolescência. Dessa forma, no relacionamento a dois, a ocorrência de comportamentos caracterizados por elas como egoístas e autoritárias apareciam. Duas entrevistadas atribuíram às personalidades controladoras e explosivas de seus parceiros, enquanto uma delas atribuiu à violência vivida por seu parceiro na infância. Quatro das mulheres relataram não acreditar que as situações de violência que experimentaram poderiam ter sido evitadas devido à imaturidade própria da idade. Uma das mulheres mencionou que se tivessem procurado ajuda, talvez isso não tivesse acontecido.

Ele era muito nervoso, muito explosivo, não conseguia o que ele queria, “ah, vou conseguir da forma mais difícil, ou era por bem ou era por mal”. Eu achava que como ele era filho único e tinha tudo o que ele queria, que aí ele achava que as pessoas tinham que aceitar tudo o que ele falava. (Carol, 19a)

Acho que ele é doido (risos), acho que ele é uma pessoa extremamente dominadora e ele me via como uma coisa e não como uma pessoa, como uma coisa dele, sua personalidade era se nutrir de briga, e como se ele tivesse uma necessidade de ser agressivo. (Larissa, 27a)

Existe um contexto familiar dele que era muito diferente do meu. A forma como ele se relacionava com a família, eu vi que era uma forma muito violenta, o pai dele era uma pessoa muito violenta, tinha problemas com álcool, era muito violento na forma de falar e de lidar com outras pessoas, o pai dele tinha uma relação extraconjugal. Então, assim, eu acho que ele vivia em um contexto familiar que foi muito complicado para ele durante

toda a vida, ele sempre me falou muito sobre isso, o pai era violento com ele e com a mãe, xingava eles. Para mim, ele aprendeu isso do pai, para lidar com outros seres humanos e em relação a mim, ele fazia isso comigo. (Júlia, 21a)

Três dos homens entrevistados destacaram a dificuldade enfrentada quando se percebiam vivenciando um círculo de violência recíproca, mesmo que uma das partes não estivesse acostumada a reagir com violência. Afirmaram ter muita dificuldade para não se envolver nesse círculo de violência, uma vez que as reações da parceira eram violentas, o que justificava a violência bidirecional. Entretanto, duas mulheres afirmaram que a resposta violenta foi uma reação de defesa, e atribuíram ao parceiro a responsabilidade pela reação violenta.

No segundo caso, foi mais grave, fui eu, em uma briga mais curta dei um soco certo. Eu fui levado para delegacia e depois quando voltei à consciência de como eu fiz isso a outra pessoa. Depois, terminamos o namoro, mas continua uma relação de amizade muito grande. (Lucas, 22a) [relacionamento homoafetivo]

Eu também pratiquei muita violência psicológica com ela, em um relacionamento você acaba adquirindo um pouco da personalidade de seu parceiro. Eu sempre fui muito tranquilo, mas por ela ser obsessiva demais, eu acabei me tornando obsessivo, eu também tinha senha do Facebook dela, do e-mail e quando eu olhava uma conversa que eu não gostava, eu também reagia dessa forma. Era mais do que tudo psicológica, só houve agressão [física] nessa primeira vez e no dia do término que acabou tudo mesmo, durante a relação foi só psicológica. (Roberto, 29a)

Ah, eu comecei a me defender, a fazer a mesma violência psicológica: “ah, vou terminar com você” [namorado], “ah, então termina ou faz o que você quiser” [ela], deixava meio de lado e eu acho que isso abalava, ofendia. Assim, física não. (Carol, 19a)

A terceira categoria desse estudo apresenta as descrições feitas pelos jovens entrevistados sobre as similaridades e as diferenças entre os tipos de relacionamentos, a saber: ficar e namorar. Da mesma forma, mencionaram suas expectativas quanto a novos relacionamentos, depois de ter experimentado as consequências de uma relação com momentos de violência.

4.3 Relações afetivas na atualidade e perspectivas para novas relações

Em relação ao que compreendem como ficar, observa-se que tanto os homens quanto as mulheres perceberam que o ficar é momentâneo, sem a obrigação da continuidade dos encontros. Entretanto, a conotação sexual para os homens é muito mais presente do que para as mulheres. Ambos afirmam que no “ficar” não há envolvimento emocional e compromisso. Mencionaram ainda que o relacionamento ocorre de forma esporádica, sem planejamento posterior.

Quando você pega uma pessoa, beija ou tem uma relação sexual momentânea, sem compromisso. (Vitor, 30a)

Quando você não tem compromisso com a pessoa e não tem envolvimento emocional. (Mariana, 20a)

Quando foram questionados sobre as características de um namoro, os homens e as mulheres entrevistados o descreveram de forma similar. Mencionaram características como: compromisso, fidelidade, envolvimento emocional e a relação com os familiares do (a) parceiro (a). Apontaram que namorar é um relacionamento em longo prazo que possui contato físico, sexual e afetivo. Como se observa nas falas dos entrevistados, tanto os homens como as mulheres mencionaram diferenças evidentes entre os relacionamentos ficar e namorar. Ainda assim, os participantes mencionaram que ambos os relacionamentos estão interligados, pois as pessoas ficam antes de namorar.

Um relacionamento, também físico, sexual, emocional por um tempo, duradouro... É mais longo, demora mais. (Lucas, 22a)

Já implica um compromisso maior, você se relaciona com a família, você tem compromisso com aquela pessoa. (Larissa, 27a)

Sim, [tem diferença] a relação de afeto, na relação de namoro existe mais afeto do que o ficar, ficar pode ser um dia, não tem fidelidade, uma fidelidade específica com a pessoa. Namoro já requer uma fidelidade com essa pessoa, não necessariamente uma fidelidade em termo de monogamia, fidelidade em um sentido de companheirismo com essa pessoa, coisa que ficar não tem. (Lucas, 22a)

Quando perguntados sobre o tipo de relacionamento mais comum na atualidade (ficar ou namorar), todos os homens jovens entrevistados disseram que ficar é o relacionamento mais comum na atualidade. Afirmaram que não há complicações, é um prazer momentâneo que satisfaz a necessidade afetiva e/ou física de forma rápida, sem demandar tempo e esforço. Apenas duas mulheres emitiram a mesma opinião. Cabe destacar que, para ambos os grupos de entrevistados, esse comportamento é um reflexo da sociedade imediatista, na qual os relacionamentos são descartáveis e a publicidade incita a permanecer solteiro (a) e a curtir todos os momentos de forma intensa. Ao contrário do que o senso comum prega, não só os homens estão procurando esses momentos curtos e prazerosos, as mulheres também estão. Na procura para ter uma vida intensa (amigos, profissão, estudos), não há espaço para estabelecer relacionamentos duradouros. Além disso, ficou evidente nas falas dos participantes que há uma crença que o “ficar” é uma etapa necessária antecedente ao namoro. Ficar acaba sendo a única via para encontrar a pessoa com a qual se possa namorar de verdade, ou quem mereça ser namorado.

Acho que é mais comum ficar, pelo fato precisamente que os jovens, a gente vive neste mundo muito rápido, tudo acontece de uma forma muito volátil, então, melhor ficar. O namoro existe, porque a gente namora também. O ficar é mais fácil, é um prazer momentâneo, no namoro você tolera algumas coisas, precisa entender a outra pessoa que ficar não tem, ficar é mais simples. (Lucas, 22a)

Ficar com certeza, porque nesta sociedade imediatista de coisas rápidas, é como se fosse um relacionamento “fast food”, pronto, está ali, sua necessidade de carinho de afetividade é sanada rapidamente e você não precisa se envolver emocionalmente. Então, a maioria das pessoas opta por ficar em vez de namorar, não demanda tanto tempo nem tanto esforço e você tem um resultado parecido em pequenas doses. (Thiago, 20a)

Os dois são bem comuns, tipo muitas pessoas ficam, mas muitas namoram, eu não sei qual é o maior, os jovens geralmente ficam mais, eu acho que as pessoas vão ficando umas com as outras até encontrar uma que valha a pena para namorar. (Lívia, 21a)

Sobre as expectativas para novos relacionamentos após a vivência de um namoro conturbado, com casos de violência, todos (as) os (as) entrevistados (as) mencionaram suas expectativas para futuros relacionamentos. Um ponto em comum é a expectativa de não vivenciar um relacionamento com situações de violência física e/ou psicológica. A maioria dos participantes (seis) mencionou que o fato de serem adolescentes, sem conhecimento algum de como ter um relacionamento afetivo com outra pessoa favoreceu, de alguma forma, a ocorrência desses acontecimentos de violência.

Para muitos, foi difícil voltar a se relacionar novamente com outra pessoa, seja por medo, desconfiança, insegurança, entre outros sentimentos. Entretanto, seis participantes (três homens e três mulheres) afirmaram que se trata de uma forma de aprendizagem, uma forma de amadurecer para no futuro saber diferenciar um relacionamento abusivo de um que não seja abusivo. Admitem que ter passado por um relacionamento conturbado nesse nível refletiu nos relacionamentos posteriores e que esperam relacionamentos respeitosos, tranquilos e sem qualquer tipo de agressão física e/ou psicológica.

Eu espero que isso não aconteça, não foi só álcool se não também a questão da maturidade; com a crise da adolescência, acabava de entrar na universidade, características de adolescentes, você está entrando na vida adulta. Acredito que não vai acontecer novamente, a chance é remota. (Lucas, 22a)

Eu acredito que a gente aprende com essas experiências, ao menos eu aprendi com a experiência e saber reconhecer quando um relacionamento caminha para um relacionamento de violência constante, física ou psicológica. Conversar sobre o que está acontecendo, pensando, ouvir o que a outra pessoa sente e pensa e decidir nesse momento se vale a pena continuar ou cada um segue seu caminho separadamente. (Vitor, 30a)

Eu estou namorando agora, a gente conversa muito, muito apoio mútuo, a gente briga bastante também, mas depois tenta ver o lado do outro, algo mais tranquilo. (Lívia, 21a)

Eu estou namorando novamente, foi o primeiro namorado depois do que aconteceu, mas ele é muito paciente, ele meio que entendeu que eu precisava de espaço para confiar nele, a gente ficou muito amigo antes de namorar, muita paciência e persistência da parte dele, e muito interesse de minha parte por querer estar com ele, é um relacionamento saudável (Mariana, 20a)

A última categoria analisada foi relativa ao enfrentamento(s) da situação de violência vivenciada, envolvendo nessa questão a existência ou não de uma rede de apoio, seja ela familiar, profissional, política pública ou amigos.

4.4 Enfrentamento da violência e rede de apoio

Quando foi perguntado aos participantes do sexo masculino sobre de que forma enfrentaram as situações violentas ocorridas durante o namoro, todos afirmaram ter dificuldades de (re)agir com eles mesmos e com seus parceiros, seja no lugar de agressor ou no lugar de vítima. Todos os entrevistados tiveram como reação fugir do problema, ao mesmo tempo em que se sentiram frustrados ou raivosos. Três deles comentaram o sucedido, com seus amigos e/ou a família.

Eu estava em minha casa, eu saí de casa e fui embora. (Pedro, 20a)

Me senti super mal, comecei a chorar, entrei em uma crise existencial: “por que eu fiz isso?”. Não falei com ninguém... (Lucas, 22a)

Fiquei muito chateado, eu não contei para ninguém, isso mexeu no meu ego, ela falar que ela gostaria de estar transando com o ex porque eu não sabia fazer, fiquei bem chateado. (Roberto, 29a)

No que se refere às mulheres entrevistadas, suas respostas são similares a dos homens, porque também ficaram frustradas e, além disso, ficaram assustadas, mas não comentaram sobre a violência com terceiros (somente a participante Júlia comentou vagamente sobre o ocorrido). Uma diferença entre os participantes e as participantes é que as mulheres demoraram a compreender que o que estavam vivenciando se tratava de violência física e/ou psicológica, e algumas até se sentiram culpadas pela reação do parceiro, imaginando que tinham feito algo desagradável ao parceiro. Apesar de não fugirem da situação, procuravam não piorá-la.

Eu não fiz nada, eu fiquei completamente sem reação, porque até então na minha cabeça eu poderia ter feito uma coisa errada que poderia ter gerado isso nele, então, não sabia, só depois eu entendi o que tinha acontecido. (Larissa, 27a)

Como começou de uma forma tão sutil, não parecia ser uma forma agressiva sabe, era tipo uma sugestão, com o passar do tempo eu me fui tornando cada vez mais insegura e mais isolada sabe. (Mariana, 20a)

Eu comecei a me questionar, se realmente era algo que podia magoar, eu fiquei muito mal, chorei, mas acho que foi pelo fato dele ter ido embora sem a gente falar sobre isso. Eu não falei com ninguém, eu comentei com um ou dois amigos porque eu estava procurando ele e eles ficaram espantados com a reação dele. (Júlia, 21a)

Quando questionados sobre como enfrentaram a violência sofrida, os homens informaram que permaneceram utilizando as mesmas estratégias para lidar com esses momentos ao longo do relacionamento. Em primeiro lugar, procuravam sair sozinhos com amigos para terem momentos de lazer longe da parceira. Uma segunda reação foi, no momento das agressões, terminar o relacionamento (mesmo que isso significasse um retorno em curto prazo, quando voltariam a conversar).

A maioria das vezes eu me isolava, fugia, ficava um ou dois dias sem falar com ninguém, só voltava às atividades cotidianas, aí quando passava e que eu conseguia me acalmar, eu procurava conversar, meu silêncio não era total, eu respondia as mensagens e falava o que estava pensando. (Thiago, 20a)

Muitas vezes eu falava “foda-se” e aí terminava comigo, “não, você não vai ao aniversário de seu amigo, você não vai a tal lugar”... Eu continuava porque gostava muito dela, eu acho que até hoje, mas não vai ter jeito, ela é muito bonita, corpo malhado, é advogada também... (Roberto, 29a)

Eu geralmente fugia da situação, eu saí no momento chateado, com raiva, mas seguia com minhas coisas e depois a gente conversava. (Vitor, 30a)

Já as mulheres mencionaram não saber como lidar com as situações de violência em seus relacionamentos ao longo da relação. Relataram que optavam por tentar acalmar seu parceiro em cada situação de violência, mas que isso não era efetivo. As mulheres acreditavam que havia alguma possibilidade de mudança no comportamento do parceiro e/ou que não eram merecedoras de uma nova relação com outra pessoa. O enfrentamento adotado pelas mulheres entrevistadas foi no sentido de diminuir a gravidade da situação aos próprios olhos para poder suportar. Nenhuma das mulheres procurou ajuda para enfrentar o que estavam vivenciando, a não ser depois do término da relação.

Eu não tinha reação, tentava trazer ele para a realidade, “por que você está fazendo isso, para! Não é bem assim, por que você está dizendo isso?”. A minha reação sempre foi acalmar ele, no início porque eu gostava dele, e no final porque eu tinha medo dele. (Larissa, 27a)

Não sei tipo, no início eu me sentia com muita sorte de estar com ele, sabe! Porque minhas amigas queriam estar com ele. Desde que eu o conheci, ele era muito de entrar em briga, muito irritado, parecia que ele era diferente comigo. Aí, aos poucos eu achava que nunca mais ia encontrar outra pessoa, que ele ia mudar e eu tinha que fazer, que tudo daria certo. (Mariana, 20a)

Era meu primeiro relacionamento e eu não sabia como lidar; nessa época eu estava muito sozinha porque me afastei de minha família e amigos e achava que só tinha ele, que era uma pessoa que me fazia muito mal. Demorei

muito para perceber o que estava acontecendo. Ele me fazia muito mal e depois sentia que não tinha força para lidar com isso, porque eu estava sozinha; eu tinha vergonha disso que estava passando, das discussões em público, das vezes que ele terminava comigo em público. Então, era meio que um círculo, eu tinha vergonha e algumas coisas não percebia como violência e eu ia aguentando até que chegou um ponto que eu decidi dar um basta. (Júlia, 21a)

Os participantes do sexo masculino contaram que o término nos relacionamentos ocorreu de três formas: 1 - por um acordo entre as partes, 2 - por um afastamento gradual ou 3 - por meio de brigas e agressões.

A última agressão foi bem feia, ela arranhou meu carro, quebrou a mesa da minha sala e a televisão. Discutindo, ela saiu quebrando tudo, ela me mordeu e eu segurava ela para machucar, a colocava na parede para machucar e eu tentava segurar os braços dela de certa forma como sufocasse seu pescoço. Eu fiz isso, eu apertei e sufoquei com os braços. (Roberto, 29a) A gente conversou que era melhor ficar solteiro, e a gente concordou em terminar, foi tranquilo. (Pedro, 20a)

Eu fiquei trancado uma vez na casa dela, ela trancou a porta e escondeu a chave e eu não tinha como sair. Nessa hora eu ameacei que ligaria para polícia e depois de um tempo ela resolveu abrir a porta e eu fui embora. Nesse momento nós terminamos de fato nosso relacionamento social, tiveram uns encontros, mas não foi público, até que um dia acabou de vez. (Vitor, 30a)

As mulheres entrevistadas falaram do quanto foi difícil chegar ao término da relação. Relataram sentimentos de medo e desconfiança, especialmente porque seus parceiros tinham chegado a um limite em que ficaram irreconhecíveis. Relataram que as agressões eram cada vez mais fortes e que no momento do término os parceiros reagiram de forma inadequada. Várias delas mencionaram sofrer perseguições e serem vítimas de agressões maiores após o término da relação, uma vez que os ex-parceiros ainda as agrediam psicológica ou fisicamente.

Eu comecei a ter muito medo de terminar com ele, porque quando eu falava em terminar ele não reagia bem e eu tinha medo do que ele podia fazer comigo; eu fiquei durante uns meses querendo muito terminar e esperando ter algum motivo para dizer “estou tendo muita raiva por causa disso e não quero seguir com você”. (Larissa, 27a)

No término, ele chorou, não queria que eu fosse embora, eu fiquei com medo de ele me bater, porque ele segurou uma porta e não estava me deixando sair, eu fiquei com medo, mas consegui sair. (Lívia, 21a)

Depois a violência foi pior do que no namoro. Eu já não gostava mais dele e não queria estar com ele. Aí, ele enviava mensagens para mim que sabia onde eu estava e a hora em que meu irmão saía da escola e ele tinha três anos, sabe? Ele me seguia nos lugares, aparecia na frente de minha escola, aí me enviava mensagem falando se a cortina do meu quarto estava fechada ou não. Ele falou várias mentiras, ele me ameaçava por telefone “ah, você não sabe do que sou capaz”, “você não merece estar bem se eu estou mal”, “eu vou me matar”. (Mariana, 20a)

Em relação à rede de apoio dos jovens que vivenciaram violência no namoro, os homens entrevistados mencionaram que recorreram aos amigos em primeiro lugar e algumas vezes aos familiares. Entre os familiares, a mãe foi a pessoa mais procurada por eles. Apesar de terem recorrido mais aos amigos, estes não eram percebidos pelos participantes como uma ajuda importante, uma vez que os mesmos não reagiram com seriedade frente à situação. Nenhum deles procurou ajuda profissional. Três mencionaram ter sido importante alguma ajuda externa na época como auxílio para enfrentar as situações de violência, e dois não consideraram relevante.

Sim, com meus amigos, mas nenhum deles conseguia me ajudar, fazer eu me sentir melhor; a resposta parecia não existir, qualquer passo que eu desse ia terminar em uma briga, se seguisse um amigo meu ou dela. (Thiago, 20a)

Com meus amigos que eram de minha idade, eles falavam “Termina, tem um montão de mulheres mais, vamos beber, tem gente melhor do que ela”. Eu falei com minha mãe e ela falava que a gente começou a namorar muito cedo e que conversaria com ela. (Pedro, 20a)

Sim, com meus amigos e até com minha mãe. Eles riam [os amigos], porque na verdade era engraçado, porque eu realmente fugia e eles falavam que não estava dando certo e que era para terminar, senão a coisa podia ficar pior, acabar com aquela situação. (Vitor, 30a)

As mulheres entrevistadas afirmaram não ter procurado ajuda por medo ou por vergonha, uma vez que sentiam que as pessoas ao redor sabiam da situação devido ao seu afastamento e isolamento. Uma das participantes só conseguiu falar com sua mãe depois de começar a ser perseguida e trapaceada pelo ex-parceiro após o término do relacionamento. Da mesma forma que os homens, nenhuma delas procurou ajuda profissional durante o relacionamento; apenas uma delas procurou um psicólogo para seu parceiro, mas este se negou a ir até o profissional. Após o término do namoro, duas delas procuraram ajuda profissional com um psicólogo, mas asseguraram que o componente principal foi uma “força interior” para sair da situação traumática e desgastante em nível pessoal e social.

Não, eu não conseguia falar, porque tinha muita vergonha, todo mundo percebia que tinha uma coisa errada acontecendo; minha mãe percebia que eu reagia de uma forma esquisita, que eu estava em casa feliz e ele ligava e meu comportamento mudava, tomava banho e falava que eu ia sair. (Larissa, 27a)

Não, eu não conversava com ninguém, alguns percebiam que eu tinha mudado de uma forma não muito boa, por medo, por vergonha. Eu fui falar sobre isso muito tempo depois, eu fiz um ano de psicoterapia quando eu tinha 18, que foi algo muito bom para mim. Eu consegui trabalhar bastante essa questão de relação, eu estava em meu segundo namoro e me ajudou muito, foi fundamental. (Júlia, 21a)

Não, eu nunca contei para meus pais, porque eles meio que não apoiavam o namoro, porque eu era muito nova; aí, sabiam, mas não era uma coisa assim, e se eu comentasse isso ia ser uma coisa muito pior. (Carol, 19a)

Entre os motivos ressaltados pelas mulheres para não procurar o apoio da família estão o medo de piorar a situação, gerando mais situações de violência, além da vergonha de assumir para si e para os familiares as agressões. Todas ressaltaram que gostariam de ter tido apoio profissional ou de qualquer outra pessoa que pudesse aconselhá-las e auxiliá-las na época. O fato de terem optado pelo isolamento ao invés de procurar ajuda resultou na continuidade das situações agressoras e prejudiciais para o relacionamento por um tempo maior.

Não sei, talvez de meus pais não, talvez outra pessoa para conversar comigo e com ele, que estava fazendo errado que era para mudar, porque se era de meus pais ou os pais deles ia ser mais complicado; um especialista como um psicólogo poderia ter sido legal. (Carol, 19a)

Sim, é um pouco difícil, eu até consegui ajuda da minha família que estava aí para mim. Meus amigos, sempre tive amigos, então, me sinto um pouco culpada de não receber ajuda, porque eu tive vergonha de contar para eles. (Larissa, 27a)

Eu sei que se meus pais soubessem como era minha relação com ele, eu tenho certeza que eles me teriam proibido de falar com ele e minhas amigas também, mas é uma coisa que eu percebo muito o quanto eu me sentia sozinha naquela época. Então, eu acho que é algo muito importante para as relações que são violentas, eu acho que essa sensação de abandono, de estar sozinha de não ter ninguém, inclusive te apoiando, dando força para superar aquilo, eu acho que se eu tivesse tentado conversar mais sobre isso na aquela época, acho que não teria levado essa relação por tanto tempo. (Júlia, 21a)

Em relação aos mecanismos estatais que auxiliam as pessoas que sofrem algum tipo de violência, quando questionadas sobre o conhecimento a respeito deles, quatro mulheres entrevistadas responderam de forma afirmativa e positiva, e elencaram alguns desses programas: A Delegacia da Mulher, a “Casa do Cidadão” (em Maruípe) e a Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente. Só uma delas comentou ter tentado acessar um desses mecanismos diante de uma agressão cometida por seu parceiro, mas sem sucesso, pois nenhum programa efetivou ajuda por falta de conhecimento em relação a sua condição e a de seu parceiro como menores de dezoito anos de idade. Por outro lado, nenhum dos homens tinha certeza de conhecer algum programa para vítimas de violência; três deles mencionaram a Lei Maria da Penha como um meio legal direcionado às mulheres que sofrem de agressões físicas dos parceiros para se defender. Nenhum deles acessou alguma vez um programa para vítimas de violência.

Quando questionados sobre o conhecimento sobre o “botão do pânico”, duas mulheres mencionaram conhecê-lo, uma delas só “ouviu falar”, e outra conhecia sua principal função (busca de auxílio imediato da polícia pela vítima). No caso dos homens, todos comentaram conhecer o dispositivo e quatro deles sabem em que consiste. Apesar de o dispositivo ter sido implementado especialmente para auxiliar mulheres vítimas de violência doméstica, os homens entrevistados mostraram conhecê-lo bem mais do que as mulheres entrevistadas.

5. Discussão

O estudo teve como base 10 entrevistas sobre violência no namoro com 5 mulheres e 5 homens que vivenciaram violência, física e/ou psicológica em relacionamentos passados, sendo que tanto homens como mulheres foram vítimas e/ou agressores na relação. Todos eram estudantes de graduação ou pós-graduação da Universidade Federal de Espírito Santo no momento da entrevista e tinham idades entre 18 e 30 anos.

Não foi possível encontrar participantes que estivessem vivenciando violência no namoro atual. Como será explanado mais adiante, a maioria dos jovens que vivenciam esse tipo de situação não costumam falar ou pedir ajuda para resolver o problema que estão enfrentando (seja com amigos, família ou algum profissional), o que torna difícil realizar estudo sobre a violência entre casais jovens no momento em que eles a estejam vivenciando. Também será mostrado que normalmente eles têm dificuldade em reconhecer os acontecimentos como relacionamentos violentos, o que torna também difícil a identificação e o acesso do fenômeno por parte do pesquisador.

Esta investigação evidenciou como a violência física e/ou psicológica acontece nas relações juvenis, ampliando o entendimento da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais para além daqueles ocorridos nas relações conjugais (Afonso & Teixeira, 2015; Frutuoso, 2014; Murta et al., 2013; Couto, 2013; Nascimento & Cordeiro, 2011). Evidenciou-se também que esses relacionamentos violentos acontecem com frequência desde a adolescência, pois mais da metade dos participantes (tanto os entrevistados como seus (suas) parceiros (as)) eram menores de 18 anos quando a violência ocorreu, dado que corrobora os resultados do estudo de Frutuoso (2014), que encontrou em sua amostra violência entre os 15 e 23 anos. Esta característica da violência entre casais jovens poderia ser ainda mais evidente, caso tivesse sido investigado mais profundamente todo o histórico de relacionamento dos participantes.

Das dez pessoas entrevistadas, nove tinham um relacionamento heterossexual e um homem esteve envolvido em um relacionamento homoafetivo, evidenciando que a violência nas relações afetivas não acontece somente entre casais heterossexuais, mas também entre casais homoafetivos (Murta et al., 2013).

Opiniões dos jovens sobre a violência no namoro (física e psicológica), suas causas e consequências.

Tanto os homens como as mulheres entrevistadas reconheceram a violência no namoro como uma forma de agressão em nível físico, psicológico, patrimonial e moral contra o (a) parceiro (a). Nota-se que a violência sexual não foi mencionada por qualquer dos participantes, mesmo que três das mulheres entrevistadas tenham sofrido essa modalidade de violência no relacionamento. Nenhuma das três mulheres reconheceu a violência sexual como tal, mas suas falas evidenciam que

sofreram essa modalidade de violência.

De igual maneira, os jovens participantes mencionaram dificuldade em reconhecer qualquer dos tipos de violência que ocorreram durante o relacionamento. Eles só as reconheceram tempos após vivenciá-las e/ou após o término da relação com o (a) parceiro (a). Nas falas, eles disseram como foi difícil identificar o que estavam vivendo, e reconhecer que o que acontecia não era bom nem saudável em uma relação de namoro. Da mesma forma, o estudo de Manuel (2014) com 1.258 jovens de 21 anos, mostrou que é difícil para os jovens compreender no que está acontecendo em uma relação afetiva com violência, e acreditar que aquela pessoa de quem se gosta é capaz de lhe fazer mal.

Muitos participantes deste estudo mencionaram que a idade prematura pode ter sido uma das razões para não reconhecer a agressão a tempo, associada à falta de experiência com namoros anteriores, pois para muitos era o primeiro relacionamento e não sabiam o que esperar dele. Além disso, crenças de que o amor e a paciência para com o parceiro poderiam mudar o comportamento violento do parceiro esteve presente na fala de algumas mulheres.

Os dados encontrados corroboram resultados de pesquisas anteriores. Segundo Wekerle & Wolfe (1999), muitos (as) adolescentes não interpretam os comportamentos violentos como abuso. Junto a essa inexperiência, está a necessidade de independência dos adolescentes que buscam se afirmar sem o auxílio dos pais. Ao não saber como se comportar em uma relação de namoro, acabam ficando vulneráveis (Matos et al. 2006; Connolly et al., 2010). Na análise do estudo de Schleiniger (2013) com adolescentes, identificou que a banalização da violência, os ideários românticos e as expectativas sociais quanto aos papéis de gênero são fenômenos relacionados com a violência nos relacionamentos entre jovens.

Os participantes deste estudo mencionaram que eles acreditavam que tanto homens como mulheres são vítimas e agressores da violência física e psicológica, mas destacaram que a mulher comete mais violência psicológica do que o homem. Porém, vários estudos (Ataíde, 2015; Manuel, 2014; Antunes & Caridade, 2012; Rubio-Garay et al., 2015; Minayo et al., 2011; Caridade & Machado, 2008; Castro, 2009; Póo & Vizcarra, 2008; Lozano et al., 2007) concluíram, baseados nos resultados, que não existem diferenças relativas ao sexo, face à violência cometida e vitimizada, afirmando assim a bidirecionalidade da violência, ou seja, tanto homens como mulheres são vítimas e agentes de violência nas relações de namoro nos jovens.

Destaca-se que ainda se apresenta essa bidireccionalidade nos estudos assinalados e na maioria das falas dos nossos participantes, na hora da entrevista, apesar deles aceitar sua condição de agressores, os participantes colocaram-se na posição de vítimas, dando justificativas ao seu comportamento agressivo. Os participantes mencionaram que eles (as) atuaram de forma agressiva quando copiavam essa forma de reagir de seu parceiro (a) ou como auto defesa.

Além dos resultados encontrados, a investigação da literatura nessa temática mostrou que a violência íntima não ocorre só em contextos de casamentos, mas também em relacionamentos de curta duração como no ficar e no namoro entre jovens (Araújo, 2013; Castro, 2009; Póo & Vizcarra, 2008; Machado, Matos & Moreira, 2003). No Brasil, a prevalência de violência no namoro assumiu a forma de 21% de uma amostra de 455 casais de jovens estudantes universitários que registaram a ocorrência de pelo menos um episódio de agressão física durante o ano prévio (Aldrighi, 2004). Em Portugal, estudantes universitários revelaram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo durante o último ano e admitiram ter cometido atos violentos contra seu parceiro (a) (Machado, Matos & Moreira, 2003). Um estudo realizado em Espanha, com estudantes universitários envolvidos em uma relação de namoro indicou que uma percentagem de 42% deles reportava a existência de comportamentos violentos na relação (Muñoz, Gómez, O’Leary, & González, 2011).

Tanto os homens como as mulheres forneceram uma definição de violência física e psicológica muito similar à encontrada na literatura (Oliveira et al., 2014; Araújo, 2013; Coelho & Machado, 2010; Manita et al., 2009). Ambos concordaram que a violência psicológica é a mais difícil de ser identificada, ainda que fornecessem uma definição muito precisa a ela. Para a maioria dos participantes (seis), independente do sexo, a violência psicológica não é tão reconhecida nos casais porque aparece como “comportamento natural” no namoro, o que permite inferir que a cifra de violência psicológica é ainda maior em relação a outros tipos de violência, pois além da subnotificação, ela é a que apresenta maior dificuldade de reconhecimento entre os que a sofrem e os que a praticam. Todos mencionaram também que acreditam que esta seja a modalidade mais praticada entre os casais jovens. De fato, muitos pesquisadores também chegaram a essa conclusão depois dos resultados obtidos em seus estudos com jovens sobre violência no namoro (Ataíde, 2015; Manuel, 2014; Antunes & Caridade, 2012; Minayo et al., 2011; Colossi, 2011; Caridade & Machado, 2008; Flake, 2013; Póo & Vizcarra, 2008; Castro, 2009; Rubio-Garay, 2015).

Algo muito importante a destacar é que os participantes assinalaram que a violência psicológica deixa marcas internas, não visíveis para as demais pessoas de seu convívio, portanto, tornando difícil prová-las em caso de denúncia. Corral (2009) menciona que os estudos sobre violência no namoro abordam predominantemente a violência física e sexual, talvez por produzirem efeitos mais visíveis e de forte apelo midiático. Alguns jovens (três) consideraram que os episódios de violência física eram precedidos por episódios de violência psicológica. Portanto, Sears et al. (2007) afirmam que a violência psicológica é a forma mais presente de violência no namoro, e quanto mais ela ocorre, maior a possibilidade de atos de violência física ocorrer também.

Dentre as justificativas dadas pelos jovens entrevistados neste estudo para permanecerem na relação por um bom tempo depois de iniciada a violência entre eles e seus parceiros encontram-se o

sentimento de medo da vítima pelo agressor, a crença do agressor de que o (a) seu (sua) parceiro (a) é uma propriedade sua, e a crença da vítima de que o amor exige sacrifício e o (a) agressor (ra) deve ser perdoado (a). Castro (2009) e Caridade e Machado (2006) também encontraram resultados semelhantes em seus estudos. Os autores concluíram que o ciúme, a insegurança e o desejo de controlar o parceiro (a) são sentimentos comuns entre mulheres e homens nas relações afetivas.

Todos os participantes consideraram que a violência psicológica é a mais prejudicial em comparação com a violência física, pois eles mencionaram que “as feridas” daquela podem ser mais duradouras e intensas. Dois dos homens participantes, mencionaram que a mulher vítima de violência psicológica sofre mais consequências negativas do que o homem, dados semelhantes foram encontrados por Caridade e Machado (2006). Os autores perceberam que as mulheres experienciaram níveis mais elevados de violência e tiveram reações emocionais mais acentuadas em comparação com os homens.

Esse resultado pode ser entendido com base na forma como que ocorre a socialização em nossa sociedade, na qual o homem ainda é criado para suportar os sofrimentos físicos e atuar de forma agressiva, demonstrando sempre sua força e nunca sua fragilidade. Dessa forma, eles necessitam esconder os sentimentos oriundos da vivência da violência sofrida, quando estes são interpretados como sentimentos próprios e esperados somente das mulheres. Souza et al. (2011) evidenciaram em sua pesquisa que as meninas expõem mais seus sentimentos, enquanto os meninos têm uma posição mais dura em relação aos relacionamentos amorosos, uma vez que sentem maior dificuldade em se abrir por pressão de hábitos culturais que ainda prevalecem até hoje.

Quanto à violência física, a maioria dos participantes (quatro homens e cinco mulheres) disse acreditar que o homem tende a ser o maior agressor. Eles mencionaram que a razão pode ser devido à força física do homem, pois mencionaram que a mulher também pratica violência física, mas em menor severidade, pois comparada com o homem, tem menos força. Os participantes consideraram que quanto à violência psicológica, tanto homens como mulheres cometem essa violência. Dois deles (um homem e uma mulher) consideraram que é a mulher quem pratica mais violência psicológica. Segundo o estudo de Manuel (2014), na violência psicológica, a prevalência do envolvimento bidirecional é semelhante no sexo masculino e no sexo feminino, no entanto, as mulheres são mais frequentemente apenas agressoras nesse tipo de violência, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas. Por continuamente se encontrar acompanhada de outros tipos de violência quando praticada pelos homens, provavelmente a violência psicológica perde visibilidade pelo fato, já mencionado, de gerar menos repercussão e impacto para a sociedade em geral, passando muitas vezes despercebida ou justificada como necessária em uma relação entre pares.

Ao concordar com a opinião dos participantes deste estudo, a pesquisa de Machado, Caridade e Martins (2010) apresentou que o sexo feminino tem índices mais altos de abusos físicos cometidos por seus parceiros. No estudo realizado por Testa, Hoffman e Leonard (2011), ao contrário do anterior, 68 casais relataram que a mulher é mais frequente na agressão física ao namorado.

Corroborando os dados deste estudo, os homens da investigação de Dobash e Dobash (2004) relataram ser vítimas de comportamentos físicos menos agressivos, como empurrões e danos materiais, enquanto as mulheres eram vítimas de violência mais severa, apresentando hematomas nos olhos e contusões. Assim, as mulheres experimentam níveis mais elevados de violência severa e reações emocionais mais fortes, comparadas com os homens (Hamby, Finkelhor & Turner, 2012; Straus & Ramirez, 2007).

Quando se refere a quem sofre mais violência psicológica, as respostas dos participantes desta pesquisa ficaram mais divididas: alguns mencionaram que é a mulher (5 participantes), outros que o homem (2 participantes) e outros que ambos sofrem por igual (3 participantes). Mas, a maioria afirma que é a mulher quem sofre mais violência psicológica.

No estudo de Manuel (2014) os participantes do sexo masculino reportaram agredir as namoradas recorrendo mais frequentemente a atos de coerção sexual, e os participantes do sexo feminino reportaram mais frequentemente ter recorrido a atos de violência física. Quanto à violência psicológica, a maioria dos participantes reportou ter sido vítimas de violência, não existindo diferenças entre homens e mulheres. Da mesma forma, a maioria mencionou ter agredido o (a) parceiro (a) por meio de violência psicológica, tendo as mulheres uma porcentagem maior do que os homens.

Causas e consequência da violência no namoro

Os homens e as mulheres entrevistados elencaram várias causas para ocorrer violências no namoro, tais como: ciúmes, desconfiança, má comunicação no casal, uso de substâncias ilícitas ou lícitas, influência de outras pessoas (fofoca), falta de valores inculcados na infância, influência de uma sociedade violenta, diferenças de personalidade entre os parceiros, pertencer à classe social baixa, ter vivenciado violência na infância ou ter sido um(a) menino(a) “mimado(a)” pelos pais, personalidade controladora ou sumissa e imaturidade na adolescência respeito às relações afetivas.

No caso das mulheres entrevistadas, elas atribuíram a violência causada por seus parceiros a diferentes causas. Duas sugerem que seus parceiros foram “mimados” por seus familiares, não tendo recebido limites durante a infância e adolescência, dessa forma, surgiam no relacionamento a dois, atitudes caracterizadas por elas como egoístas e autoritárias. Duas entrevistadas atribuíram às personalidades controladoras e explosivas de seus parceiros, enquanto uma delas atribuiu o comportamento à violência experienciada por seu parceiro na infância.

Quatro das mulheres relataram não acreditar que as situações de violência que experimentaram poderiam ter sido evitadas, devido à imaturidade própria da idade. Mas uma das mulheres mencionou que se tivessem procurado ajuda, talvez isso não tivesse acontecido.

Tanto homens como mulheres falaram sobre como a personalidade e a idade influenciaram no relacionamento e que, dependendo delas, pode a pessoa se tornar mais vulnerável a ser agressivo(a) com sua(seu) parceiro(a). O tema da imaturidade foi mencionado por participantes de ambos os sexos, especialmente porque a maioria era muito jovem na época do relacionamento. Oito dos entrevistados consideraram que não era possível evitar o acontecido na relação, e só uma das mulheres atribuiu à rede social a saída para não permanecer mais em um relacionamento agressivo.

Três dos homens entrevistados destacaram a dificuldade enfrentada ao não perceber o círculo de violência recíproca que estavam vivendo na relação afetiva. Eles mencionaram que reagiam de forma agressiva (física e psicológica) com sua parceira, pois esta fazia o mesmo, especialmente quando queriam permanecer no relacionamento, mesmo reconhecendo que essa não era uma forma saudável de atuar.

Por outro lado, duas mulheres afirmaram que a resposta violenta delas foi devido a um mecanismo de defesa, e atribuíram ao parceiro a responsabilidade por suas reações. As outras três mulheres não revidaram contra seus parceiros, ainda que sendo agredidas física e psicologicamente. Segundo Marcos (2014), o sexo feminino apresenta uma propensão para imaginar que o que os seus parceiros procuram obter quando recorrem à violência é intimidação, enquanto o sexo masculino avalia as agressões como causa de provocações femininas. Esses tipos de crenças tornam os jovens mais suscetíveis a aceitar a violência como algo normal.

Santos (2014) organizou os diferentes fatores que podem causar violência no namoro em: familiares (atos violentos interparental na infância); ambientais (grupo de pares); sociodemográficos (idade, gênero, nível socioeconômico); intrapessoais (autoestima); interpessoais (satisfação relacional etc.); situacionais (consumo de substâncias como álcool e drogas).

Vários autores têm identificado o consumo de substâncias (lícitas ou ilícitas) como fator de risco para surgir violência nas relações de namoro. (Shorey et al., 2011; Murray et al, 2007; Foshee et al., 2001). Porém, é preciso ter certa cautela ao associar drogas e violência, como assinalam Ribeiro, Rosa e Garcia (2006), que previnem que essa associação acaba por potencializar o preconceito contra pessoas usuárias de drogas, podendo ocasionar violência também contra elas. Muitos usuários de drogas destacam as autoras, nunca foram autores de qualquer ato de violência.

Quanto à influência do nível socioeconômico na execução da violência, alguns autores têm afirmado que a violência no namoro tanto pode ocorrer em níveis socioeconômicos baixos como elevados (Protivnak & Mc Roberts, 2011; West, 2008). Cyr, McDuff e Wright (2006), e Foshee et al., (2001) também não encontraram correlação entre o nível socioeconômico e a violência nas

relações amorosas. Por outro lado, Castro e Ruíz (2004) e Rivera-Rivera et al., (2006) encontraram uma associação entre níveis socioeconômicos baixos e a execução de violência na intimidade.

Um dos fatores mais mencionado na literatura como causa de violência no namoro é ter sido vítima de violência na infância (Almeida & Soeiro, 2010; Caldwell, Swan, Allen, Sullivan & Snow, 2009; Rohrbaugh, 2006; Cloitre & Rosenberg; 2006; Dahlberg & Krug, 2002), como já abordado anteriormente.

No estudo de Muñoz et al. (2007), a exposição a situações de violência entre os pais relacionou-se com a ação masculina de violência física e verbal nas relações de namoro. Porém, não significa que todos os adolescentes que observam casais violentos vão ser vítimas ou agressores em suas relações de namoro. O modelo explicativo de Riggs e O'Leary (1989, citado por Luthra et al., 2006) para a violência no namoro propõe dois fatores ligados ao ato de violência no namoro; a primeira, a exposição a modelos de agressão em relações de intimidade e/ou a exposição a agressões dirigidas do pai para a criança.

Existem ainda outros modelos definidos com o objetivo de tentar explicar esse fenômeno. Um destes refere-se às jovens que muitas vezes se dispõem a ceder às pressões e exigências dos companheiros devido à concepção do papel de subordinação da mulher na relação, e ao medo de perde-los caso não obedeçam às exigências que lhes são feitas (Caridade et al., 2006). Ainda, esse conceito pode incutir nos homens uma crença de que possuem um estatuto mais elevado do que as suas namoradas, e que devem preservar esse poder por meio de atos de controle e violência. E, algumas vezes, as mulheres tendem a confundir ciúmes e controle com amor, sentindo-se muitas vezes amadas com a atenção e as exigências dos homens (Machado et al., 2010).

Segundo os modelos interpessoais, a violência no namoro pode ocorrer devido às características da própria relação entre os parceiros, especificamente da existência de tensões na relação (Almeida, 2012). Há um aumento da probabilidade de ocorrência de violência afetiva em relações marcadas por conflitos e por baixos níveis de satisfação entre o casal, assim como padrões de comunicação negativos (O Leary et al., 2008; Straus & Ramirez, 2007).

As mulheres entrevistadas questionaram o que fizeram de errado com seus parceiros, considerando-se como as causadoras da conduta violenta de seus companheiros. Também mencionaram como as consequências em longo prazo podem gerar problemas psicológicos, dificuldade em manter novos relacionamentos e isolamento social. No caso dos participantes deste estudo, o isolamento surgiu quando as agressões começaram, especialmente no caso das mulheres, devido aos sentimentos de vergonha e medo e da escolha em se distanciar da família e de amigos (as).

No estudo de Magalhães (citado por Manuel, 2014), o autor menciona como as vítimas de violência podem apresentar em nível psicológico problemas emocionais traduzidos em reações

como: sentir-se sozinhas, assustadas, envergonhadas, culpadas, desconfiadas, inseguras, confusas, tristes e ansiosas. Da mesma forma, a sua capacidade de intimidade poderá diminuir, e criar dificuldade para se relacionar em uma nova relação amorosa (Amar & Alexy, 2005, citado por Couto, 2013). Outros estudos ainda mencionam como as repercussões da violência no namoro: graves problemas psicológicos, abuso de substâncias ou comportamentos sexuais de risco (Frutuoso, 2014); diminuição do bem-estar psicológico, da satisfação com a vida e da qualidade de vida (Callahan, Tolman & Saunders, 2003; Coker et al., 2000).

Para o agressor, a concretização de atos violentos para com o seu parceiro ou parceira também pode causar a ele consequências em nível judicial, social e/ou profissional como lembra Miller (2011).

Avaliação da violência que agressores e vítimas sofreram em seus relacionamentos

Todos os homens entrevistados mencionaram ter sofrido violência física e/ou psicológica no âmbito familiar quando crianças. A esse respeito, existem estudos que sugerem que crianças que testemunharam ou foram vítimas de abuso na sua infância, apresentam maior risco de vitimação e atos de violência em um relacionamento íntimo quando adultos (Machado & Caridade, 2008; Machado & Caridade, 2006; Barbosa, 2014 e Oliveira 2013).

Os homens entrevistados foram tanto vítimas como agressores em suas relações afetivas, seja de uma ou das duas violências (física e psicológica). Três dos homens entrevistados responderam de forma afirmativa quando foram questionados se a violência familiar teve algum reflexo em seus relacionamentos e os outros dois negaram, pois esses últimos consideraram que foi benéfico para eles terem experimentado agressões físicas e psicológicas em sua infância, avaliando-as como formas positivas de disciplina. Dois respondentes relataram que sabiam que suas parceiras vivenciaram violência física e psicológica no âmbito familiar; os demais afirmaram que suas parceiras não sofreram este tipo de violência.

No entanto, nenhuma das mulheres entrevistadas identificou ter sofrido violência no âmbito familiar. Uma delas justificou a violência cometida por seu ex-companheiro com ela devido à violência sofrida na infância.

O tempo do relacionamento foi de 1 ano ou mais em quatro casos, sendo que em nenhum dos casos a violência foi o motivo imediato da separação, visto que eles ainda permaneceram juntos algum tempo depois do início da violência.

A longa duração no relacionamento constitui um fator de risco facilitador do aparecimento de atos violentos na medida em que o grau de confiança e as metas adquiridas na relação permitem que o agressor sinta que se pode exceder um pouco mais sem sofrer consequências na relação por parte da (o) companheira (o) (como o término da relação) (Luthra et al., 2006; Murray et al., 2007). Do mesmo modo, Machado e Saavedra (2012) observaram estudos que correlacionam positivamente a

duração da relação com índices mais elevados de violência, o que impele a aumentar os esforços de prevenção o mais pronto possível. A violência no namoro começa habitualmente desde o início da relação, depois vai aumentando, tanto em frequência como em intensidade com o passar do tempo (Blásquez, Moreno, & García, 2010). Por isso, a violência na juventude constitui um forte preditor da violência conjugal (Smith, White y Holland, 2003).

A visão romântica do amor pode contribuir com relações asfixiantes entre os jovens, em que o amor aparece como justificativa para o controle por parte do (a) parceiro (a). Em situações mais graves, o “amor” pode ser usado como justificativa ou argumento para fazer com que a outra pessoa faça algo que não deseja como, por exemplo, ter relações sexuais (Castro, 2009). Foi o que aconteceu com três das participantes do estudo; as mulheres concordaram com atos sexuais com seus parceiros sem ter vontade, pelo fato de ceder a eles por amor ou por se ver envolvidas ainda em uma relação de namoro.

Ao comparar os dados dos participantes e das participantes desta pesquisa, constatou-se que a maioria das mulheres foi vítima e não agressora (três das cinco participantes), ou seja, não revidaram contra seus parceiros. Somente as mulheres (três das cinco) mencionaram ter sofrido violência sexual. E o tempo de permanência dos relacionamentos após o primeiro ato de violência foi relativamente maior entre as mulheres do que entre os homens entrevistados, chegando a alcançar para as primeiras dois anos, o que deixa em evidência a dificuldade por parte das mulheres entrevistadas de reconhecer a violência que estavam experimentando e a dificuldade em romper um relacionamento agressivo. Dados semelhantes quanto à unilateralidade da violência sexual foram encontrados por Manuel (2014). Os participantes do sexo masculino de sua pesquisa reportaram agredir as namoradas recorrendo mais frequentemente a atos de coerção sexual, enquanto as participantes reportaram mais frequentemente ter recorrido a atos de violência física. Gonçalves também mencionou como a esperança de mudança do parceiro em uma relação de violência pode ser uma explicação do motivo pelo qual homens e mulheres não terminam o namoro quando as agressões começam.

Os homens entrevistados por nós relataram ter sofrido tanto violência verbal quanto violência física. Eles mencionaram que recebiam ameaças de que seriam traídos e expressaram se sentir controlados por suas parceiras. No que diz respeito às mulheres, estas apresentam uma tendência para confundir ciúme com amor, encarando por vezes atos de violência como algo normal em uma relação (Marcos, 2014).

Gómez e García (2015) e Castro (2009) mencionam como nas primeiras relações íntimas dos adolescentes existe um grande número de referências a situações negativas, como comportamentos de violência de gênero, sobretudo do tipo psicológica. Silva, Medrado e de Melo (2013) debateram as conexões que parecem existir entre o ciúme, o mito do amor romântico e a violência de gênero

com adolescentes de ambos os sexos. E o ciúme aparece como um dos elementos mais importantes nas relações afetivo-sexuais, sendo considerado sentimento de cuidado e de amor pela pessoa desejada.

Cabe destacar os sentimentos de dor, culpa e pena demonstrados pelas mulheres na hora de relatar os episódios de violência vividos, o que foi muito menos visível nas falas dos homens. A fala dos participantes foi muito mais tranquila, alguns deles até mencionaram que não ficaram marcados com o ocorrido e mencionaram que a violência experimentada na relação de namoro não deixou consequências psicológicas neles. Assim, crenças acerca da violência parecem promover a culpabilização da vítima (“Eu não tinha que sair com meus amigos se ele (a) não gosta deles), a desresponsabilização do agressor (ele(a) fez coisas que sabe que me irritam”), e são importantes preditores do envolvimento em relacionamentos violentos, como salientou também Prather et al., (2012).

A análise da violência de gênero pressupõe a compreensão dos processos de socialização e da influência cultural nos quais homens e mulheres encontram-se inseridos desde o nascimento. Por isso, Marcos (2014) defende que ao longo do processo de socialização pelo qual passam os homens e as mulheres deve existir espaço para a noção de cuidado próprio e de cuidado com os outros.

A forma como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina o agir conforme cada gênero. Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem se comportar e pensar (Ataíde, 2015).

Saavedra e Machado (2012) assinalam que o homem mostra maior tolerância a diferentes tipos de violência do que a mulher, fenômeno cuja explicação muitas vezes se encontra na socialização, pelo fato dos meninos serem criados para se comportar e aceitar atos violentos com certa naturalidade. Para González (2008), Muñoz et al. (2007), Medeiros e Strauss, (2006), existe uma crença, especialmente entre os homens, de que usar certo tipo de violência como ameaças verbais é aceitável na hora de resolver conflitos interpessoais.

O ficar e namorar

Em relação ao que compreendem como ficar, observa-se que tanto os homens quanto as mulheres percebem que o ficar é um relacionamento momentâneo, sem a obrigação da continuidade dos encontros. Ambos afirmam que no “ficar” não há envolvimento emocional e compromisso, e que o relacionamento ocorre de forma esporádica, sem planejamento posterior. Entretanto, para os homens a conotação sexual é muito mais presente do que para as mulheres. Tendo como base o conceito dado por vários autores (Marcos, 2014; Smeha & Oliveira, 2013; Castro, 2009; Justo, 2005; Wolfe, 2000), pode-se afirmar que os jovens deste estudo têm uma ideia bastante clara do que é o relacionamento ficar.

Smeha e Oliveira (2013) explanaram a respeito dessas relações de curta duração que podem chegar a durar apenas horas. Esses autores também mencionaram que os jovens, na atualidade, procuram estabelecer relações que satisfaçam alguma carência, que proporcionem momentos de diversão e que seja companhia por uma noite.

Cabe destacar que, para ambos os grupos de entrevistados, o fato de o relacionamento ficar ser tão comum ultimamente entre os jovens é um reflexo da sociedade imediatista, em que os relacionamentos são descartáveis e a publicidade incita-os a permanecer solteiro (a) e a curtir todos os momentos de forma intensa. Ao contrário do que o senso comum prega, não só os homens estão procurando esses momentos curtos e prazerosos, as mulheres também estão; na busca para ter uma vida intensa (amigos, profissão, estudos), de forma que não há espaço para estabelecer relacionamentos duradouros.

Os homens e as mulheres entrevistadas descreveram o namoro de forma similar, mencionando características como: compromisso, fidelidade, envolvimento emocional e a relação com os familiares do (a) parceiro (a). Apontaram que namorar é um relacionamento em longo prazo e que possui contato físico, sexual e afetivo. Nina (2011), menciona como as palavras “confiança” e “respeito” são utilizadas para definir o que é o namoro. Destaca que no namoro ocorre um intercâmbio de sentimentos e atos afetivos como amor, intimidade, compromisso e segurança. Em um estudo realizado na Colômbia sobre as representações sociais do namoro, observou-se que este é concebido como uma relação “verdadeira”, na qual se tem confiança, fidelidade, afinidade, sinceridade e compreensão. O amor foi o sentimento mais referido nesse tipo de relacionamento (Sánchez, et al., 2011).

Os participantes mencionaram que ambos os relacionamentos (ficar e namorar) estão interligados, pois as pessoas primeiro tem relacionamentos sem compromissos e mais “frios” emocionalmente antes de namorar. O ficar pode ser a forma de conhecer uma pessoa melhor, com fins de namoro, ou pode ser um fim em si mesmo, sem pretensões de relacionamentos futuros (Justo,2005).

Sobre as expectativas para novos relacionamentos após a vivência de um namoro conturbado, para muitos foi difícil voltar a se relacionar novamente com outra pessoa, seja por medo, desconfiança, insegurança, entre outros. Entretanto, seis participantes (três homens e três mulheres) afirmaram que ter vivenciado uma relação com violência foi uma forma de aprendizagem, uma forma de amadurecer para no futuro saber diferenciar um relacionamento abusivo de um que não é abusivo. Da mesma forma, Castro (2009) menciona como o fim de um relacionamento pode ser visto como uma abertura, uma possibilidade de vivenciar outros relacionamentos em detrimento daquela relação que acabou.

Rompimento da relação e a rede de apoio

Todos os homens entrevistados afirmaram ter dificuldades em (re)agir com eles mesmos e com as suas parceiras e o seu parceiro, seja no lugar de agressor ou no lugar de vítima. A fuga do problema e o sentimento de frustração ou raiva foram a reação mais comum deles após vivenciarem os episódios de violência.

As mulheres demoraram em compreender que se tratava de episódios de violência física e/ou psicológica, algumas até se sentiram culpadas pela reação do parceiro, pensando que tinham feito algo desagradável a ele. Elas não fugiram da situação, mas procuraram não piorá-la.

Os homens entrevistados informaram que permaneceram utilizando as mesmas estratégias para lidar com esses momentos, ao longo do relacionamento. Em primeiro lugar, procuraram sair sozinhos ou com amigos para ter momentos de lazer longe da parceira. Uma segunda ação foi, no momento das agressões, terminar o relacionamento (mesmo que isso significasse um retorno em curto prazo).

Tanto os homens como as mulheres participantes, mas em especial os homens, no momento da situação agressiva, revidaram com violência psicológica ou física contra o seu parceiro (a). Mas as mulheres mencionaram não saber como lidar com as situações de violência em seus relacionamentos ao longo da relação. Algumas relataram que optaram por tentar acalmar seu parceiro no momento da violência, mas que isso não era eficaz. Destaca-se que as mulheres acreditavam haver alguma possibilidade de mudança no comportamento do parceiro e/ou que não eram merecedoras de uma nova relação com outra pessoa. Nenhuma das mulheres procurou ajuda para enfrentar o que estavam vivenciando, a não ser depois do término da relação. Gonçalves (2014) menciona que em uma relação com violência existe sempre a esperança de que o (a) parceiro (a) possa mudar, o que pode explicar o fato de não haver rompimento do relacionamento quando começam as agressões.

Araújo (2012), Minayo et al.(2011) e Nascimento e Cordeiro (2011) mostram que os jovens, independente do estrato social e da região do país, raramente procuram ajuda para resolver situações de violência no namoro ou no “ficar”. Soares (2013) menciona que dos 283 jovens entrevistados em seu estudo, só 5% mencionaram ter procurado ajuda ou ter compartilhado experiências, ou ainda ter escutado opiniões sobre problemas vivenciados durante o relacionamento afetivo-sexual; os que o fizeram procuraram especialmente seus amigos.

Depois de vários meses vivenciando agressões físicas e/ou psicológicas, os participantes do sexo masculino disseram que o término nos relacionamentos ocorreu de três formas: 1 - por um acordo entre as partes, 2 - por um afastamento gradual e 3 - ante uma briga maior.

As mulheres entrevistadas falaram do quanto foi difícil chegar ao término da relação. Relataram sentimentos de medo e desconfiança, especialmente porque seus parceiros tinham chegado a um limite em que ficaram irreconhecíveis. Narraram que as agressões eram cada vez mais fortes e que,

no momento do término, os parceiros reagiram de forma inadequada. Várias delas mencionaram sofrer perseguições e serem vítimas de agressões maiores após o término da relação, uma vez que os ex-parceiros ainda as agrediam psicológica ou fisicamente.

O isolamento das vítimas das fontes de apoio social tem sido associado a um aumento da severidade do abuso entre o casal. Esse isolamento pode ocorrer por parte da restrição do agressor ou por uma autoexclusão social da vítima (Salazar, Winwod, DiClemente, Lang y Harrington, 2004, citados por García, 2014). Por outro lado, Mayer e Koller (2011) mencionam que a rede de apoio promove bem-estar por meio da manutenção da autoestima e dos vínculos afetivos, enquanto a sua ausência pode produzir sentimentos de tristeza e falta de sentido à vida.

Por outro lado, quem se identifica como vítima no namoro tem receio de contar o que está passando e de pedir ajuda, pelo fato de pensar que ninguém vai acreditar nelas ou que não vão conseguir auxílio. Também pode existir o medo de que o (a) agressor (a) faça algo pior à vítima ou a si mesmo (Manuel, 2014).

Em relação à rede de apoio aos jovens que vivenciaram violência no namoro, os homens entrevistados mencionaram os amigos em primeiro lugar e disseram que algumas vezes recorreram aos familiares, em especial à mãe. Os amigos não são percebidos pelos participantes como uma ajuda importante, uma vez que os mesmos não viam com seriedade a situação, reagindo em tom de brincadeira, sem gerar alguma ajuda factível. Nenhum deles procurou ajuda profissional, porém três mencionaram acreditar que teria sido importante ter recebido esse tipo de ajuda externa na época em que vivenciaram as situações de violência; dois não consideraram isso importante. Investigando uma população muito mais extensa, Minayo, Assis e Njaine (2011) também encontraram dados que corroboram os desta pesquisa. As autoras investigaram, em 10 capitais brasileiras, dentre outras coisas, quem os/as adolescentes que experimentam violência no namoro procuram quando precisavam de ajuda, sendo que os/as amigos/as apareceram em primeiro lugar e os familiares em segundo.

Soares (2013) explica que o fato de que os jovens preferirem contar o ocorrido aos amigos em primeiro lugar deve-se ao fato de que eles acreditam viver as mesmas situações de sua geração ou círculo de amizades e se sentem mais à vontade para falar de seu namoro com seus amigos do que com seus pais. Na amostra estudada pelo autor, dos 5% que mencionaram ter procurado ajuda, 51,5% procuraram amigos, 36,7% os pais, e 12,1 % os profissionais da saúde.

Apesar de os jovens indicarem que os amigos são as pessoas mais procuradas como rede de apoio quando sofreram violência, afirmaram que os familiares são as pessoas mais indicadas para ajudá-los nesses casos. Dessa forma, mesmo que na prática os amigos sejam mais procurados, não negam a importância do suporte familiar. Tal fato pode ser compreendido pela própria afirmação desses jovens, por meio das dificuldades de comunicação com seus pais (Soares, 2013).

As mulheres entrevistadas afirmaram não ter procurado ajuda devido ao medo e/ou a vergonha diante de seus amigos e familiares; medo de serem afastadas de seus namorados ou de gerarem algum problema entre eles e suas famílias. Uma das participantes só conseguiu falar com sua mãe depois de começar a ser perseguida e trapaceada pelo ex-namorado, após o término. Da mesma forma que os homens, nenhuma delas procurou ajuda profissional durante o relacionamento. Após o término do namoro, duas delas procuraram ajuda profissional com um psicólogo, mas asseguraram que o que mais lhes ajudou foi sua própria força para sair da situação traumática e desgastante em nível pessoal e social.

Dados da pesquisa de Black e Weisy (2003, citado por Caridade & Machado, 2006) corroboram em parte os deste estudo. Os participantes da pesquisa dos referidos autores mencionaram não ter buscado ajuda após vivenciarem violência em seus relacionamentos por medo de, ao contar aos pais, serem punidos por eles, e também porque não desejavam que outras pessoas soubessem o que estava acontecendo na relação afetiva. Portanto, a negação em procurar ajuda parece estar relacionada a múltiplos motivos: o medo de serem culpabilizados e de que a informação não permaneça em segredo, temer que os adultos os pressionem para terminar a relação, achar que não serão ajudados, ou temer punições parentais, especialmente quando os abusos aconteceram no contexto de condutas como o consumo de álcool ou relações proibidas pelos pais.

As mulheres com história de violência durante a fase do namoro são mais propensas a recuperar e restaurar a saúde psicológica e emocional, se possuírem uma rede social presente (Garcia et al, 2014). As mulheres deste estudo não puderam contar com essa rede de apoio no momento da relação. Esse fato pode explicar o porquê foi tão difícil para elas sair da situação de violência, e permanecer por até dois anos com o agressor.

Em relação aos mecanismos estatais que visam auxiliar as pessoas que sofrem algum tipo de violência, quando questionadas sobre se elas os conheciam, quatro mulheres entrevistadas responderam que conhecia algum deles, somente uma delas comentou ter tentado acessar um desses mecanismos diante de uma agressão cometida por seu parceiro, mas sem sucesso, pois nenhum programa ofereceu ajuda por falta de conhecimento em relação a sua condição e a de seu parceiro como menores de dezoito anos de idade. Pesquisas (Black & Weisy, 2003; citado por Caridade & Machado, 2006) indicam que os adolescentes que experienciam violência nas suas relações raramente se envolvem em comportamentos de ajuda, sendo que apenas 9% das vítimas jovens recorrem ao aparelho judicial para denunciar a situação.

Por outro lado, nenhum dos homens tinha certeza de conhecer algum programa para vítimas de violência, três deles mencionaram a Lei Maria da Penha como um meio legal de defesa das mulheres que sofrem de agressões físicas por parte de seus parceiros; nenhum deles acessou alguma vez um programa para vítimas de violência.

Quando questionados sobre seu conhecimento sobre o “botão de pânico”, duas mulheres mencionaram conhecê-lo, uma delas só “ouviu falar” e outra conhecia sua principal função (auxílio imediato por parte da polícia). No caso dos homens, todos comentaram conhecer o dispositivo e quatro deles sabe em que consiste. Apesar de o dispositivo ter sido implantado especialmente para auxiliar mulheres vítimas de violência doméstica, os homens entrevistados mostraram conhecer mais a ferramenta do que as mulheres entrevistadas.

Segundo Castro (2009), dentro do contexto brasileiro, não existe uma legislação específica que aborde a questão da violência no namoro entre adolescentes, contudo, isso não é impedimento para que ações específicas para essa temática e público específico sejam implantadas.

A Lei Maria da Penha se utiliza do termo “agressor” para se referir ao sujeito ativo da violência doméstica e familiar contra a mulher. Inclusive, dentro do contexto dessa Lei, esse sujeito ativo pode ser outra mulher, o que traz a possibilidade de considerarmos a violência doméstica dentro do contexto das relações entre lésbicas.

A Lei Maria da Penha não faz menção alguma à idade do agressor. A preocupação está em criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar, de forma a não restringir sua aplicação aos imputáveis, já que esse tipo de violência pode ser exercido por adolescentes. Nessa situação entram em cena as medidas socioeducativas como resposta ao ato infracional cometido pelo/a adolescente.

3.3. Considerações finais

No presente estudo investigou-se como os jovens agressores e/ou vítimas de violência física ou psicológica no namoro avaliam esses tipos de violência. Também identificou quais foram as estratégias de enfrentamento que eles (vítimas e agressores) tiveram ao vivenciarem violência em seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Os resultados deste estudo revelam contribuições interessantes para as futuras investigações sobre o fenômeno da violência entre os jovens. Por exemplo, a maioria dos e das jovens participantes, assim como seus (suas) parceiros (as), eram adolescentes quando experimentaram essa relação afetiva com violência, por isso muitos deles assinalaram a própria imaturidade e a do parceiro (a) como justificativa para o não reconhecimento da violência existente e para não ter buscado ajuda para enfrentar o problema. Foi interessante observar como os jovens participantes tinham uma ideia clara sobre o que é violência física e psicológica, tanto assim que os exemplos dados corroboraram com os já encontrados na literatura, ainda que no momento da relação não conseguissem vê-lo como tal e seus pensamentos de “amor romântico” obstruíam o entendimento do que realmente estava ocorrendo. Crenças como, por exemplo, pensar que o parceiro poderia mudar o comportamento violento e permanecer na relação, apesar das situações violentas bem como se sacrificar por amor, conduziram os participantes a permanecer por até dois anos na relação

após os episódios de violência entre eles terem começado.

Nossa pesquisa também evidenciou que tanto homens como mulheres são vítimas e agressores nas relações amorosas e que, independente do gênero, eles mencionaram não ter obtido apoio e/ou informação sobre resolução de conflitos de forma assertiva em seus relacionamentos. Sendo assim, a violência foi a única forma encontrada pela maioria deles para lidar com a situação, apresentando uma violência bidirecional, em que as duas partes se agrediam.

Com relação às causas e consequências da violência no namoro, várias delas foram identificadas, fornecidas tanto pelos participantes como pela literatura. Desde ciúmes até violência intrafamiliar foram elencadas, assim como álcool, características de personalidade, entre outras. Quanto às consequências de ter vivenciado violência, física ou psicológica nas relações afetivas, os participantes mencionaram que as psicológicas são as mais duradouras e dolorosas, ficando evidente que essas consequências são mais severas nas mulheres do que nos homens.

Corroborando que há diferenças de gênero quando se trata de violência no namoro, às mulheres do nosso estudo sofreram uma violência mais severa da experimentada pelos homens e eles demonstraram ter maior tolerância diante das situações violentas vividas pelas mulheres.

A rede de apoio é um dado muito importante, mas pouco estudado. Observou-se que se muitos jovens tivessem terminado seus relacionamentos (ou verbalizado acerca dos fatos ocorridos) quando a violência começou, provavelmente teriam uma rede de apoio sólida e estável. Mas, não ocorreu dessa forma. A opção de não contar as experiências, minimizando o fato, por vergonha ou medo, não falando aos amigos ou familiares, e sem ajuda profissional para resolver a situação, mostrou o quanto as barreiras em relação ao tema da violência ainda são difíceis de serem ultrapassadas.

O estudo teria sido mais enriquecedor se tivesse um número maior de participantes de ambos os sexos e se esses estivessem vivenciando violência no namoro no momento atual. Também, é importante mencionar que obtimos mais informação do lado da vítima que do agressor, pois os participantes se identificaram mais do lado da vítima. Mas, é um tipo de população de difícil acesso, pois os jovens não se sentem a vontade de falar sobre essas experiências.

Da mesma forma, é bastante relevante estudar a associação existente entre violência intrafamiliar e violência nas relações de namoro. Vários dos participantes que agrediram o(a) seu parceiro(a) citaram violência intrafamiliar na infância, e há também muitos estudos que corroboram a correlação entre violência intrafamiliar e violência no namoro. Também é importante pesquisar a violência sexual sofrida pelas mulheres nas relações de violência. Nosso estudo corroborou que as mulheres que se encontram em uma relação de violência sofrem esse tipo de violência, ainda que essa modalidade de violência não estivesse nos objetivos da pesquisa.

Por conseguinte, o mais importante a destacar é a veracidade do fenômeno, jovens envolvendo-se em relações afetivas violentas, nas quais ambos os sexos são agressores e vítimas. Portanto, é

importante continuar pesquisando ferramentas de prevenção de violência no namoro para erradicar esse grave problema, tanto em nível institucional como familiar. Mas também brindar com ferramentas de resolução de conflito com informações sobre os conceitos de relacionamentos abusivos e saudáveis para os adolescentes-jovens que desejam se envolver em uma relação de namoro e, por último, acompanhá-los como amigos, como pais, como profissionais, pois eles precisam de uma rede de apoio.

Referências

- Abramo, H. W. (1997) Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação. (Número especial - Juventude e contemporaneidade)*, 5(6), 73-90.
- Afonso, J., & Teixeira, F. (2015). Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 504-523.
- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo-Brasil. *Psicologia: teoria e prática*, 6(1), 105-120.
- Almeida, A. M. L. G. de. (2010). *Prevalência da vitimização física e fatores associados à violência entre namorados adolescentes da cidade do Recife*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Pernambuco, Brasil.
- Almeida, I., & Soeiro, C. (2010). Avaliação de risco de violência conjugal: Versão para polícias (SARA: PV). *Análise Psicológica*, 28(1), 179-192.
- Almeida, T. de. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498.
- Alves, Z. M. M. B., & Silva, M. H. G. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (2), 61-69.
- Alvim, S. F., & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: teoria e prática*, 7(2), 171-206.
- Anaconda, C. A. (2008). Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 26, 227-241.
- Antoniazzi, A. S., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.

- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107.
- Aquino, T. A. A., Gouveia, V. V., Patrício, K. S. C., Silva, M. G. S., Bezerra, J. L. M., Souza Júnior, V. B., & Oliveira Neto, W. M. (2012).
- O amor entre jovens em tempos de ficar: correlatos existenciais e demográficos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 112-125.
- Araújo, H. I. D. S. (2013). Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo. Trabalho para obtenção de Licenciatura em Criminologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Fernando Pessoa, Porto. Disponível em <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3934>.
- Araújo, L. M. D. (2012). Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(9), 2553-2554.
- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680.
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2010). Adolescent dating violence: Do adolescents follow their friends' or their parents' footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19, 162-184.
- Barbosa, A. C. dos S. (2014). *Experiências adversas precoces, vinculação romântica e experiências de violência entre jovens adultos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade Lusófona do Porto, Portugal.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 3. reimp. Lisboa: Edições 70.
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. D., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciência e Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243.

- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. de, Bigras, M., Njaine, K., & Assis, S. G. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(1), 217-228.
- Bascón, M., Saavedra, J., & Arias, S. (2013). Conflictos y violencia de género en la adolescencia. Análisis de estrategias discursivas y recursos para la coeducación. *Profesorado. Revista de Currículum y Formación de Profesorado*, 17(1), 289-307.
- Belei, R. A., Gimenez-Paschoal, S. R., Nascimento, E. N., & Matsumono, P. H. V. R. (2012). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, (30), 187-199.
- Black, B. M., & Weisz, A. N. (2003). Dating violence: Help-seeking behaviors of African American middleschoolers. *Violence Against Women*, 9(2), 187-206.
- Blázquez Alonso, M., Moreno Manso, J. M., & García-Baamonde Sánchez, M. E. (2009). Estudio del maltrato psicológico, en las relaciones de pareja, en jóvenes universitarios. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 7(18), 691-714.
- Blázquez-Alonso, M., Moreno-Manso, J. M., García-Baamonde Sánchez, M., & Guerrero-Barona, E. (2012). La competencia emocional como recurso inhibitor para la perpetración del maltrato psicológico en la pareja. *Salud mental*, 35(4), 287-296.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos Cedes*, 24(62), 26-43.
- Bonella, M. (2014). Joven confessa ter matado a ex namorada de 18 no ES. *Globo Online*. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/03/jovem-confessa-ter-matado-ex-namorada-de-18-anos-no-es.html>
- Caldwell, J. E., Swan, S. C., Allen, C. T., Sullivan, T. P., & Snow, D. L. (2009). Why I hit him: Women's reasons for intimate partner violence. *Journal of aggression, maltreatment & trauma*, 18(7), 672-697.

- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research, 18*(6), 664-681.
- Cantera, L. M & Blanch, J. M. (2010). Percepción social de la violencia en la pareja desde los estereotipos de género social. *Intervención Psicossocial, 19*(2), 121-127.
- Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. *Journal of Family Violence, 22*(2), 101-111.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica, 24*(4), 484-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia, 22*(1), 77-104.
- Castro, R. J. D. S. (2009). *Violência no namoro entre adolescentes do recife: em busca de sentidos*. Mestrado em Saúde Pública, Departamento de Saúde Coletiva, Fundação Oswaldo Cruz, Recife-PE, Brasil.
- Castro, R., & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Revista de Saúde Pública, 38*(1), 62-70.
- Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: Risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence, 18*(6), 325-339.
- Cloitre, M., & Rosenberg, A. (2006). Sexual revictimization. Em V. C. Follette & J. I. Ruzek (Eds.), *Cognitive-behavioral therapies for trauma* (pp. 321-361). New York, London: The Guilford Press.
- Coelho, C., & Machado, C. (2010). Violência entre jovens: prevenção através da educação por pares. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga: Escola de Psicologia da Universidade do Minho.

- Coker, A. L., Smith, P. H., Bethea, L., King, M. R., & McKeown, R. E. (2000). Physical health consequences of physical and psychological intimate partner violence. *Archives of family medicine*, 9(5), 451-457.
- Colares, M. D. F. A., Troncon, L. E. D. A., Figueiredo, J. F. C., Cianflone, A. R. L., Rodrigues, M. D. L. V., Piccinato, C. E., ... & Coleta, J. A. D. (2002). Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 26(3), 194-203.
- Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Gritos do silêncio: a violência psicológica no casal. *Psico*, 44(3), 310-318.
- Connolly, J., Friedlander, L., Pepler, D., Craig, W., & Laporte, L. (2010). The ecology of adolescent dating aggression: Attitudes, relationships, media use, and socio-demographic risk factors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(5), 469-491.
- Corral, S. (2009). Estudio de la violencia en el noviazgo en jóvenes universitarios/as: Cronicidad, severidad y mutualidad de las conductas violentas. *Psicopatología Clínica Legal y Forense*, 9, 29-48.
- Corral, S. (2009). Estudio de la violencia en el noviazgo en jóvenes universitarios/as: cronicidad, severidad y mutualidad de las conductas violentas. *Psicopatología Clínica Legal y Forense*, 9(1), 29-48.
- Couto, J. M. D. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense e Criminal, Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Portugal.
- Creswell, John W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (2. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Cyr, M., McDuff, P., & Wright, J. (2006). Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 21(8), 1000-1017.

- Chaves, J. F. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na actualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2002). Violence – a global public health problem. Em E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi & R. Lozano (Eds.), *World report on violence and health* (pp. 1–22). Geneva: World Health Organization.
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(supl), 1163-1178.
- De Ataíde, M. A. (2015). Namoro: uma relação de afetos ou de violência entre jovens casais?. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 12(1), 248-270.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2005). Qualitative research. *Denzin, NK y Lincoln YS*.
- Dias, A. R. C., & Machado, C. (2008). Género e violência conjugal - Uma relação cultural. *Análise Psicológica*, 26(4), 571-586.
- Dixe, M. A., Rodrigues, A. L., Frere, C., Rodrigues, G., Fernandes, M. & Dias, T. (2010). Violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga, Portugal. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/334/1/A%20Viol%C3%Aancia%20de%20G%C3%A9nero%20na%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20Namoro%20em%20Estudantes%20do%20Ensino%20Superior%20Pr%C3%A1ticas%20e%20Comportamentos%20de%20Viol%C3%Aancia.pdf>
- Douglas, E. M., & Hines, D. A. (2011). The helpseeking experiences of men who sustain intimate partner violence: An overlooked population and implications for practice. *Journal of Family Violence*, 26(6), 473–485.
- Dutton, D. G., & Nicholls, T. L. (2005). The gender paradigm in domestic violence research and theory. *Aggression and violent behavior*, 10(6), 680-714.

- Dutton, D. G., Nicholls, T. L., & Spidel, A. (2005). Female perpetrators of intimate abuse. *Journal of Offender Rehabilitation, 41*(4), 1-31.
- Erlandsson, K., Jinghede Nordvall, C., Öhman, A., & Häggström-Nordin, E. (2013). Qualitative interviews with adolescents about “friends-with-benefits” relationships. *Public Health Nursing, 30*(1), 47-57.
- Filipe, S. D. A. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Flake, T. A., Barros, C., Schraiber, L. B., & Menezes, P. R. (2013). Intimate partner violence among undergraduate students of two universities of the state of Sao Paulo, Brazil. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 16*(4), 801-816.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa* (Coleção Pesquisa qualitativa). São Paulo: Artmed.
- Foshee, V. A., Linder, F., MacDougall, J. E., & Bangdiwala, S. (2001). Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Preventive medicine, 32*(2), 128-141.
- Freitas, M. V. D., Abramo, H. W., & León, O. D. (2005). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa.
- Frutuoso, A. L. P. (2014). *Violência no namoro. Percepções, experiência pessoal e formação académica de jovens futuros médicos*. Dissertação de Mestrado em Medicina, Universidade do Porto, Portugal.
- García, F. E., Wlodarczyk, A., Reyes Reyes, A., San Cristóbal Morales, C., & Solar Osadey, C. (2014). Violencia en la pareja, apoyo social y bienestar psicológico en adultos jóvenes. *Ajayu (RAP), 12*(2), 246-265.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas, 35*(3), 20-29.

- Gomes, R. (2011). Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. Em M. C. S. Minayo, S. G. Assis & K. Njaine (Orgs.), *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Gómez, A. H. (2007). La prevención de la violencia de género en adolescentes. Una experiencia en el ámbito educativo. *Apuntes de Psicología*, 25, 322-340.
- Gómez, J. A. M., & Anacona, C. A. R. (2014). Prevención de violencia en el noviazgo: una revisión de programas publicados entre 1990 y 2012. *Pensamiento Psicológico*, 12(1), 117-132.
- Gómez, M. C. S., Vicario, B. P., & García, A. V. M. (2015). Indicadores de violencia de género en las relaciones amorosas. Estudio de caso en adolescentes chilenos. *Pedagogía social, Revista interuniversitaria*, (26), 85-109.
- Gomez, P. N., Diniz, F. M. N., Araújo, S. A., & Coelho, T. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-508.
- Gonçalves, M. A. S. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescente nos Açores*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.
- González Flores, M., Yedra, L. R., Oliva Zárata, L., & Rivera Vargas, E. A. (2013). El uso de sustancias asociado a las expresiones de violencia en relaciones de noviazgo en una universidad mexicana. *Psicologia.com*, 17(16), Disponível em: <http://www.psiquiatria.com/bibliopsiquis/handle/10401/6213>
- Gonzalez Lozano, M. del P. (2008). *Violencia en las relaciones de noviazgo entre jóvenes y adolescentes de la comunidad de Madrid*. Tese de Doutorado, Universidad Complutense de Madrid, Espanha.
- Hamby, S., Finkelhor, D., & Turner, H. (2012). Teen dating violence: Co-occurrence with other victimizations in the National Survey of Children's Exposure to Violence (NatSCEV). *Psychology of violence*, 2(2), 111-124.

- Heise, L. & Garcia-Moreno, C. (2002). *World Report on Violence and Health*. Genebra: WHO.
- Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2002). Violence by intimate partners. Em E. G. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi & R. Lozano (Eds.), *World Report on Violence and Health* (pp. 87-121). Genebra: WHO.
- Hernandez, G. S., & Mendoza, M. P. R. (2009). Recognition and use of sexual coercion tactics in men and women in the context of heterosexual relations: A study of university students. *Salud Mental*, 32, 487-494.
- Herrera, V. M., Wiersma, J. D., & Cleveland, H. H. (2008). The influence of individual and partner characteristics on the perpetration of intimate partner violence in young adult relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(3), 284-296.
- Jesus, J. S. O. (2005). Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 6(1), 67-73.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *Lancet*, 359(9315), 1423-1429.
- Justo, J. S. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 17(1), 61-77.
- Koury, M. G. P. (2004). Cultura da violência e o medo do outro: observações sobre medos, violência e juventude no Brasil atual. *Revista de Antropologia Experimental*, 4, 1-10.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002), *World Report on Violence and Health*. Genebra: WHO.
- Lamoglia, C. V. A., & Minayo, M. C. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Nova York: Springer.
- Lima, L. P. (2006). Atitudes: Estrutura e mudança. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp.187-225) (7 ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 972-31-0845-3

- Lima, D. C., Büchele, F., & Clímaco, D. A. (2008). Homens, gênero e violência contra a mulher. *Saude e Sociedade, 17*(2), 69-81.
- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). *Violência e Género Inquérito Nacional sobre a Violência Exercida contra Mulheres e Homens* (Coleção Estudos de Género). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- López-Cepero Borrego, J., Rodríguez Franco, L., Rodríguez Díaz, F. J., & Molleda, C. B. (2014). Violência em namoros: revisão bibliográfica e bibliométrica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 66*(1), 1-17.
- Lozano, M. P. G., Muñoz-Rivas, M. J., Fernández, M. E. P., Gámez, M., & Fernández, L. (2007). Análisis de las conductas agresivas en las relaciones de noviazgo en una muestra juvenil de la comunidad autónoma de madrid. *Psicopatología Clínica Legal y Forense, 7*(1), 97-111.
- Luthra, R., & Gidycz, C. A. (2006). Dating violence among college men and women evaluation of a theoretical model. *Journal of Interpersonal Violence, 21*(6), 717-731.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a portuguese sample. *Journal of Family Violence, 25*, 43–52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Machado, L. Z. (2013). Gênero, um novo paradigma?. *Cadernos Pagu, 11*, 107-125.
- Manuel, S. C. G. (2014). *A violência no namoro entre jovens adultos*. Dissertação de Mestrado em Educação para a Saúde, Universidade do Porto, Portugal.
- Marcos, T. F. P. (2014). *Delinquência juvenil, violência no namoro e aceitação/rejeição do parceiro íntimo: um estudo com jovens rapazes portugueses internados em centros educativos*. Mestrado em Medicina Legal, Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade do Porto, Portugal.

- Mason, B., & Smithey, M. (2012). The effects of academic and interpersonal stress on dating violence among college students a test of classical strain theory. *Journal of interpersonal violence, 27*(5), 974-986.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: teoria e prática, 8*(1), 55-75.
- Mayer, L. R., & Koller, S. H. (2012). Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica. *LF Habigzang, S. H. Koller & Cols., Violência contra crianças e adolescentes: Teoria, pesquisa e prática, 21-32.*
- McCauley, J., Yurk, R. A., Jenckes, M. W., & Ford, D. E. (1998). Inside "Pandora's box". *Journal of General Internal Medicine, 13*(8), 549-555.
- Medeiros, R. A., & Straus, M. A. (2006). Risk factors for physical violence between dating partners: Implications for gender-inclusive prevention and treatment of family violence. Em J. Hamel & T. Nicholls (Eds.), *Family interventions in domestic violence: A handbook of gender-inclusive theory and treatment* (pp. 59-85). Nova York: Springer.
- Medina-Ariza, J., & Barberet, R. (2003). Intimate partner violence in Spain findings from a national survey. *Violence against women, 9*(3), 302-322.
- Méndez, R. G., & Hernández, J. D. S. (2001). La violencia en parejas jóvenes. *Psicothema, 13*(1), 127-131.
- Miller, E., Breslau, J., Chung, W. J., Green, J. G., McLaughlin, K. A., & Kessler, R. C. (2011). Adverse childhood experiences and risk of physical violence in adolescent dating relationships. *Journal of Epidemiology and Community Health, 65*(11), 1006-1113.
- Miller, L. M. (2011). Physical abuse in a college setting: A study of perceptions and participation in abusive dating relationships. *Journal of Family Violence, 26*(1), 71-80.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G. de; Njaine, K. (2011). É possível construir relações amorosas sem violência. Em M. C. S. Minayo, S. G. Assis & K. Njaine (Orgs.), *Amor e violência: um*

- paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 207-212). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G. de; Njaine, K. (Orgs.). (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Moraes, M. L. Q. de. (1998). Usos e limites da categoria gênero. *Cadernos Pagu*, (11), 99-105.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Moreno, M, Sastre, G., & Hernández, J. (2003). Sumisión aprendida: un estudio sobre la violencia de género. *Anuario de psicología*, 34(2), 235-251.
- Mourão, A. R. (2014). *O duplo padrão sexual e a sua relação com a violência nas relações amorosas esporádicas dos/as jovens portugueses*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário da Maia, Portugal.
- Muñoz-Rivas, M. J., Graña, J. L., & González, M. P. (2011). Abuso psicológico en parejas jóvenes. *Psicología Conductual*, 19, 117-131.
- Murta, S. G., dos Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & de Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 117-131.
- Murta, S. G., dos Santos, B. R. P., Nobre, L. A., de Araújo, I. F., Miranda, A. A. V., de Oliveira Rodrigues, Í., & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263-288.
- Narváez, B. L. R. (2014). La elección de las relaciones románticas de los jóvenes y su conexión con las relaciones familiares. *Actas do IV Congresos Internaciales em Reconocimiento de La Fertilidad*, Medellín, Colômbia.
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. D. L. M. (2008). A violência nas relações entre casais de namorados. *Fazendo gênero*, 1-8.
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. D. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525.

- Nina Estrella, R. (2011). Significado del amor en la adolescencia puertorriqueña. *Acta de investigación psicológica*, 1(3), 473-485.
- O'Leary, K. D., Slep, A. M. S., Avery-Leaf, S., & Cascardi, M. (2008). Gender differences in dating aggression among multiethnic high school students. *Journal of Adolescent Health*, 42(5), 473-479.
- Oliveira, J., A. (2011). *Violência no namoro: adaptação de um programa de prevenção em jovens universitários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170.
- Oliveira, Q. B. M., de Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707-718.
- Organización de Naciones Unidas (ONU). (1994). *Declaración sobre la eliminación de La violencia de género* (Res A/R/48/104). New York: Naciones Unidas.
- Organización de Naciones Unidas (ONU). (2013). Centro de Noticias ONU. Disponível em <http://www.un.org/spanish/>.
- Póo, A. M., & Vizcarra, M. B. (2008). Violencia de pareja en jóvenes universitarios. *Terapia psicológica*, 26(1), 81-88.
- Prather, E., Dahlen, E. R., Nicholson, B. C., & Bullock-Yowell, E. (2012). Relational Aggression in College Students' Dating Relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 21(7), 705-720.
- Protivnak, J. J., & McRoberts, J. L. (2011). Abusive partner relationships in secondary schools: identification and intervention strategies for school counsellors. *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 21(01), 49-59.

- Ribeiro, D. B.; Rosa, E. M., & Garcia, M. L. T. (2006). Alcoolismo e violência em família: fugindo das armadilhas da simplificação. *Emancipação* 6(1), 189-204.
- Ribeiro, D. & Aníbal, F. (2011). Namoro termina em tragédia. *Gazeta do Povo* Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1198066>
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femeninas (12-24 años). *Salud Pública de México*, 48, s288-s296.
- Rodríguez, M. M., & Barajas, D. D. (2013). Noviazgo: evolución del significado psicológico durante la adolescencia. *Uaricha*, 10(22), 20-31.
- Rohrbaugh, J. B. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, 44(2), 287-299.
- Rubio-Garay, F., Carrasco, M. Á., Amor, P. J., & López-González, M. A. (2015). Factores asociados a la violencia en el noviazgo entre adolescentes: una revisión crítica. *Anuario de Psicología Jurídica*, 25(1), 47-56.
- Saavedra, R. M. M. (2010). *Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Tese de Doutorado, Universidade do Minho, Portugal.
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Violência nas relações de namoro entre adolescentes: Avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 109-130.
- Saffioti, H. I. B. (1992). Rearticulando gênero e classe social. Em A. O. Costa & M. C. Bruschini (Orgs.), *Uma questão de gênero*. São Paulo, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Fundação Perseu Abramo.
- Sánchez Jiménez, V., Ortega Rivera, F. J., Ortega Ruiz, R., & Viejo Almanzor, C. (2008). Las relaciones sentimentales en la adolescencia: satisfacción, conflictos y violencia. *Escritos de Psicología (Internet)*, 2(1), 97-109.

- Santos, M^a C. (2009). *Subtexto de género en los mensajes entre jóvenes. Aplicaciones para una educación en igualdad*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha.
- Santos, A. S. D. (2014). *Violência no namoro em jovens que vivenciam pobreza e exclusão social*. Tese de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, Instituto Universitário da Maia, Portugal.
- Scott, J. W. (1995). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica* (Trad. Guacira Louro, Rev. Tomaz Tadeu da Silva). *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Schleiniger, C. dos. S. (2013). *Violência & gênero nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.
- Schraiber, L. B., & D'Oliveira, A. F. L. P. (1999). Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 3(5), 11-26.
- Sequera, L. K. (2015). *Significado de las redes sociales para los adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidad de Caraboro, Valencia, Espanha.
- Shorey, R. C., Stuart, G. L., & Cornelius, T. L. (2011). Dating violence and substance use in college students: A review of the literature. *Aggression and violent behavior*, 16(6), 541-550.
- Silva Pereira, C. (2010). Juventude como conceito estratégico para a publicidade. *Comunicação Mídia e Consumo*, 7(18), 37-54.
- Silva, C. R., & Lopes, R. E. (2010). Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 17(2), 87-106.
- Silva, C. R., Gobbi, B. C., & Simão, A. A. (2011). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, 7(1), 70-81.
- Silva, T. L., Medrado, B., & de Melo, D. S. P. (2013) Meninas e meninos adolescentes construindo sentidos para o ciúme em suas relações afetivo-sexuais: violência disfarçada de amor!?. *Anais*

do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios atuais dos feminismos. Florianópolis.

Smeha, L. N. & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45.

Smith, P. H., White, J. W., & Holland, L. J. (2003). A longitudinal perspective on dating violence among adolescent and college-age women. *American Journal of Public Health*, 93(7), 1104-1109.

Soares, J. D. S. F., Lopes, M. J. M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6), 1121-1130.

Stets, J. E., & Straus, M. A. (1990). Gender differences in reporting marital violence and its medical and psychological consequences. Em M. A. Straus & R. J. Gelles (Eds.), *Physical Violence in American Families: Risk Factors and Adaptations to Violence in 8,145 Families* (pp. 227-244). New Brunswick, NJ: Transaction Publishing.

Straus, M. A. & Ramírez, I. L. (2007). Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior*, 33, 281-290.

Subsecretaría de Prevención y Participación Ciudadana, Gobierno Federal do México (2012). *Guía del Taller Prevención de la Violencia en el Noviazgo*. México: Secretaría de Seguridad Pública.

Testa, M., Hoffman, J. H., & Leonard, K. E. (2011). Female intimate partner violence perpetration: Stability and predictors of mutual and nonmutual aggression across the first year of college. *Aggressive behavior*, 37(4), 362-373.

Torres, J. C. (2014). *Violência e representações sociais de gênero: discursos de jovens imigrantes cabo-verdianos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário da Maia, Portugal.

- Vieira, A. M. D. S. (2013). *Representações sociais da violência entre parceiros íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Vives, C., Álvarez-Dardet, C., & Caballero, P. (2003). Intimate partner violence in Spain. *Gaceta Sanitaria*, 17(4), 268-274.
- Vizcarra Larrañaga, M. B., & Póo Figueroa, A. M. (2010). Violencia de pareja en estudiantes universitarios del sur de Chile. *Universitas Psychologica*, 10(1), 89-98.
- Waiselfisz, J. J. (2014) Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil. Brasil, DF. Disponível em http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf
- Walker, K. (1994). I'm no friends the way she's friends: Ideological and behavioral constructions of masculinity in men's friendships. *Masculinities*, 2(2), 38-55.
- Ward, L. M. (2003). Understanding the role of entertainment media in the sexual socialization of American youth: A review of empirical research. *Developmental Review*, 23(3), 347-388.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical psychology review*, 19(4), 435-456.
- West, C. M. (2008). "A thin line between love and hate"? Black men as victims and perpetrators of dating violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 16(3), 238-257.
- Wolfe, D. (2000). Dating violence through the lens of adolescent romantic relationship. *Child Maltreat*, 5, 360-363.
- Yedra, L. R., & Flores, M. D. P. G. (2015). Violencia en el noviazgo asociada al consumo de sustancias en estudiantes universitarios de una universidad portuguesa. *Revista Iberoamericana para la Investigación y el Desarrollo*, 10. Disponível em <http://ride.org.mx/1-11/index.php/RIDASECUNDARIO/article/viewFile/387/379>.

Apêndice A- Instrumento I

Universidade Federal do Estado de Espírito Santo (UFES)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP)

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____ anos

Entendam como “namoro” qualquer relação afetiva/sexual que você ou alguém que você conhece está vivendo ou já viveu com algum parceiro por três meses ou mais.

1. Eu já sofri violência física no namoro Sim Não
2. Eu já sofri violência psicológica no namoro Sim Não
3. Eu já pratiquei violência física no namoro Sim Não
4. Eu já pratiquei violência psicológica no namoro Sim Não
5. Eu conheço algum jovem que sofreu e/ou praticou violência física e/ou psicológica no namoro Sim Não

Se você respondeu que sim em alguma das questões acima, favor deixar seu contato (E-MAIL E TELEFONE) _____

Também, coloco a sua disposição meu email, dianamora1907@gmail.com. Obrigada.

Entrevistador:

I DADOS GERAIS

Participante:

Idade:

Sexo:

Escolaridade/grau de instrução:

Sexo do parceiro (a):

Idade parceiro (a):

Escolaridade/grau de instrução do parceiro:

Duração da entrevista:

II- VISÃO SOBRE NAMORAR E FICAR ATUALMENTE

1. Para você, o que é ficar?
2. E o que seria namorar?
3. Existe alguma diferença entre ficar e namorar? Qual?
4. O que é mais comum atualmente, ficar ou namorar? Por quê?

III – VISÃO SOBRE A VIOLÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS

5. Na sua opinião, o que seria a violência no namoro? Dê exemplos.
 - 5.1 O que é violência física? Dê exemplos.
 - 5.2 O que é violência psicológica? Dê exemplos.

III – VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO

6. Que tipo de violência você acha que mais acontece no namoro (física ou psicológica)? Por quê?
 - 6.1 De maneira geral, quem **pratica** mais violência física no namoro, o homem ou a mulher?
 - 6.2 E Quem **sofre** mais violência física, o homem ou a mulher?
 - 6.3 De maneira geral, quem **pratica** mais violência psicológica no namoro, o homem ou a mulher?
 - 6.4 E quem **sofre** mais violência psicológica no namoro, o homem ou a mulher?
 - 6.5 Na sua opinião, qual violência seria a mais prejudicial (violência física ou psicológica)? Por quê?
 - 6.6 Você acha que a violência no namoro é frequente entre os jovens? Por quê?
 - 6.7 Você conhece alguém que esteja passando por tal experiência (violência no namoro)?
3. Eu vou listar 25 comportamentos e você me diz se é violência no namoro ou não.

sim não

1	Empurrar	
2	Puxar o cabelo	
3	Dar pontapés (chutar)	
4	Queimar a pessoa com algo quente (cigarro)	
5	Apertar os braços	
6	Esbofetear (tapa na cara)	
7	Bater, dar uma surra	
8	Sacudir a pessoa	
9	Ameaçar com uma faca/arma	
10	Tentar afogar	
11	Morder	
12	Lançar coisas, objetos	
13	Xingar	
14	Gritar	
15	Criticar e influenciar no modo do outro se vestir	
16	Humilhar (rebaixar)	
17	Ignorar a pessoa	
18	Destruição e/ou retenção de objetos	
19	Ameaçar (terminar a relação, agredir fisicamente, trair)	
20	Impedir o contato da pessoa com a família e/ou amigos	
21	Ciúmes ou suspeita de traição	
22	Acusar de provocar a conduta violenta	
23	Acusar de traição	
24	Controlar onde está e com quem está	
25	Controlar o gasto do outro	
26	Algum outro? _____	

7. Porque acontece violência no namoro? Quais fatores podem desencadear esse tipo de violência?

8. Quais são as consequências da violência no namoro para a vítima?

9. Quais são as consequências da violência no namoro para o agressor?

IV – EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DE VIOLÊNCIA NO NAMORO

10. Você já vivenciou violência física e/ou psicológica no seu relacionamento atual ou em algum relacionamento no passado?

11. Durante quanto tempo você está (esteve) nesse relacionamento?

11.1 Depois de quanto tempo, após o início do namoro, você vivenciou situações de violência no seu relacionamento?

11.2 Você lembra como foi a primeira vez?

11.3 Como você reagiu com seu(sua) parceiro(a)?

11.4 Como você reagiu com você mesmo? (Se fechou? Procurou ajuda?)

12. Você considera que sofre/ sofreu violência em seu relacionamento? Por quê?

12.1 Qual tipo de violência você sofre/ sofreu? Pode explicar?

12.2 Como você lidou com essa violência?

12.3 O que poderia ter motivado essa violência?

12.4 Você acredita que essa situação poderia ter sido evitada? Como?

13. Você considera que pratica/ praticou violência em seu relacionamento? Por quê?

13.1 Que tipo de violência você está praticando/ praticou? Por quê? Você consegue dizer alguma?

13.2 Como você lidou com essa situação?

13.3 O que poderia ter motivado essa violência?

13.4 Você acredita que essa situação poderia ter sido evitada? Como?

14. Além da violência física e/ou psicológica, você acha que está sofrendo ou praticando outra? Qual? Por quê?, Dê exemplos.

15. Quais são suas expectativas quanto ao futuro desse relacionamento? (Só para quem está em um relacionamento atual)

16. Você pensou em terminar a relação? (Só para quem está em um relacionamento atual) Se for afirmativo, ir para a pergunta 16.

17. O que você espera de um relacionamento futuro? (se a pessoa já não está nele ou falar querer acabá-lo)

V- REDES DE APOIO

18. Você fala/falou com alguém sobre isso? Como reage/reagiu essa pessoa?

19. Você procurou apoio? Qual tipo?

19.1 Qual foi o resultado?

20. Você gostaria de ter (tido) algum tipo de apoio?

20.1 Que tipo de apoio você gostaria de ter (tido) para lidar com a violência que você experimenta/experimentou?

VI – VIOLENCIA FAMILIAR

21. Você já sofreu algum tipo de violência no âmbito familiar? Como foi essa situação?

22. Você acha que esta violência sofrida tem algum tipo de influencia/reflexos nos seus relacionamentos? De que forma?

23. E no caso do seu (sua) parceiro (a)? Você acredita que ele sofre/sofreu algum tipo de violência no âmbito familiar? Você saberia descrever essas situações?

VII- PROGRAMAS DE ATENDIMENTO ÀS PESSOAS VÍTIMAS DE VIOLENCIA

24. Você conhece algum programa que atende vítimas de violência? Qual?

24.1 Você o acessou? Como foi a experiência?

24.2 Você conhece o “botão do pânico”? O que sabe sobre esse dispositivo? Você já utilizou? Gostaria de utilizar? Por quê?

Apêndice C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para participantes

(Instrumento II - Entrevista Individual)

A ser lido e assinado pelos participantes da pesquisa, conforme exigido pela Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Título: Violência física e/ou psicológica no namoro em jovens

Orientanda: Diana Mora Guerrero

Orientadora: Prof^a Dra. Edinete Maria Rosa

Parecer Comitê de Ética em Pesquisa

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Participantes

Aos Participantes:

Estamos realizando uma pesquisa sobre como os jovens lidam com a violência física e/ou psicológica, sofrida e/ou praticada no namoro, com o objetivo de conhecer a realidade dos jovens no namoro e compreender o porquê acontecem as situações de violência nas relações afetivas. A pesquisa torna-se relevante ao promover debates sobre a violência no namoro e possibilitar a proposição de estratégias de enfrentamento assertivas e saudáveis, na tentativa de prevenir uma possível violência conjugal. Para participar, os jovens farão uma entrevista com a pesquisadora. A entrevista será norteada por um roteiro com perguntas sobre como os jovens lidam com a violência física e/ou psicológica sofrida e/ou cometida no namoro e a avaliação de cada uma delas.

Serão tomados todos os cuidados para garantir que os participantes não sejam identificados ao se trabalhar com as informações do questionário. As informações serão analisadas para que se possa, no futuro, auxiliar os jovens em suas relações afetivo/sexuais.

A participação na pesquisa é voluntária e não acarretará nenhum ônus nem bônus financeiro para os participantes. Como benefício, podemos estimular a reflexão e o diálogo sobre o tema. Como desconforto, a discussão poderá tocar em aspectos pessoais, revelando conflitos intra e interpessoais. A pesquisa envolve riscos mínimos. Caso os incômodos provocados sejam relevantes, os participantes serão encaminhados para apoio psicológico nas redes de assistência à saúde ou em clínicas escolas, como a da UFES, por exemplo.

A sua colaboração é muito importante. As pesquisadoras responsáveis por esta pesquisa são a Prof^a Edinete Maria Rosa e a aluna do mestrado Diana Mora Guerrero da UFES. As informações levantadas por meio das entrevistas serão guardadas no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES e destruídas após o período de cinco anos.

Desde já agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e estamos à disposição para esclarecimentos pelos telefones 4009-7645 e 4009-2505.

Em caso de dúvida, você poderá procurar o pesquisador ou o Comitê de Ética em Pesquisa-CEP, conforme informações abaixo:

Telefones: (27) 3335-2501 (Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UFES)

E-mail: edineter@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, Campus Goiabeiras, Vitória/ES

Tel. (27) 4009-2430

Email: cep.goiabeiras@gmail.com

Fui informado (a) dos objetivos e da justificativa desta pesquisa, sobre violência física e/ou psicológica, sofrida e/ou praticada no namoro, de forma clara e detalhada. Recebi informações sobre como a pesquisa será realizada. Terei liberdade de desistir da participação na pesquisa, em qualquer momento. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordo em participar deste estudo.

Assinatura do participante

Data __/__/__

Assinatura da Pesquisadora da UFES

Data __/__/__